

NANCY SPRINGER

EnOLA HOLMES

O CASO
DO MARQUÊS
DESAPARECIDO

LIVRO 1



VERUS
EDITORA

NETFLIX

UM FILME
NETFLIX



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**



NANCY SPRINGER

EnOLA HOLMES

O CASO DO
MARQUÊS DESAPARECIDO

Tradução
Livia Koepl

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2020



VERUS
EDITORA

Editora

Raïssa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Lígia Alves

Revisão

Raquel Tersi

Diagramação

Beatriz Carvalho

Título original*The Case of The Missing Marquess – An Enola Holmes Mystery*

ISBN: 978-85-7686-833-0

Copyright © Nancy Springer, 2006

Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2020

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra

pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**Springer, Nancy, 1948-
S755e

Enola Holmes [recurso eletrônico] : o caso do marquês desaparecido / Nancy Springer ; tradução Livia Marina Koepl. - 1. ed. - Campinas [SP] : Verus, 2020.

recurso digital (Enola Holmes ; 1)

Tradução de : The case of the missing marquess : an Enola Holmes mystery

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 9788576868507 (recurso eletrônico)

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil americana. 3. Livros eletrônicos. I. Koepl, Livia Marina. II. Título. III. Série.

20-66198

CDD: 808.899282

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

CDU: 82-93(73)

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba
informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Para minha mãe — N. S.

SUMÁRIO

Agosto de 1888, distrito de East End, Londres, após o anoitecer

Capítulo primeiro

Capítulo segundo

Capítulo terceiro

Capítulo quarto

Capítulo quinto

Capítulo sexto

Capítulo sétimo

Capítulo oitavo

Capítulo nono

Capítulo décimo

Capítulo décimo primeiro

Capítulo décimo segundo

Capítulo décimo terceiro

Capítulo décimo quarto

Capítulo décimo quinto

Londres, Novembro de 1888

Solução do criptograma

AGOSTO DE 1888, DISTRITO DE EAST END, LONDRES, APÓS O ANOITECER

A ÚNICA LUZ VEM DAS POUCAS lamparinas a gás ainda intactas e dos fogareiros dos velhos vendedores nas calçadas, que, do lado de fora das tavernas, oferecem marisco cozido em panelas borbulhantes. A estranha, toda vestida de preto, do chapéu às botas, desliza de sombra em sombra sem ser notada, como se ela mesma fosse uma. De onde ela vem, é inconcebível que uma mulher se arrisque a sair à noite sem a companhia do marido, pai ou irmão. Mas ela fará o que for preciso para procurar a pessoa desaparecida.

Enquanto caminha, de olhos bem abertos atrás do véu preto, examina, procura e observa. Ela vê cacos de vidro no pavimento rachado. Vê ratos perambulando com ousadia, arrastando o repugnante rabo sem pelos. Crianças maltrapilhas correndo descalças em meio aos ratos e cacos de vidro. Casais cambaleantes de mãos dadas, os homens com colete vermelho de flanela e as mulheres com touca barata de palha. Vê alguém deitado ao pé de um muro, talvez bêbado, dormindo entre os ratos ou até mesmo morto.

Ela observa, mas também escuta. Em algum lugar, uma sanfona ressoa no ar cheio de fuligem. A investigadora de véu negro ouve a música ébria. Ouve uma garotinha chamando: “Papai? Pai?” do lado de fora de um bar. Gritos, risadas, exclamações embriagadas, vendedores ambulantes anunciando: “Ostras! Com molho de vinagre e fritas na gordura! Quatro por um centavo!”

Ela sente o cheiro do vinagre. Sente o cheiro de gim, repolho cozido, salsicha quente, sente o bafo salgado do porto mais próximo e o fedor do rio Tâmis. Sente o cheiro de peixe podre. Do esgoto a céu aberto.

Ela apressa o passo. Precisa continuar andando, pois não apenas procura como também é procurada. A caçadora de véu negro está sendo caçada. Para que seus perseguidores não a encontrem, ela precisa ir para bem longe.

No poste de luz seguinte, vê uma mulher de lábios pintados e olhos borrados esperando na entrada de uma casa. Um coche de aluguel estaciona e um homem de fraque e cartola reluzente desembarca. Embora a mulher na porta use um vestido de noite decotado que deve ter pertencido a uma dama da mesma classe social do cavalheiro, a observadora de véu negro não acredita que ele tenha vindo dançar. Ela vê os olhos exaustos da prostituta, apreensivos de medo, por mais sorridentes que sejam os lábios pintados de vermelho. Uma de suas colegas foi encontrada morta a poucas ruas dali, toda retalhada. Evitando seu olhar, a investigadora continua andando.

Um homem com a barba por fazer, encostado numa parede, pisca para ela:

— Senhorita, o que faz aí sozinha? Não quer companhia?

Se fosse um cavalheiro, não teria falado com ela sem as devidas apresentações. Ignorando-o, ela anda mais rápido. Não deve falar com ninguém. Ali não é o seu lugar. O conhecimento desse fato não a perturba, pois ela nunca pertenceu a lugar algum. E, de certo modo, sempre esteve sozinha. No entanto, é com o coração apertado que ela examina as sombras, pois agora não tem uma casa, é uma estranha na maior cidade do mundo, sem saber onde deitar a cabeça esta noite.

E, se Deus permitir que ela sobreviva até o amanhecer, espera apenas encontrar quem ela ama, quem tanto busca.

Penetrando cada vez mais nas sombras dos cortiços nas docas a leste de Londres, ela segue seu caminho. Sozinha.

CAPÍTULO PRIMEIRO

EU GOSTARIA MUITO DE SABER POR que minha mãe me deu o nome “Enola”, que de trás para a frente é *alone*, ou seja, *sozinha*. Mamãe era, ou talvez ainda seja, uma grande entusiasta de criptogramas e provavelmente tinha algo em mente quando inventou esse nome, fosse um pressentimento, uma espécie de bênção às avessas ou até algum plano, mesmo meu pai estando vivo na época.

Em todo caso, quase que diariamente ela me dizia: “Você vai se sair muito bem sozinha, Enola”. Eu cresci ouvindo isso. De fato, era seu jeito distraído e habitual de se despedir quando partia com seu caderno de desenho, seus pincéis e aquarelas para viajar pelo interior. E, de fato, eu estava sozinha quando, numa tarde de julho, em meu aniversário de catorze anos, ela simplesmente não voltou para Ferndell Hall, nossa casa.

Como eu já tinha celebrado meu aniversário com Lane, o mordomo, e sua esposa, a cozinheira, a ausência de minha mãe não me incomodou a princípio. Embora sempre fôssemos cordiais quando nos encontrávamos, minha mãe e eu poucas vezes falávamos de assuntos particulares. Presumi que uma questão urgente a tivesse retido em algum lugar, principalmente porque ela havia instruído a sra. Lane a me entregar alguns pacotes na hora do chá.

Os presentes de mamãe foram:

Um kit de desenho contendo papel, vários tipos de lápis, um canivete para apontá-los e borrachas, tudo arranjado de maneira bastante sistemática dentro de uma caixinha baixa de madeira que se transformava num cavalete.

Um livro grosso intitulado *O significado das flores: incluindo notas sobre as mensagens expressas por leques, lenços, lacres de cera e selos postais*.

Um livrinho muito menor sobre criptografia.

Embora meu talento como desenhista fosse limitado, minha mãe incentivava a pequena veia artística que havia dentro de mim. Ela sabia que eu gostava de desenhar, do mesmo modo que gostava de ler praticamente qualquer livro que me caísse nas mãos, não importava o tema — exceto criptografia, assunto que ela sabia não ser de grande interesse para mim. Apesar disso, era evidente que tinha feito aquele livrinho com as próprias mãos, que havia dobrado e costurado as páginas decoradas com delicadas flores em aquarela.

Aquele presente obviamente lhe dera algum trabalho. Ela não se esqueceu de mim, eu disse a mim mesma. E repeti isso com firmeza a tarde inteira.

Embora não fizesse a menor ideia de onde minha mãe pudesse estar, esperava que ela voltasse para casa ou pelo menos enviasse uma mensagem durante a noite. Com esse pensamento, dormi tranquila.

Mas, na manhã seguinte, Lane balançou a cabeça. Não, a dona da casa ainda não tinha retornado. Não, não chegara nenhum recado da parte dela.

Lá fora, começara a cair uma chuva cinzenta, para combinar com meu estado de espírito, que ia ficando cada vez mais apreensivo.

Após o desjejum, subi as escadas correndo e entrei em meu quarto, um agradável refúgio onde tudo, incluindo o guarda-roupa, o lavatório e a cômoda, era pintado de branco e enfeitado com pequenos ramalhetes rosa e azuis nos cantos. “Decoração campestre”, diziam. Falavam que eram móveis baratos, adequados somente para crianças, mas eu gostava deles. Na maior parte do tempo.

Não hoje.

Eu não podia ficar dentro de casa; na realidade, mal conseguia ficar parada para calçar as galochas. Vesti camisa e calção, roupas que tinham pertencido a meus irmãos mais velhos, e por cima joguei uma capa de chuva. Toda encapotada, desci ruidosamente as escadas e peguei um guarda-chuva no suporte da entrada. Saí pela porta da cozinha, dizendo à sra. Lane:

— Vou dar uma olhada por aí.

Curiosamente, era o que eu falava quase todos os dias quando saía de casa — em busca de algo, que, na maioria das vezes, eu não sabia o que era. Tudo me interessava. Eu subia em árvores para ver o que havia lá: conchas de caramujos listradas, montes de nozes, ninhos de pássaros. E, se achasse um ninho de pega, eu o revirava para encontrar as coisas que o pássaro tinha roubado: botões, fitas brilhantes, um brinco que alguém havia perdido. Eu fingia que algo de grande valor tinha desaparecido e que eu o procurava...

Só que dessa vez eu não estava fingindo.

A sra. Lane também sabia que dessa vez era diferente. Ela teria perguntado: “Onde está o seu chapéu, srta. Enola?”, pois eu sempre saía sem chapéu. Mas ficou em silêncio quando me viu sair.

Quando saí para procurar minha mãe.

Eu realmente acreditei que poderia encontrá-la sozinha.

Uma vez fora da vista da sra. Lane, comecei a correr para lá e para cá como um sabujo, caçando qualquer pista de minha mãe. No dia anterior, como presente de aniversário, eu tinha sido autorizada a ficar na cama até tarde, portanto não tinha visto mamãe sair. Mas, presumindo que ela houvesse, como de costume, passado algumas horas desenhando flores e plantas, eu a procurei primeiramente no terreno de Ferndell.

Mamãe gostava de deixar as coisas crescerem livres. Era assim que ela administrava sua propriedade. Vaguei pelos jardins tomados por flores selvagens, pelo gramado que arbustos espinhosos e amoras silvestres tinham invadido, uma verdadeira floresta envolta em vinhas e trepadeiras. E, durante todo esse tempo, o céu cinzento derramou sua chuva em mim.

O velho cão collie, Reginald, trotou a meu lado até ficar cansado de se molhar e fugir para encontrar abrigo. Era uma criatura sensata. Ensopada até a alma, eu sabia que devia fazer o mesmo, mas não consegui. Minha ansiedade havia aumentado, assim como a pressa, até que um medo genuíno me atingiu como um chicote. Medo de que minha mãe estivesse sozinha, ferida ou doente em algum lugar, ou de que ela tivesse — e esse medo eu não consegui afastar inteiramente, pois minha mãe já não era jovem — sofrido um ataque cardíaco. Ela

poderia ter... Não. Ninguém pode sequer pensar em usar uma palavra tão indelicada, quando existem outras melhores. Ela poderia ter expirado. Partido. Falecido. Ter se unido a meu pai.

Não. Por favor.

Qualquer um pensaria que, como minha mãe e eu não éramos “próximas”, eu não sentiria muito sua ausência. Mas foi o contrário; eu me senti horrível, achei que, se algo de ruim acontecesse com ela, a culpa seria toda minha. Eu me sentia culpada por tudo — por qualquer coisa, até por respirar —, pois havia nascido muito tarde, indecentemente tarde, na vida de minha mãe. Eu era um escândalo, um fardo. E sempre achei que com o tempo, conforme fosse crescendo, as coisas acabariam se resolvendo. Eu esperava que algum dia, de alguma maneira, acontecesse algo maravilhoso em minha vida, algo que afastasse a sombra da desgraça que pairava sobre mim.

E então, quem sabe, minha mãe me amaria.

Mas para isso ela precisava estar viva.

E eu *precisava* encontrá-la.

Procurando-a, atravessei uma floresta na qual gerações de nobres cavalheiros haviam caçado lebres e perdizes; entrei na gruta que dera nome à propriedade, subi e desci os degraus rochosos, cobertos por trepadeiras — um lugar que eu amava, mas que não visitava havia tempos. Continuei andando até o fim do terreno, onde a floresta terminava e a plantação começava.

E segui adiante, penetrando nos campos, pois mamãe podia muito bem ter ido para lá, por causa das flores. Como Ferndell não era muito longe da cidade, os moradores resolveram plantar jacintos, amores-perfeitos e lírios em vez de legumes, achando que teriam mais chances de enriquecer fornecendo diariamente flores frescas ao mercado de Covent Garden. Ali cresciam fileiras de rosas, uma profusão de margaridas, trechos e trechos de flamejantes zínias e papoulas, todas destinadas a Londres. Enquanto procurava minha mãe no campo de flores, eu sonhava com uma cidade resplandecente, onde criadas sorridentes colocavam todos os dias buquês recém-colhidos nos quartos das mansões, onde, todas as noites, belas damas e senhoras da

realeza enfeitavam e perfumavam seus colos, cabelos e vestidos com anêmonas e violetas. Londres, onde...

Mas hoje a plantação de flores estava encharcada com a chuva que caía, e meus sonhos de Londres duraram apenas um ou dois suspiros antes de evaporarem como a névoa que subia dos campos. Vastos campos. Quilômetros e quilômetros de campos.

Onde estava minha mãe?

Em meu sonhos — sonhos sobre mamãe, não sobre Londres —, eu mesma a encontraria, eu seria uma heroína, ela me olharia com gratidão e adoração quando eu a resgatasse.

Mas eram apenas sonhos, e eu era uma tola.

Até então, eu havia vasculhado apenas uma quarta parte da propriedade e muito menos da plantação. Se mamãe estivesse ferida, bateria as botas antes que eu pudesse encontrá-la por conta própria.

Eu me virei e corri de volta para casa.

Lá, o mordomo Lane e a sra. Lane caíram sobre mim como um casal de rolinhas que havia perdido o filhote. Ele pegou o guarda-chuva, me ajudou a tirar o casaco ensopado e as galochas, e ela me empurrou em direção à cozinha, para que eu me aquecesse em frente ao fogo. Embora não tivesse o direito de me repreender, ela deixou bem claro seu ponto de vista:

— A pessoa tem de estar louca para sair num tempo como esse e passar horas a fio debaixo de chuva — disse ela ao grande fogão a carvão, enquanto erguia a tampa. — Não importa se é aristocrata ou camponesa, se pegar friagem, ela pode morrer — acrescentou para a chaleira que acabara de colocar no fogão. — A tuberculose não vê idade ou condição social. — E isso ela disse à lata de chá.

Não havia necessidade de responder, pois ela não estava falando *comigo*. Ela não tinha permissão de dizer nada do tipo para mim.

— Tudo bem ser independente, só não precisa sair por aí procurando uma amigdalite, pleurisia, pneumonia ou algo pior — ela disse às xícaras de chá. Então virou para mim e, com um tom de voz completamente diferente, falou: — Com licença, srta. Enola, posso servir o almoço? Não é melhor trazer sua cadeira mais para perto do fogo?

— Vou assar como uma torrada se fizer isso. Não, não quero almoçar. Chegou alguma notícia da minha mãe? — perguntei, embora já soubesse a resposta, pois Lane ou a sra. Lane teriam dito de imediato quando que me vissem, mas ainda assim eu não podia deixar de perguntar.

— Não chegou nada, senhorita. — Ela envolveu as mãos no avental como se embrulhasse um bebê.

Eu me levantei e disse:

— Preciso escrever algumas cartas.

— Srta. Enola, não há lareira acesa na biblioteca. Deixe--me trazer tudo de que precisa e a senhorita faz isso aqui na mesa.

Fiquei feliz de não precisar ir até aquele aposento escuro e me sentar na grande poltrona de couro. A sra. Lane trouxe papel com o brasão da nossa família, tinta e a caneta-tinteiro, além do mata-borrão, e eu me sentei para escrever na cozinha aquecida.

Mergulhando a caneta na tinta e, a seguir, no papel de carta cor de creme, escrevi algumas palavras para a delegacia local, informando-os de que aparentemente minha mãe havia se perdido e pedindo que tivessem a bondade de organizar uma busca.

Mas então pensei: *Preciso mesmo fazer isso?*

Infelizmente, sim. Não podia mais adiar.

Depois, mais devagar, escrevi outra carta, uma que logo voaria quilômetros e quilômetros por telégrafo até ser impressa numa máquina de teletipo, com as seguintes palavras:

LADY EUDORIA VERNET HOLMES DESAPARECIDA DESDE ONTEM
PONTO PRECISO DE AJUDA PONTO ENOLA HOLMES

Enderecei o telegrama a Mycroft Holmes, de Pall Mall, Londres.

E enviei a mesma mensagem a Sherlock Holmes, de Baker Street, também em Londres.

Meus irmãos.

CAPÍTULO SEGUNDO

DEPOIS DE BEBER O CHÁ EXIGIDO pela sra. Lane, troquei o calção molhado por outro seco e comecei a me preparar para ir entregar meus bilhetes no vilarejo.

— Mas a chuva... A umidade... Dick pode levar para você — a sra. Lane ofereceu, torcendo de novo as mãos no avental.

Com isso ela se referia a seu filho adulto, que fazia serviços ocasionais na propriedade, enquanto o collie Reginald, que era muito mais inteligente, o supervisionava. Em vez de dizer à sra. Lane que eu não confiava em Dick para cumprir uma tarefa tão importante, respondi:

— Quero aproveitar para fazer algumas perguntas quando estiver lá. Vou levar a bicicleta.

Não era uma dessas bicicletas velhas de rodas altas, meio bambas, que fazem os ossos chacoalharem, mas uma pequena, nova em folha, com rodas pneumáticas, totalmente segura.

Comecei a pedalar em meio à garoa e parei por um momento na guarita — Ferndell é pequena para uma mansão, na verdade é mais uma casa de pedra de peito estufado, por assim dizer, mas precisava ter uma entrada, um portão e, portanto, uma guarita.

— Cooper — pedi ao porteiro —, pode abrir o portão para mim? Aliás, você se lembra de tê-lo aberto para minha mãe ontem?

Não conseguindo esconder o espanto com tal pergunta, ele respondeu negativamente. Em nenhum momento lady Eudoria Holmes passara por ali.

Após atravessar o portão, pedalei por uma curta distância até o vilarejo de Kineford.

No correio, enviei meus telegramas. Depois, deixei a mensagem na delegacia e falei com o policial antes de começar minha rota. Parei na casa paroquial, no verdureiro, na padaria, na confeitaria, no açougueiro, na peixaria e em vários outros lugares, sempre perguntando sobre minha mãe da maneira mais discreta possível. Ninguém a tinha visto. A esposa do vigário, entre outros, ergueu as sobrancelhas ao ouvir a pergunta. Imaginei que fosse por causa do meu calção. Sabe, para andar de bicicleta em público eu deveria estar usando “calças femininas” — calçolas revestidas de uma saia à prova d’água — ou qualquer tipo de saia longa o suficiente para esconder meus tornozelos. Eu sabia que minha mãe era bastante criticada por não manter adequadamente cobertas superfícies vulgares como baldes de carvão, a parte de trás do piano ou eu.

Eu era uma criança escandalosa.

Nunca questioneei minha desgraça, pois fazer isso implicaria levantar questões, como a de que uma “boa” garota deveria ser ignorante. Eu tinha reparado, no entanto, que a maior parte das mulheres casadas sumia a cada um ou dois anos e reaparecia vários meses depois com um novo filho, totalizando cerca de uma dúzia, quando então eles paravam de nascer ou simplesmente morriam. Minha mãe, em comparação, teve apenas dois filhos, muito mais velhos que eu. De alguma forma, essa limitação prévia tornou minha chegada tardia muito mais vergonhosa para aquele cavalheiro lógico-racionalista e sua bem-educada e artística esposa.

Os levantadores de sobrancelhas inclinaram a cabeça e sussurraram enquanto eu pedalava novamente por Kineford, indo desta vez até a estalagem, à forja do ferreiro, à tabacaria e à taverna local, lugares onde “boas” mulheres raramente pisavam.

Ninguém tinha visto nada.

Apesar de meus sorrisos amáveis e de minhas maneiras polidas, eu quase podia ouvir as fofocas, as suposições e os boatos excitados brotando pelas minhas costas, enquanto eu voltava para Ferndell num estado de espírito muito infeliz.

— Ninguém a viu — respondi ao olhar questionador e mudo da sra. Lane — nem faz alguma ideia de onde ela possa estar.

Mais uma vez rejeitando suas ofertas de almoço — embora estivesse quase na hora do chá —, subi com dificuldade as escadas que levavam aos aposentos de minha mãe e parei no corredor, do lado de fora, imaginando se ela havia trancado a porta. Supostamente para poupar a sra. Lane de mais trabalho — pois Lane e a sra. Lane eram os únicos criados da casa —, mamãe limpava ela mesma seus aposentos. Ela não permitia que ninguém entrasse lá, mas, devido às circunstâncias...

Decidi entrar.

Ao pôr a mão na maçaneta, eu já esperava ter de buscar Lane para conseguir a chave.

Mas a maçaneta girou facilmente.

A porta se abriu.

E naquele momento eu soube, se é que não sabia antes, que tudo havia mudado.

Ao olhar ao redor, no silêncio da sala de estar de minha mãe, me senti mais reverente do que se estivesse numa capela. Sabe, eu tinha lido os livros de lógica de meu pai, e Malthus, e Darwin; assim como meus pais, eu mantinha um ponto de vista racional e científico — mas estar no quarto de mamãe me fez sentir um desejo de acreditar. Em algo. Na alma, talvez, ou no espírito.

Mamãe tinha transformado seu quarto num santuário artístico. Painéis de seda japoneses estampados com lótus cobriam as janelas, de maneira a deixar incidir luz nos móveis finos de plátano, esculpidos à imagem e semelhança do bambu, muito diferentes do pesado mogno escuro do salão. Lá embaixo toda a madeira era envernizada, as grossas cortinas eram de sarja e nas paredes pendiam sombrios retratos a óleo de ancestrais, mas nos domínios de minha mãe a madeira tinha sido pintada de branco e nas paredes de tom pastel havia centenas de aquarelas delicadas: as etéreas, adoráveis e detalhadas representações de flores de mamãe, cada quadro menor ou do tamanho exato de uma folha de papel, com molduras leves.

Por um momento, senti como se mamãe estivesse naquele quarto, como se nunca houvesse saído dali.

Gostaria que fosse assim.

Suavemente, como se estivesse com medo de perturbá-la, saí nas pontas dos pés e entrei no aposento seguinte, seu estúdio: um quarto simples, com janelas sem cortinas, por causa da luz, e chão de assoalho, por causa da limpeza. Mexendo no cavalete, na mesa bamba, nas pilhas de papel e no material de pintura, encontrei uma caixa de madeira e franzi a testa.

Aonde quer que mamãe tivesse ido, não levava seu conjunto de aquarela.

Mas eu achei que...

Que estupidez a minha. Eu devia ter vindo aqui primeiro. Ela não tinha saído para estudar flores. Ela tinha ido embora — para onde, por que, eu simplesmente não sabia, e como pude pensar que poderia encontrá-la por conta própria? Como fui estúpida. Estúpida, estúpida.

Pisando firme, então, abri a porta seguinte, que levava ao quarto de mamãe.

E parei, atônita, por vários motivos. Primeiro e acima de tudo, por causa do estado da moderna e reluzente cama de latão de mamãe: ela estava desarrumada. Durante toda a minha vida, mamãe sempre se certificara de que eu arrumasse minha cama e meu quarto imediatamente após o desjejum; certamente ela não deixaria a própria cama desfeita, com os lençóis de linho jogados no chão, os travesseiros desalinhados e o confortável edredom roçando no tapete persa.

Suas roupas, além disso, não tinham sido guardadas de maneira adequada. Seu traje marrom de caminhada fora jogado descuidadamente sobre o espelho de corpo inteiro.

Mas, se não seu habitual traje de caminhada — com a saia que podia ser puxada para cima por um cordão, de maneira que apenas a anágua se molhasse ou sujasse, e descida rapidamente, caso um homem surgisse no horizonte —, se não aquela prática e moderna indumentária própria para o campo, então o que ela estava vestindo?

Afastando as cortinas de veludo para permitir que a luz entrasse pelas janelas, abri as portas do guarda-roupa e me detive, tentando compreender a confusão de roupas: lã, lã penteada, musselina e

algodão, mas também damasco, seda, tule e veludo. Mamãe era, como qualquer um podia ver, uma livre-pensadora, uma mulher de personalidade, defensora do sufrágio feminino e da reforma do vestuário vitoriano, inclusive dos vestidos macios e soltos enaltecidos por Ruskin — mas também, quer ela gostasse ou não, era uma viúva e tinha certas obrigações. De maneira que ela possuía trajes de caminhada e “calças femininas”, mas também vestidos formais e refinados, um vestido de noite decotado, um manto de ópera e um traje de baile — o mesmo antiquado vestido púrpura que ela usava havia anos, sem se importar se estava na moda ou não. Também não jogava nada fora. Lá estava a “roupa de viúva” que ela usara por um ano após a morte de meu pai. Lá estava o velho traje de caça verde-oliva, da época em que ela participava da caça à raposa. Lá estava seu comprido casaco cinza com capuz, para quando ia à cidade. Havia casacos de pele, jaquetas acolchoadas de cetim, saias de cashmere, blusas atrás de blusas... Eu não tinha como saber que roupa podia estar faltando naquela confusão de malva, bordô, azul-acinzentado, lavanda, oliva, preto, âmbar e marrom.

Fechando a porta do guarda-roupa, fiquei parada, perplexa, e olhei ao redor.

O quarto inteiro estava em desordem. As duas metades, ou os “suportes” de um espartilho, ao lado de outras peças não mencionáveis, jaziam escancaradamente em cima do lavatório de mármore, e sobre a penteadeira havia um objeto peculiar, parecido com uma almofada ou um pufe, feito com molas e tufo de crina branca de cavalo. Ergui o estranho objeto — bastante macio ao toque — para analisá-lo e, não conseguindo descobrir o que era, levei-o comigo quando saí dos aposentos de minha mãe.

Nos corredores do andar de baixo, encontrei Lane polindo a madeira. Mostrando a ele minha descoberta, perguntei:

— Lane, o que é isso?

Como mordomo, ele fez o possível para permanecer inexpressivo, mas gaguejou um pouco quando replicou:

— Isso é, hum, parte de uma anquinha, srta. Enola.

Anquinha?

Mas certamente não para usar na frente. Devia ser ajustado na parte de trás.

Ah.

Eu segurava em minhas mãos, num aposento público do salão, na presença de um homem, a não mencionável peça que ficava oculta nas partes de uma dama, suportando suas dobras e drapeados.

— Sinto muito! — exclamei, sentindo o calor aflorar no rosto. — Eu não fazia ideia. — Nunca tinha colocado uma anquinha em toda a minha vida, portanto jamais vira uma. — Mil desculpas — murmurei. Mas um pensamento urgente superou meu embaraço. — Lane — perguntei —, como minha mãe estava vestida quando deixou a casa ontem de manhã?

— É difícil dizer, senhorita.

— Ela estava carregando algum tipo de bagagem ou pacote?

— Não, não estava, madame.

— Nem mesmo uma bolsinha ou bolsa de mão?

— Não, senhorita. — Minha mãe raramente usava algo do tipo. — Creio que eu teria percebido se ela estivesse.

— Por acaso ela vestia um traje com, bem, hum... — A palavra *anquinha* soaria indelicada aos ouvidos de um homem. — Com uma cauda? Ou um suporte?

Se a resposta fosse afirmativa, seria algo bastante atípico da parte dela.

Mas, com as lembranças voltando, Lane assentiu.

— Não me lembro ao certo a indumentária exata, srta. Enola, mas lembro que ela trajava a jaqueta de seda turca.

O tipo de roupa que acomodaria uma anquinha.

— E o chapéu cinza de copa alta.

Eu conhecia aquele chapéu. Militar na aparência, lembrando um vaso de flores virado para baixo, o tipo de chapéu que, por vezes, era vulgarmente chamado de três andares e um porão.

— E ela estava com a sombrinha de caminhada.

Um acessório comprido e preto que costumava ser usado como bengala. Tão robusto quanto o bastão de um cavalheiro.

Era estranho minha mãe ter saído com um guarda-chuva masculino e um chapéu masculino, e ao mesmo tempo trajando algo tão feminino e coquete como uma anquinha.

CAPÍTULO TERCEIRO

POUCO ANTES DA HORA DO JANTAR, um garoto veio trazer a resposta de meus irmãos:

CHEGANDO AMANHÃ EM CHAUCERLEA NO PRIMEIRO TREM
PONTO FAVOR BUSCAR NA ESTAÇÃO PONTO M & S HOLMES

Chaucerlea, a cidade mais próxima com uma estação de trem, ficava a dezesseis quilômetros de Kineford.

Para chegar com o primeiro trem, eu teria de partir de madrugada.

Como preparativo, naquela noite eu tomei banho — foi um grande incômodo, pois precisei tirar a banheira de metal de debaixo da cama, arrastá-la e colocá-la na frente da lareira, carregar baldes de água escada acima e também chaleiras com água fervida, para misturar na água fria. A sra. Lane não foi de grande ajuda, pois — mesmo sendo verão — quis acender uma fogueira no meu quarto, declarando o tempo todo para os gravetos, o carvão e, finalmente, para a chama que uma pessoa normal não tomaria banho num dia tão úmido. Eu também queria lavar meu cabelo, mas não podia fazer isso sem a ajuda da sra. Lane, e ela pareceu ter desenvolvido um súbito reumatismo nas mãos, enquanto declarava às toalhas que estava aquecendo:

— Não faz nem três semanas desde a última vez que tomou banho, e o tempo ainda não esquentou o bastante.

Eu me aninhei na cama logo após o banho e a sra. Lane, ainda resmungando, colocou garrafas de água quente a meus pés.

Quando acordei, escovei meu cabelo umas cem vezes, tentando deixá-lo bem brilhante; depois amarrei-o no alto com uma fita branca, para combinar com o vestido — garotas da alta sociedade *devem* usar branco, sabe, para que cada partícula de sujeira apareça. Coloquei meu vestido mais novo e menos surrado, com uma linda roupa de baixo branca rendada e as tradicionais meias pretas com botas pretas, recém-polidas por Lane.

Depois de vestir tantas camadas de roupa, tão cedo, não houve tempo para o desjejum. Apanhando um xale no armário no hall de entrada — pois fazia muito frio naquela manhã —, subi na bicicleta, pedalando rapidamente para chegar a tempo.

Pedalando, descobri que andar de bicicleta nos permite pensar sem medo de revelar nossas expressões faciais.

Foi um alívio, embora não um consolo, refletir sobre os eventos recentes enquanto eu acelerava em Kineford e seguia em direção à estrada que levava a Chaucerlea.

Eu me perguntei o que teria acontecido com minha mãe.

Tentando não me agarrar a isso, pensei se teria dificuldade em encontrar a estação de trem e meus irmãos.

Eu me perguntei por que, entre tantos nomes, minha mãe foi escolher para meus irmãos justamente “Mycroft” e “Sherlock”. De trás para a frente, seus nomes se liam *Tforcym* e *Kcolrebs*.

Me perguntei se mamãe estava bem.

É melhor pensar em Mycroft e Sherlock.

Me perguntei se os reconheceria na estação de trem. Não os via desde o funeral de meu pai, quando eu tinha quatro anos; só lembrava que pareciam muito altos com suas cartolas envoltas em crepe negro, e severos com seus trajes pretos, suas luvas pretas, braçadeiras pretas e reluzentes botas pretas de couro.

Me perguntei se meu pai realmente tinha morrido de mortificação pela minha existência, como as crianças do vilarejo gostavam de me dizer, ou se havia sucumbido de febre e pleurisia, como mamãe contou.

Me perguntei se meus irmãos me reconheceriam após dez anos.

Por que eles não tinham vindo nos visitar, e por que nós não os tínhamos visitado, isso é claro que eu sabia: por causa da desgraça que

eu causara à família com meu nascimento. Meus irmãos não podiam se dar ao luxo de se associar conosco. Mycroft era um homem ocupado e influente, com uma carreira a serviço do governo em Londres, e meu irmão Sherlock era um famoso detetive com um livro escrito sobre ele, *Um estudo em vermelho*, de autoria de seu amigo e colega de apartamento, dr. John Watson. Mamãe havia comprado uma cópia...

Não pense em mamãe.

... E nós duas o lemos. Desde então, passei a sonhar com Londres, o grande porto, a base da monarquia, o centro da alta sociedade e ainda, de acordo com o dr. Watson, “a grande fossa que suga irresistivelmente todos os vagabundos e preguiçosos”. Londres, onde homens com gravatas brancas e mulheres enfeitadas com diamantes iam à ópera enquanto, nas ruas, cocheiros sem coração levavam seus cavalos à exaustão, de acordo com outro livro, um dos meus favoritos, *Beleza negra*. Londres, onde estudantes liam no Museu Britânico e multidões lotavam os teatros, querendo ser hipnotizadas. Londres, onde famosos faziam sessões espíritas para se comunicar com os mortos, enquanto outros famosos tentavam explicar cientificamente como um espírita fez para levitar, sair pela janela e entrar na carruagem que o esperava.

Londres, onde crianças pobres e esfarrapadas corriam livremente pelas ruas e nunca iam à escola. Londres, onde vilões matavam mulheres da noite — eu não fazia ideia do que isso significa — e roubavam seus bebês para vender como escravos. Em Londres havia realeza e gargantas cortadas. Em Londres havia músicos esplêndidos, artistas esplêndidos e criminosos esplêndidos, que sequestravam crianças e as forçavam a trabalhar em antros de iniquidade. Também não fazia a menor ideia do que isso significa. Mas sabia que meu irmão, Sherlock, às vezes chamado pela realeza, se aventurava nesses antros de iniquidade para colocar sua sagacidade em ação contra assassinos, ladrões e os príncipes do crime. Meu irmão Sherlock era um herói.

Eu me lembro do dr. Watson listando os talentos do meu irmão: ele era um erudito, excelente químico, exímio violinista, excelente no

manejo da vara de madeira, um esplêndido atirador, espadachim e pugilista e um brilhante pensador dedutivo.

Fiz, então, uma lista mental de meus talentos: eu sabia ler, escrever e somar; encontrar ninhos de pássaros; desenterrar minhocas e pescar; ah, sim, eu também era boa em andar de bicicleta.

A comparação era tão desanimadora que parei de pensar e dediquei total atenção à estrada, pois havia chegado aos limites de Chaucerlea.

A multidão nas ruas de paralelepípedos me assustou um pouco. Tive de abrir caminho entre pessoas e veículos desconhecidos nas ruas sujas de Kineford: homens vendendo frutas em carrinhos de mão, mulheres com cestas vendendo doces, babás empurrando carrinhos de bebê, muitos pedestres tentando não ser atropelados por muitas carroças, coches, charretes, vagões de cerveja, carvão e lenha, carruagens e até mesmo uma diligência puxada por não menos que quatro cavalos. No meio de tudo isso, como eu encontraria a estação de trem?

Espere. Vi alguma coisa. Erguendo-se dos telhados das casas, como uma pena de avestruz num chapéu feminino, havia uma pluma branca, em contraste com o céu cinzento. A fumaça de uma locomotiva a vapor.

Pedalando em sua direção, logo ouvi um ruído potente, agudo e ressonante — era o motor se aproximando. Cheguei à plataforma na mesma hora que o trem.

Apenas uns poucos passageiros desceram, e, entre eles, não tive dificuldade para reconhecer os dois londrinos altos que deviam ser os meus irmãos. Eles vestiam trajes de cavalheiro apropriados para o campo: terno de tweed escuro com gravata macia e chapéu-coco. E luvas de pelica. Apenas aristocratas usavam luvas no auge do verão. Um dos meus irmãos estava um pouco mais robusto, o que deixava à mostra parte de seu colete de seda. Esse devia ser Mycroft, imaginei, sete anos mais velho. O outro — Sherlock — parecia comprido como um palito e magro como um cão galgo, com seu traje preto e as botas pretas.

Balançando as bengalas, viraram a cabeça para lá e para cá, procurando por algo, mas o olhar de ambos passou reto por mim.

Enquanto isso, todos na plataforma os fitavam com curiosidade.

E, para minha irritação, quando desci da bicicleta percebi que estava tremendo. Uma tira de renda de minha roupa de baixo, uma maldita coisa delicada, havia prendido na correia, rasgado e agora balançava sobre minha bota esquerda.

Ao tentar arrancá-la, derrubei meu xale.

Fiquei bastante irritada. Respirando fundo, deixei o xale sobre a bicicleta, que encostei na parede da estação, e, tentando ficar ereta, fui até onde estavam os dois londrinos, não muito bem-sucedida em minha tentativa de manter a cabeça erguida.

— Sr. Holmes? — perguntei. — E, hum, sr. Holmes?

Dois pares de penetrantes olhos cinzentos fixaram-se em mim. Dois pares de sobrancelhas aristocráticas se ergueram.

Eu disse:

— Vocês, hum, me pediram para encontrá-los aqui.

— *Enola?* — ambos exclamaram ao mesmo tempo, então se alternaram rapidamente em perguntar: — Mas o que você está fazendo aqui? Por que não mandou uma carruagem?

— Nós devíamos tê-la reconhecido; ela se parece muito com você, Sherlock. — O mais alto e magro era de fato Sherlock, então. Gostei de seu rosto ossudo, de seus olhos de falcão, de seu nariz adunco, mas senti que aquilo não era bem um elogio.

— Achei que ela fosse uma menina de rua.

— Numa bicicleta?

— Por que veio de bicicleta, *Enola?* Onde está a carruagem?

Fiquei surpresa: carruagem? Havia um landau e um faetonte empoeirados na cocheira, mas não havia cavalos fazia muitos anos, desde que o velho cavalo irlandês de mamãe fora pastar em campos mais verdes.

— Eu poderia ter alugado cavalos, creio — expliquei lentamente.

— Mas não sei como colocar o arreio ou conduzi-los.

O mais robusto, *Mycroft*, exclamou:

— Por que, então, estamos pagando um garoto para cuidar dos cavalos e um cavaliço?

— Perdão?

— Está me dizendo que não há cavalos?

— Depois, Mycroft. Ei, você! — com uma impassível voz de comando, Sherlock chamou um rapaz que estava por ali, à toa. — Vá chamar um coche para nós. — E atirou uma moeda para ele, que assentiu, tocando em seu chapéu, e saiu correndo.

— Melhor esperar lá dentro — Mycroft disse. — Aqui no vento o cabelo de Enola parece cada vez mais um ninho de gralhas. Onde está seu chapéu, Enola?

E então, de algum modo, havia passado o momento de eu dizer “Como vão?”, ou de eles dizerem “É tão bom vê-la novamente, minha querida”, e de trocarmos apertos de mãos ou algo do tipo, mesmo eu sendo a vergonha da família. Nesse momento também comecei a perceber que o FAVOR BUSCAR NA ESTAÇÃO significava “mande um transporte” e não “encontre-nos pessoalmente”.

Bem, se eles não desejavam o prazer da minha conversa, então estávamos indo bem, pois eu continuava muda e acanhada.

— E suas luvas? — Sherlock repreendeu, levando-me pelo braço e me conduzindo para dentro da estação. — Ou qualquer tipo de traje decente e comportado? Você é uma jovem dama agora, Enola.

Essa declaração me sobressaltou e eu, por fim, falei:

— Mas eu acabei de completar catorze anos.

Num tom intrigado, quase lamentoso, Mycroft murmurou:

— Mas estamos pagando uma costureira...

Falando diretamente comigo, Sherlock decretou, daquele seu jeito brusco e imperioso:

— Você devia estar usando saias longas desde os doze. O que sua mãe estava pensando? Imagino que ela deva ter se entregado de vez às sufragistas.

— Eu não sei onde ela está — eu disse, e, para minha surpresa, já que não havia chorado até então, irrompi em lágrimas.

Qualquer outra menção a mamãe foi deixada de lado até nos sentarmos no coche de aluguel, com minha bicicleta amarrada atrás, e, ao sacolejos, atravessarmos Kineford.

— Somos dois brutos inconsequentes — Sherlock murmurou para Mycroft, em determinado momento, enquanto me oferecia um grande

lenço engomado nada reconfortante.

Estou certa de que eles achavam que eu estava chorando por causa de mamãe — e eu estava. Mas, honestamente, também chorava por mim mesma.

Enola.

Sozinha.

Sentados lado a lado no assento oposto ao meu, meus irmãos olhavam para qualquer outra coisa, mesmo estando de frente para mim. Era óbvio que me consideravam uma vergonha.

Alguns minutos depois, tendo deixado a estação de trem, parei de fungar, sem conseguir pensar em nada para dizer. Um coche, sendo praticamente uma caixa sobre rodas com pequenas janelas, não estimulava muitas conversas, mesmo se você estivesse disposto a comentar sobre as belezas naturais, o que, sem dúvida, não era o meu caso.

— Então, Enola — disse Mycroft asperamente, após um tempo. — Está se sentindo bem o bastante para nos contar o que aconteceu?

E foi o que eu fiz, mas havia tão pouco a acrescentar ao que eles já sabiam. Mamãe tinha saído de casa de manhã cedo, na terça-feira, e não voltara desde então. Não, ela não me deixara nenhuma mensagem ou explicação de qualquer tipo. Não, não havia razão para pensar que ela estivesse doente; sua saúde era ótima. Não, ninguém sabia dela. Não, em resposta às perguntas de Sherlock, não havia manchas de sangue, pegadas nem sinais de arrombamento, e eu não sabia de nenhum estranho que estivesse à espreita por ali. Não, não tinha havido pedido de resgate. Se mamãe possuía algum inimigo, eu não o conhecia. Sim, eu tinha notificado a delegacia de polícia de Kineford.

— Então imagino — disse Sherlock, inclinando-se para espiar pela janela do coche, enquanto entrávamos em Ferndell Park —, pois até posso vê-los fazendo isso, que eles estejam interrogando cada desocupado do vilarejo, analisando arbustos e xeretando por aí do modo mais ineficaz possível.

— Eles esperam encontrá-la escondida embaixo de um espinheiro? — resmungou Mycroft conforme sua amplitude frontal entrava no caminho quando se inclinou também para olhar pela janela. Suas

espessas sobrancelhas se ergueram tanto que quase alcançaram o chapéu. — Mas o que houve com a propriedade? — ele exclamou.

— Nada! — respondi, atônita.

— Pelo visto, absolutamente nada tem sido feito, e há anos! Tudo está coberto pela vegetação...

— Interessante — murmurou Sherlock.

— Que absurdo! — Mycroft retorquiu. — A grama alta, com quase um metro, árvores brotando, mato por todo lado, arbustos selvagens...

— São rosas-silvestres — corrigi. Eu gostava delas.

— Crescendo no que deveria ser o gramado principal? Mas por que então, me diga, nós pagamos um jardineiro?

— Jardineiro? Não temos jardineiro.

Mycroft virou para mim e, como um falcão, dobrou levemente a cabeça para o lado.

— Mas vocês têm um jardineiro! O nome do homem é Ruggles, e ele tem me custado doze xelins por semana pelos últimos dez anos!

Atrevo-me a dizer que fiquei ali sentada, com a boca aberta, por várias razões. Como Mycroft podia sofrer dessa ilusão absurda de que havia um jardineiro? Eu não conhecia ninguém chamado Ruggles. Além disso, não fazia ideia de que o dinheiro vinha de Mycroft. Creio que eu havia presumido que aquele dinheiro, como corrimãos de escada, candelabros e outros móveis, tivesse vindo com a casa.

Sherlock interveio.

— Mycroft, se houvesse mesmo tal pessoa, estou certo de que Enola estaria bastante ciente da existência dela.

— Bah! Ela não está ciente de...

Sherlock o interrompeu, embora dirigindo sua observação para mim:

— Enola, não importa. Mycroft fica bastante rabugento quando perturbam a habitual órbita entre seus aposentos, seu escritório e o Clube Diógenes.

Ignorando-o, seu irmão se inclinou para mim e exigiu saber:

— Enola, realmente não há cavalos, cavalaria e o rapaz do estábulo?

— Não. Quer dizer, sim — respondi. Sim, realmente não havia.

— Bem, isso quer dizer sim ou não?

— Mycroft — Sherlock interveio novamente. — A cabeça da garota, se você reparar, é bastante pequena em proporção ao corpo notavelmente alto. Deixe-a em paz. Não adianta confundi-la e aborrecê-la quando você mesmo poderá obter as respostas muito em breve.

E de fato, naquele momento, o coche de aluguel parou na frente de Ferndell Hall.

CAPÍTULO QUARTO

ENTRANDO NO QUARTO DE MAMÃE COM meus irmãos, notei sobre a mesinha de chá um vaso japonês com flores, as pétalas escurecendo. Mamãe devia ter feito aquele buquê um dia ou dois antes de desaparecer.

Peguei o vaso e apertei-o contra o peito.

Sherlock Holmes passou por mim. Ele tinha rejeitado as boas-vindas de Lane, recusado a oferta de chá da sra. Lane, negando-se a parar um só momento antes de começar sua investigação. Espiando pela sala de estar iluminada e etérea, com suas muitas aquarelas de flores, ele entrou a passos largos no estúdio e de lá seguiu para o quarto de dormir. Lá nós o ouvimos soltar uma súbita exclamação.

— O que foi? — chamou Mycroft, andando mais devagar, tendo parado para conversar um momento com Lane, enquanto deixava sua bengala, chapéu e luvas aos cuidados do mordomo.

— Deplorável! — exclamou Sherlock, do quarto mais afastado, referindo-se, presumi, à bagunça em geral e às peças de roupa não mencionáveis em particular. — Que indecência! — Sim, sem dúvida ele estava falando das roupas não mencionáveis. Saindo rapidamente do quarto, ele reapareceu no estúdio. — Ela parece ter saído com muita pressa.

Parece, eu pensei.

— Ou talvez ela tenha se tornado negligente com seus hábitos pessoais — ele acrescentou, mais calmo. — Ela tem, afinal de contas, sessenta e quatro anos.

O vaso de flores em meus braços exalava um odor de água estagnada e caules apodrecidos. Quando estava fresco, porém, o buquê devia cheirar maravilhosamente bem. Percebi que as flores secas eram ervilhas-de-cheiro.

E cardos.

— Ervilhas-de-cheiro e cardos? — exclamei. — Que estranho.

Os dois viraram para mim com alguma exasperação no olhar.

— Sua mãe *era* estranha — disse Sherlock, secamente.

— E ainda é, suponho — acrescentou Mycroft, mais gentil, por minha causa, a julgar pelo olhar de alerta que lançou ao irmão.

Então eles também temiam que ela estivesse... morta.

No mesmo tom cortante, Sherlock disse:

— Pelo estado deste quarto, parece que ela evoluiu da estranheza à demência senil.

Herói ou não, ele — e seus modos — estava começando a me irritar. E a me afligir, pois minha mãe também era mãe dele; como podia ser tão frio?

Eu não sabia, então, não tinha como saber, que Sherlock tinha vivido sua vida como se envolto numa espécie de sombra fria. Ele sofria de melancolia, e por vezes o ataque vinha com tanta força que, por uma semana ou mais, ele se recusava a sair da cama.

— Senilidade? — Mycroft perguntou. — Não consegue chegar a uma dedução mais útil?

— Como o que, por exemplo?

— Você é o detetive. Pegue aquelas lentes que costuma usar. *Detecte* algo.

— Já fiz isso. Não há nada para descobrir aqui.

— E lá fora?

— Após um dia inteiro de chuva? Não haverá traços que indiquem para que lado ela foi. Mulher tola.

Consternada com seu tom e o comentário, saí do aposento, descí as escadas e fui para a cozinha, levando comigo o vaso de flores murchas.

Lá encontrei a sra. Lane agachada no chão com uma escova de limpeza. Ela escovava as tábuas de carvalho com tanta ferocidade que suspeitei de que também estivesse transtornada.

Joguei o conteúdo do vaso japonês no balde de lixo de madeira, em cima de restos de legumes e coisas semelhantes.

De quatro no chão, a sra. Lane disse para o assoalho:

— Lá estava eu, tão ansiosa para ver o sr. Mycroft e o sr. Sherlock de novo.

Colocando o vaso verde-musgo na pia de madeira e chumbo, enchi-o com água que retirei da torneira da cisterna.

A sra. Lane disse:

— É sempre a mesma história, a mesma discussão tola, eles nunca têm uma palavra gentil para dizer sobre a própria mãe, e talvez ela esteja...

Ela se calou subitamente. Eu não disse nada, para não perturbá-la ainda mais.

Fungando e esfregando, a sra. Lane declarou:

— Não me admira que ainda sejam solteiros. Devem querer tudo do jeito deles. Acham que estão no próprio direito. Nunca conseguiriam tolerar uma mulher forte.

Um sino de uma série posicionada em fios na parede ao longo do fogão tilintou.

— É o sino do salão matutino. Imagino que sejam eles, querendo almoçar, e eu aqui, de joelhos na sujeira deste chão.

Não tendo tomado café da manhã, eu também queria muito almoçar. E queria igualmente saber o que estava acontecendo. Saí da cozinha e fui para o salão matutino.

Na pequena mesa daquele salão informal estavam ambos: Sherlock fumava um cachimbo e olhava para Mycroft, sentado à sua frente.

— Os dois melhores pensadores da Inglaterra deveriam ser capazes de solucionar essa questão... — Mycroft estava dizendo. — E agora me diga: nossa mãe partiu voluntariamente ou planejava voltar? O estado descuidado do quarto dela...

— Isso poderia significar que ela foi embora por impulso e com pressa, ou poderia refletir o descuido inato da mente de uma mulher — interrompeu Sherlock. — De que adianta a razão quando se trata dos assuntos de uma mulher que, quase com certeza, está senil?

Ambos olharam esperançosos para mim quando entrei, desejando aparentemente que eu fosse uma criada, embora já devessem saber, a

essa altura, que não havia mais empregados.

— Almoço? — perguntou Mycroft.

— Só Deus sabe — respondi, enquanto me sentava à mesa com eles. — A sra. Lane está num estado de espírito um tanto instável.

— Está mesmo.

Analisei meus dois irmãos altos, bonitos (pelo menos para mim) e geniais. Eu os admirava. Queria gostar deles. Eu queria que *eles*...

Bobagem, Enola. Você vai se sair muito bem sozinha.

Meus irmãos geniais não me deram mais atenção.

— Eu lhe asseguro que nossa mãe não está senil nem louca — disse Mycroft a Sherlock. — Uma mulher senil não poderia ter organizado a contabilidade que tenho recebido nos últimos dez anos, tudo muito claro e na mais perfeita ordem, detalhando a despesa de instalar um banheiro...

— Que não existe — interrompeu Sherlock, ácido.

— Uma privada com descarga...

— Que também não existe.

— ... e aumentando constantemente o salário do laçao, das empregadas, da cozinheira e da camareira...

— Inexistentes.

— ... do jardineiro, do ajudante do jardineiro, daquele homem esquisito...

— Também inexistentes, a menos que consideremos Dick.

— Que é bastante esquisito — Mycroft concordou. Era uma piada, embora eu não tivesse visto uma sombra de sorriso em nenhum de meus irmãos. — Estou surpreso que nossa mãe não tenha registrado o collie Reginald, que pode-se dizer que seja um empregado, em suas despesas. Ela registrou cavalos e pôneis imaginários, carruagens imaginárias, um cocheiro, cavalariços, garotos de estábulo...

— Não há dúvida de que fomos lamentavelmente enganados.

— ... e, quanto a Enola, uma professora de música, um instrutor de dança, uma governanta....

Eles trocaram um olhar alarmado, como se um problema de lógica tivesse de súbito criado vida, com rosto e cabelo, e então imediatamente se voltaram para mim.

— Enola — Sherlock demandou. — Você *teve* pelo menos uma governanta, não teve?

Eu não tinha tido. Mamãe me enviara à escola com as crianças do vilarejo e, após aprender tudo o que pude lá, ela me disse que eu me sairia muito bem sozinha, e acho que foi o que aconteceu. Li todos os livros da biblioteca de Ferndell Hall, desde *Jardim de versos* até a *Enciclopédia britânica* inteira.

Como eu hesitei, Mycroft reformulou a pergunta:

— Você recebeu a educação apropriada para uma jovem dama?

— Eu li Shakespeare — repliquei. — E Aristóteles, Locke, as novelas de Thackeray e os ensaios de Mary Wollstonecraft.

O rosto de ambos congelou. Eu não os deixaria mais horrorizados se tivesse dito que havia aprendido a ser trapezista de circo.

Então Sherlock virou para Mycroft e disse suavemente:

— A culpa é minha. Não há como confiar numa mulher; por que abri exceção para nossa mãe? Eu devia, no mínimo, ter vindo aqui de tempos em tempos para verificar se estava tudo bem com ela, por mais desagradável que fosse.

Mycroft respondeu com a mesma suavidade, e com certa tristeza:

— Pelo contrário, meu caro Sherlock. Fui eu que negligenciei minhas responsabilidades. Sou o filho mais velho...

Uma tosse discreta fez-se ouvir, e Lane entrou com uma bandeja com sanduíches de pepino, frutas fatiadas e uma jarra de limonada. Houve um abençoado silêncio por alguns instantes até que o almoço fosse servido.

Durante aquele silêncio, elaborei uma pergunta.

— O que tudo isso — perguntei, quando Lane se retirou — tem a ver com encontrar nossa mãe?

Em vez de me responder, Mycroft dedicou toda a atenção ao prato à sua frente.

Sherlock pôs-se a tamborilar na toalha de mesa, amarrotando o engomado.

— Estamos formulando uma teoria — ele disse, por fim.

— E qual é essa teoria?

Silêncio novamente.

Eu perguntei:

— Terei minha mãe de volta ou não?

Nenhum deles olhou para mim, mas, após o que me pareceu um longo tempo, Sherlock fitou o irmão e disse:

— Mycroft, creio que ela tem o direito de saber.

Mycroft suspirou, assentiu, largou o que restava do terceiro sanduíche e olhou para mim.

— Estamos tentando decidir — ele disse — se o que aconteceu agora está ligado ao que aconteceu após a mor... hum, após o falecimento do nosso pai. Você não deve se lembrar, eu suponho.

— Eu tinha quatro anos — informei. — Eu me lembro, sobretudo, dos cavalos pretos.

— Sim, imagino. Bem, nos dias seguintes ao enterro houve certa discordância...

— Está sendo gentil — Sherlock interrompeu. — Creio que as palavras “uma grande batalha” sejam mais apropriadas.

Ignorando-o, Mycroft prosseguiu:

— Discordância quanto à administração da propriedade. Sherlock e eu não queríamos morar aqui, então nossa mãe achou que devia receber o dinheiro do aluguel e administrar Ferndell Park.

Bem, e foi o que ela fez, não? Mycroft ainda parecia considerar a ideia absurda.

— Como sou o primogênito, a propriedade pertence a mim — ele prosseguiu. — E nossa mãe não questionou isso, mas não conseguiu entender por que ela não podia administrar tudo para mim, em vez de o contrário. Quando Sherlock e eu a lembramos de que, legalmente, ela nem sequer tinha o direito de viver aqui, a menos que eu permitisse, passou a agir de maneira bastante irracional e deixou claro que não éramos mais bem-vindos em nossa própria casa.

Ah, meu Deus. Tudo pareceu virar de cabeça para baixo em minha mente, como se eu tivesse caído de um galho de árvore depois de muito balançar. Durante toda a vida eu acreditei que meus irmãos haviam mantido distância por causa de minha vergonhosa existência, quando, na verdade, o que aconteceu é que eles tinham brigado com nossa mãe?

Eu não podia dizer como Mycroft se sentia em relação a essa revelação. Ou Sherlock.

Também não sabia exatamente como me sentia a respeito; o que eu sabia era que estava perplexa. Mas algo secreto tremulou em meu coração, como uma borboleta.

— Passei a enviar-lhe uma mesada mensal — Mycroft continuou. — E ela me escreveu uma carta bastante pragmática, solicitando um aumento. Eu respondi pedindo uma prestação de contas sobre a maneira como o dinheiro estava sendo gasto, e ela me atendeu. Seus contínuos pedidos por fundos adicionais pareciam tão razoáveis que eu nunca recusei nenhum deles. Mas, como sabemos agora, a contabilidade era fictícia. O que realmente foi feito com aquele dinheiro nós, hum, não temos ideia.

Percebi sua hesitação.

— Mas vocês têm uma teoria — eu disse.

— Sim. — Ele respirou fundo. — Achamos que, durante todo esse tempo, ela guardou o dinheiro que recebia, enquanto planejava uma fuga. — Respirou ainda mais fundo. — Nós imaginamos que, agora que conseguiu o que considerava o “seu dinheiro”, ela, hum, foi para algum lugar, virando as costas para nós, por assim dizer.

Que diabos ele estava tentando dizer? Que mãe havia me abandonado? Eu me sentei, boquiaberta.

— Tenho pena da capacidade craniana da garota, Mycroft — murmurou Sherlock para o irmão, e depois, virando para mim, disse gentilmente: — Enola, o que estamos querendo dizer é que achamos que ela fugiu.

Mas... mas aquilo era absurdo, impossível. Ela não teria feito isso comigo.

— Não — deixei escapar. — Não, não pode ser.

— Pense, Enola — Sherlock disse, soando igual a mãe. — Todos os elementos apontam para essa conclusão. Se ela estivesse ferida, os detetives a teriam encontrado, e, se tivesse sofrido um acidente, nós ficaríamos sabendo. Não há razão para alguém querer machucá-la e não há sinais de luta. Não há motivo para que alguém a tenha prendido contra sua vontade, a não ser para pedir resgate, o que não

ocorreu. — Ele fez uma pausa significativa, antes de prosseguir. — Se, no entanto, ela estiver viva, com saúde e fazendo o que bem entende...

— Como sempre — completou Mycroft.

— Seu quarto caótico pode ser um simples disfarce.

— Para nos confundir — Mycroft concordou. — Realmente, parece que há anos ela vem tramando e planejando isso...

Sentei-me muito ereta, soltando fumaça como um trem a vapor.

— Mas, se ela podia partir quando bem entendesse — exclamei —, por que faria isso no dia do meu *aniversário*?

Foi a vez deles de ficarem boquiabertos. Eu os tinha superado.

No entanto, mesmo sendo aquele um instante de triunfo, percebi com um arrepio que mamãe *havia* instruído a sra. Lane a me dar os presentes, para o caso de não voltar a tempo para a hora do chá.

Ou nunca mais.

CAPÍTULO QUINTO

MEUS OLHOS COMEÇARAM A ARDER COM as lágrimas, e receio ter abandonado o almoço às pressas.

Eu precisava sair dali. Um pouco de ar fresco acalmaria meus sentimentos exacerbados. Parando apenas para pegar o kit de desenho que mamãe me dera, saí correndo pela porta da cozinha, atravessei a horta, passei pelos estábulos vazios, pelo gramado coberto de mato e cheguei à parte arborizada da propriedade. Lá, sem fôlego, comecei a caminhar à sombra dos carvalhos, me sentindo um pouco melhor.

Aparentemente, eu estava sozinha na floresta. Os policiais e detetives haviam ido para outros campos e charnecas.

A floresta tinha um aclave, e, descendo a inclinação, cheguei a meu lugar favorito, um vale rochoso profundo onde as samambaias formavam uma cortina natural, parecendo um vestido de baile de veludo verde sobre as pedras, com uma trilha que levava a um riacho forrado de seixos que formavam uma piscina sob um salgueiro inclinado. Sem meu vestido e minhas calças, consegui escalar as pedras e samambaias até chegar ao salgueiro. Abraçando o tronco robusto, encostei a bochecha em sua casca musgosa. Então me abaixei para rastejar até uma cavidade oca e sombreada entre a árvore suspensa e o riacho.

Esse recanto fresco era meu esconderijo secreto, e ninguém o conhecia a não ser eu. Lá eu guardava as coisas de que gostava, coisas que a sra. Lane teria jogado fora se eu as levasse para casa. Como meus olhos tinham se acostumado com as sombras, sentei em minha toca de terra, olhando em volta para as pequenas prateleiras que eu

havia construído nas pedras. Sim, lá estavam minhas conchas de caramujo, meus seixos de muitas cores, minhas bolotas, penas brilhantes de gaios, uma abotoadura, um medalhão quebrado e outros tesouros similares que eu havia encontrado em ninhos de pegas.

Com um suspiro de alívio, abracei os joelhos de maneira nada elegante, baixei a cabeça e olhei para o turbilhão de água um pouco à frente do meu pé. Trutas arco-íris nadavam na piscina. Observando-as nadar e nadar em seus cardumes, eu geralmente conseguia me hipnotizar e cair numa espécie de torpor.

Mas não hoje. Tudo que eu conseguia pensar era no que poderia ter acontecido com mamãe, em como em algum momento eu teria de ir para casa e não a encontraria me esperando, e sim meus irmãos, no que eles diriam quando eu entrasse com meu vestido todo sujo. Eles diriam...

Eu era um desastre para meus irmãos.

Colocando os joelhos para baixo, onde era o lugar deles, abri meu novo kit de desenho e logo estava com lápis e papel nas mãos. Numa das folhas, fiz um desenho apressado e não muito lisonjeiro de Mycroft, com suas polainas, seu monóculo e sua pesada corrente de relógio atravessando o colete saliente.

Depois, fiz um desenho similar de Sherlock, que era todo pernas, nariz e queixo.

Então eu quis desenhar mamãe, pois estava com raiva dela também. Queria desenhá-la com as roupas que provavelmente vestia no dia em que foi embora, com seu chapéu de vaso ao contrário, sua jaqueta forrada nas costas e anquinha, tão ridícula...

E ela não levava seu material de pintura.

E não esperava estar de volta para minha festa de aniversário.

Ela *estava* tramando algo. Por mais doloroso que fosse, agora eu admitia isso.

Mas que droga, mãe. Durante todo o tempo que eu estivera procurando por ela, em pânico, ela estava muito bem sozinha, vivendo alguma aventura sem mim.

Qualquer um diria que eu deveria ficar feliz em concluir que ela estava viva.

Muito pelo contrário. Eu estava arrasada.
Ela havia me abandonado.
Mas por que não me rejeitou desde o começo?
Por que não me colocou numa cesta e me deixou na porta de uma casa quando eu nasci?
Por que tinha me abandonado agora?
Aonde poderia ter ido?
Em vez de desenhar, fiquei pensando. E, pondo de lado os desenhos, comecei a escrever uma lista de perguntas.

Por que mamãe não me levou com ela?

Se ela tinha distâncias a percorrer, por que não usou a bicicleta?

Por que ela se vestiu de maneira tão estranha?

Por que não saiu pelo portão?

Se resolveu atravessar o país a pé, para onde foi?

Imaginando que ela tenha encontrado transporte, de novo, para onde foi?

O que ela fez com todo o dinheiro?

Se está fugindo, por que não levou bagagem?

Por que ela fugiria no dia do meu aniversário?

Por que não me deixou nenhum bilhete de explicação ou despedida?

Pousando o lápis, olhei para o turbilhão do córrego e as trutas fluindo como lágrimas escuras.

Alguma coisa farfalhou no mato que flanqueava o salgueiro. Quando virei para olhar, uma familiar cabeça peluda surgiu no meu vale.

— Ah, Reginald! — reclamei. — Me deixe em paz.

Mas me inclinei para o velho collie. Ele encostou o focinho comprido e macio em meu rosto, abanando o rabo enquanto eu enlaçava seu pescoço felpudo.

— Obrigado, Reginald — disse uma voz polida. Meu irmão Sherlock estava de pé atrás de mim.

Com um arquejo, empurrei Reginald e estendi as mãos para pegar os papéis que tinha deixado no chão. Mas não fui rápida o bastante. Sherlock pegou-os primeiro.

Ele encarou longamente os desenhos dele e de Mycroft, então jogou a cabeça para trás e riu de modo quase silencioso, mas ainda assim bastante entusiasmado, balançando para a frente e para trás, até que precisou sentar numa das prateleiras de pedra ao lado do salgueiro para recuperar o fôlego.

Eu me sentia mortificada, com o rosto ardendo, mas ele estava sorrindo.

— Excelente, Enola — ele disse, quando conseguiu parar de rir. — Você tem talento para a caricatura. — E me devolveu os desenhos. — Mas seria melhor se Mycroft não os visse.

Com o rosto ainda vermelho, coloquei os papéis no fundo do meu kit de desenho.

Meu irmão disse:

— Em algum momento esta árvore vai cair na água, sabia? Talvez seja melhor você não estar embaixo dela quando isso ocorrer.

Ele não estava zombando de meu esconderijo, pelo menos, mas senti um leve tom de reprovação em suas palavras e o desejo de que eu saísse de lá. Emburrada, obedeci.

Ele perguntou:

— O que é esse papel que você tem na mão? Posso ver?

Era a minha lista. Eu entreguei a ele, dizendo a mim mesma que não me importava mais com o que ele pensava de mim.

Enquanto ele lia, eu me sentei, quase caindo, em outra pedra estofada de samambaia.

Ele prestou muita atenção na lista. Na verdade, ponderou sobre ela, com o rosto estreito de falcão subitamente sério.

— Você certamente cobriu os pontos importantes — ele disse por fim, com ar de surpresa. — Creio que podemos supor que ela não saiu pelo portão porque não queria que o porteiro visse para qual direção ia. E pela mesma razão ela não quis usar as estradas, onde poderia se deparar com alguma testemunha. Foi inteligente o bastante para nos deixar sem saber se ela foi para norte, sul, leste ou oeste.

Assenti, endireitando-me e me sentindo inexplicavelmente melhor. Meu irmão Sherlock não tinha rido de meus pensamentos. Ele estava conversando comigo.

Aquela borboleta anônima tremulando em meu coração... comecei a perceber o que era.

A sensação começou quando descobri que a briga de meu irmão era com minha mãe, não comigo.

Era... um fio de esperança. Um sonho. Um anseio, na verdade. Agora que havia uma chance.

Eu queria que meus irmãos... Não ousei pensar em termos de afeição, mas queria que eles se importassem comigo, de algum modo.

Sherlock disse:

— Quanto a seus outros pontos, Enola, espero esclarecê-los muito em breve.

Assenti de novo.

— Uma coisa que eu não entendi. Quando pedi a Lane uma descrição do traje de sua mãe, não o considerei estranho.

Corei, lembrando de meu constrangedor deslize com Lane, e consegui apenas murmurar:

— A, hum, armação de arame.

— Ah, a anquinha. — Para ele, era perfeitamente normal dizer aquela palavra. — O canibal perguntou à esposa do missionário: todas as suas mulheres são deformadas assim? Bem, não há explicação para os adornos femininos. Os caprichos do sexo frágil desafiam a lógica. — Ele deu de ombros, dispensando a questão. — Enola, devo estar de volta a Londres dentro de uma hora, portanto eu a procurei para me despedir e dizer que foi um prazer revê-la após todos estes anos.

Ele estendeu a mão — enluvada, é claro. Eu a segurei por um momento. Não consegui falar.

— Mycroft permanecerá aqui por alguns dias — Sherlock prosseguiu. — Poucos, pois não gosta de ficar longe do seu querido Clube Diógenes.

Após engolir em seco para reconquistar minha voz, perguntei:

— O que você vai fazer em Londres?

— Registrar um inquérito na Scotland Yard. Buscar nas listas de passageiros de companhias de navegação por mulheres que embarcaram sozinhas, para o caso, como supomos, de nossa mãe perdida ter deixado a Inglaterra, rumo ao sul da França ou a alguma meca das artes... Ou talvez estar fazendo uma peregrinação a algum santuário das sufragistas. — Ele me olhou de modo bastante fleumático. — Enola, nos últimos anos você passou a conhecê-la melhor do que eu. Aonde *você* acha que ela pode ter ido?

O grande Sherlock Holmes estava pedindo minha opinião? Mas eu não tinha nenhuma a oferecer. Afinal de contas, eu era uma garota com uma capacidade craniana mínima. Sentindo uma onda de sangue novamente afluir no rosto, balancei a cabeça.

— Bem, a polícia não encontrou sinal algum dela na vizinhança, então devo me retirar. — Ele se levantou e tocou educadamente a aba do chapéu, sem tirá-lo para mim. — Anime-se — ele me disse. — Não há nenhum indicativo de que ela possa estar ferida. — E então, balançando a bengala, subiu os degraus de rocha com natural dignidade, como se subisse a escadaria de mármore de algum palácio de Londres. Quando chegou ao topo, ergueu a bengala, sem se virar, sacudindo-a numa espécie de gesto de despedida ou adeus, depois começou a andar a passos largos em direção à mansão. O cachorro trotou atrás dele, com um olhar de adoração.

Eu o observei até ele desaparecer entre as árvores da floresta — fiquei olhando para meu irmão quase como se soubesse que, não por culpa dele, demoraria um bom tempo para conversarmos novamente.

De volta à mansão, fui procurar o item que Lane havia chamado de “parte de uma anquinha”, encontrando-o onde eu o deixara, da maneira mais inapropriada possível: na sala de estar. Eu me perguntei por que mamãe havia colocado a almofada sobre a cômoda, em vez de

usá-la com a anquinha. Com esse pensamento, peguei o objeto e subi as escadas para colocá-lo no quarto dela, para o caso de mamãe precisar quando...

Voltasse?

Mas não havia razão para pensar que ela voltaria.

Ela havia, afinal de contas, escolhido partir. Por vontade própria.

Afundando nos braços duros de madeira de um banco no corredor, mergulhei na espinhosa almofada de crina de cavalo como se estivesse em coma. Fiquei nessa posição por um longo tempo.

Por fim, quando ergui a cabeça, pensamentos vingativos endureceram meu queixo. Se mamãe tinha me deixado para trás, eu achava mais do que justo pegar o que quisesse no quarto dela.

Foi uma decisão provocada parcialmente pelo mau humor, parcialmente pela necessidade. Tendo arruinado meu vestido, eu precisava mudar de roupa. Os poucos vestidos que eu possuía, outrora brancos e agora verde-amarelados, com manchas de grama e sujeira, só pareciam piores. Eu escolheria algo do guarda-roupa de mamãe.

Levantando, andei a passos largos pelo corredor até chegar à porta do quarto dela e girar a maçaneta.

Nada aconteceu. A porta estava trancada.

Tinha sido um dia extremamente irritante. Fui até as escadas, pisando duro, debrucei-me no corrimão e permiti que minha voz subisse até um tom impertinente:

— Lane!

— *Psiu!* — Surpreendentemente, pois ele podia estar em qualquer lugar, da chaminé à adega, o mordomo surgiu na mesma hora embaixo de mim. Pondo um dedo enluvado nos lábios, ele me informou: — Srta. Enola, o sr. Mycroft está cochilando.

Revirando os olhos, fiz um gesto para que Lane subisse as escadas. Quando ele se aproximou, eu disse, em voz mais baixa:

— Preciso da chave para os aposentos de minha mãe.

— O sr. Mycroft ordenou que os aposentos permaneçam trancados.

A surpresa superou meu aborrecimento.

— Mas por quê?

— Não cabe a mim perguntar, srta. Enola.

— Muito bem. Não vou precisar da chave se você destrancar a porta para mim.

— Eu teria de pedir permissão ao sr. Mycroft, srta. Enola, e se eu o acordar ele vai ficar contrariado. O sr. Mycroft ordenou...

O sr. Mycroft isso, o sr. Mycroft aquilo, por mim o sr. Mycroft podia mergulhar de cabeça num barril de água. Com os lábios comprimidos, mostrei a anquinha para Lane:

— Preciso colocar isto no lugar.

O mordomo corou genuinamente, o que me deixou muito satisfeita, pois nunca o tinha visto assim.

— Além disso — eu disse baixinho, entre os dentes —, preciso procurar algo para vestir no guarda-roupa de mamãe. Se eu descer para jantar com este vestido, o sr. Mycroft vai ficar mais do que contrariado. Ele vai espumar pela boca. Destranque a porta.

Sem mais uma palavra, Lane abriu o aposento. Mas ficou com a chave, esperando por mim do lado de fora.

Sentindo-me especialmente perversa, demorei bastante. No entanto, enquanto vasculhava os guarda-roupas de minha mãe, pensei sobre esse novo empecilho. A porta para os aposentos de mamãe trancada, a entrada apenas mediante a permissão de Mycroft — isso não deveria acontecer.

Me perguntei se mamãe teria deixado sua própria chave para trás.

Esse pensamento me assustou, pois, se tivesse se vestido para sair somente por um dia, significava que ela pretendia voltar e teria levado a chave com ela.

Se ela, entretanto, a tivesse deixado para trás... o significado disso era muito claro.

Precisei esperar um pouco e respirar fundo várias vezes para conseguir alcançar seu traje de caminhada, que ainda estava pendurado no espelho.

Encontrei a chave imediatamente, num dos bolsos do casaco.

Parecia pesada em minha mão. Fiquei olhando para ela como se nunca a tivesse visto antes. Uma alça oval numa extremidade da haste e um retângulo denteado na outra. Um estranho e gelado objeto de ferro.

Então percebi que ela realmente não planejava voltar.

Ainda assim, aquele odioso esqueleto de metal subitamente se tornou meu bem mais precioso. Agarrando-o, coloquei um vestido do guarda-roupa de minha mãe sobre a mão, para ocultá-lo, e saí de novo.

— Muito bem, Lane — eu disse, brandamente, e ele mais uma vez trancou a porta.

No jantar, Mycroft teve a cortesia de não dizer uma palavra sobre minha roupa emprestada, um vestido solto, harmonioso e ondulante que desnudava meu pescoço, mas cobria o resto de meu corpo como um lençol amarrado numa vassoura. Embora eu fosse alta como mamãe, não possuía seus contornos femininos, e, de todo modo, eu havia escolhido o vestido pela cor — pêssego com um toque de creme, que eu adorava —, não pela pretensão de que me servisse. Ele arrastava no chão, mas eu não me incomodava, pois assim o traje escondia minhas botas de criança. Eu havia amarrado uma fita em volta de meu corpo reto como uma tábua para que ele parecesse ter uma cintura; coloquei um colar; até tentei arrumar o cabelo, embora sua indefinida tonalidade marrom dificilmente pudesse ser considerada bonita. Apesar de tudo isso, tenho certeza de que eu parecia uma criança brincando de se vestir como adulta, e tinha plena consciência disso.

Mycroft, embora não tivesse dito nada, estava claramente insatisfeito. Tão logo o peixe foi servido, ele disse:

— Mandei que viesse de Londres uma costureira para lhe fornecer roupas adequadas.

Eu assenti. Algumas roupas novas não seriam de todo mal, e, se eu não gostasse delas, poderia voltar a meus calções confortáveis no momento que ele virasse as costas. Mas eu respondi:

— Há uma costureira aqui em Kineford.

— Sim, estou ciente disso. Mas a costureira de Londres vai saber exatamente do que você precisa para o internato.

O que ele estava dizendo? Muito pacientemente, comuniquei:

— Eu não vou para o internato.

Com a mesma paciência, ele respondeu:

— É claro que vai, Enola. Enviei um questionário a várias excelentes instituições para jovens damas.

Minha mãe havia me falado sobre essas instituições. Seus periódicos sobre “moda racional” estavam cheios de alertas sobre o cultivo da figura da “mulher ampulheta”. Numa dessas “escolas”, a diretora ajustava um espartilho na cintura de cada aluna nova e ela o usava dia e noite, acordava e dormia com ele e só o tirava um vez por semana, durante uma hora, quando o removiam para as “abluções”, ou seja, para que a garota pudesse se banhar. Depois disso, era recolocado, ainda mais apertado, privando quem o usava da capacidade de respirar normalmente, de maneira que o menor imprevisto podia fazê-la cair desmaiada. Isso era considerado “encantador”. O espartilho também era considerado um instrumento de moralidade, “um monitor sempre presente, ordenando que a pessoa que o usava exercitasse o autocontrole” — em outras palavras, tornando impossível para a desafortunada vítima se curvar ou relaxar a postura. Os espartilhos modernos, ao contrário dos velhos de barbatana de baleia de minha mãe, eram tão compridos que precisavam ser feitos de aço para não quebrar, com sua rigidez deslocando órgãos internos e deformando a caixa torácica. As costelas de uma estudante de fato haviam perfurado os pulmões, causando sua morte precoce. Sua cintura, quando ela jazia no caixão, media trinta e oito centímetros. Tudo isso passou pela minha cabeça naquele instante, enquanto meu garfo caía no prato com um retinir. Fiquei sentada, atônita, paralisada pelo horror da situação, ainda assim incapaz de declarar qualquer uma dessas objeções a meu irmão. Falar com um homem de uma coisa íntima como a forma feminina era impensável. Só fui capaz de sussurrar:

— Mas a mamãe...

— Não há nenhuma garantia de que sua mãe volte logo. Não posso ficar nesta casa indefinidamente. — *Graças a Deus*, pensei. — E você não pode ficar aqui vegetando, não é, Enola?

— Mas Lane e a sra. Lane não estarão aqui?

Ele franziu a testa, afastando a faca com a qual estivera passando manteiga no pão.

— É claro que sim, mas os criados não podem lhe fornecer a instrução e a supervisão adequadas.

— Eu estava prestes a dizer que mamãe não gostaria...

— Sua mãe falhou em sua responsabilidade para com você. — Seu tom de voz havia ficado bem mais afiado que a faca de passar manteiga. — O que será de você se não conseguir fazer alguns progressos, adquirir alguma elegância, algum refinamento? Você nunca será capaz de circular numa sociedade educada, e suas perspectivas de matrimônio...

— São muito fracas ou nulas, de qualquer modo — retruquei. — Já que me pareço tanto com Sherlock.

Creio que minha sinceridade o tenha surpreendido.

— Minha querida menina — sua voz se abrandou. — Isso vai mudar, ou será mudado. — Sentada por horas intermináveis ao piano, com um livro no topo da minha cabeça, supus. Dias de tormento, aliados a espartilhos, anquinhas e cabelo falso, embora ele não tenha mencionado nada disso. — Você vem de uma excelente família. Com algum verniz, tenho certeza de que não vai nos envergonhar.

Eu disse:

— Sempre fui uma vergonha, sempre serei uma vergonha, e não vou ser mandada para um instituição que enverniza jovens damas.

— Sim, você vai.

Nós nos encaramos, um de cada lado da mesa, no crepúsculo à luz de velas, ambos desistindo de qualquer pretensão de jantar. Eu estava certa de que ele estava ciente, assim como eu, de que Lane e a sra. Lane estavam escutando às escondidas, no corredor, mas eu não me importei.

Levantei a voz:

— Não. Arranje-me uma governanta se achar que deve, mas eu não vou para um internato. Você não pode me obrigar.

Ele suavizou ainda mais o tom:

— Sim, eu posso. E vou.

— O que quer dizer com isso? Vai me levar até lá acorrentada?

Ele revirou os olhos.

— Igualzinha à mãe — declarou para o teto, e então me fitou com um olhar tão martirizado, tão condescendente, que eu congelei. Num

tom amavelmente racional, continuou: — Enola, perante a lei eu tenho controle completo sobre você e sua mãe. Se eu quiser, posso trancá-la em seu quarto até você criar juízo, ou tomar qualquer medida necessária a fim de alcançar o resultado que desejo. Além disso, como seu irmão mais velho, eu tenho responsabilidade moral para com a sua pessoa, e é evidente que você viveu com muita liberdade por tempo demais. Mas talvez ainda haja tempo de salvá-la de uma vida desperdiçada. Você *vai* fazer o que eu mandar.

Naquele momento, compreendi com exatidão como mamãe se sentiu nos dias seguintes à morte de meu pai.

E por que ela não tinha feito nenhuma tentativa de visitar meus irmãos em Londres, ou recebê-los em Ferndell Park.

E por que ela havia roubado dinheiro de Mycroft.

Eu me levantei.

— Não estou mais com fome. Estou certa de que vai me dar licença.

Gostaria de dizer que saí da sala com uma fria dignidade, mas a verdade é que tropecei na barra do vestido e fui cambaleando até a escada.

CAPÍTULO SEXTO

NAQUELA NOITE, NÃO CONSEGUI DORMIR. NO começo, nem ficar parada consegui. De camisola e descalça, eu andei, andei e andei pelo meu quarto como um leão confinado em sua jaula no zoológico de Londres. Mais tarde, quando apaguei minha lamparina de querosene, soprei as velas e fui para a cama, não consegui pregar os olhos. Escutei Mycroft se retirar para o quarto de hóspedes; escutei Lane e a sra. Lane subirem as escadas até seus aposentos no último andar e ainda assim continuei deitada, olhando para as sombras.

O motivo de minha angústia não era tão óbvio quanto parecia. Mycroft havia me deixado com raiva, mas a mudança de pensamento quanto a minha mãe é que me deixou mais transtornada, quase de estômago embrulhado. É muito estranho pensar numa mãe como uma pessoa qualquer, não apenas uma mãe, por assim dizer. No entanto, foi o que aconteceu: ela tinha sido fraca, mas também forte. Tinha se sentido tão presa quanto eu. Ela sentiu com a mesma intensidade a injustiça de sua situação. Tinha sido forçada a obedecer assim como eu seria forçada a obedecer. Quis se rebelar assim como eu ansiava desesperadamente por me rebelar, sem saber como poderia fazer isso.

Mas, no fim, ela tinha dado um jeito. Conseguira sua gloriosa rebelião.

Droga. Por que não me levou junto?

Chutando as cobertas para sair da cama, acendi a lamparina de querosene, fui até minha mesa — nem suas bordas de flores foram capazes de me animar —, peguei papel e lápis do meu kit de desenho e fiz uma gravura furiosa de mamãe, cheia de papadas e rugas, sua boca

fina como uma linha, saindo com seu chapéu três andares e um porão e sua jaqueta de seda turca, brandindo o guarda-chuva como uma espada, enquanto a cauda de sua ridícula anquinha a seguia.

Por que ela não tinha confiado em mim? *Por que* teve que me deixar para trás?

Ah, tudo bem, eu até conseguia compreender, embora fosse doloroso, seus motivos para não confiar seu segredo a uma garotinha... Mas por que ela não havia ao menos me deixado uma mensagem de explicação ou despedida?

E por que, ah, por que ela tinha escolhido partir no meu *aniversário*? Mamãe nunca, em toda a sua vida, dera ponto sem nó. Ela devia ter tido um motivo. Qual seria?

Por causa de...

Sentei-me subitamente reta diante de minha mesa, boquiaberta.

Agora eu enxergava.

Do ponto de vista de minha mãe.

E fazia muito sentido. Mamãe era esperta. Esperta, esperta, esperta.

Ela *tinha* deixado uma mensagem.

De presente.

No meu aniversário. Foi por isso que ela escolheu esse dia para ir embora, entre todos os outros. Um dia de dar presentes, assim ninguém perceberia...

Levantei num pulo. Onde eu tinha colocado? Precisei acender uma vela e levá-la comigo enquanto vasculhava meu quarto. Não estava na estante. Não estava em nenhuma cadeira, no guarda-roupa, no lavatório ou sobre a cama. Não estava equilibrado na arca de Noé ou no cavalo de balanço, brinquedos que eu herdara de meus irmãos. Que droga de cabeça, que cabeça mais confusa, estúpida... Onde eu tinha colocado? Encontrei. De todos os lugares, lá estava ele, na casa de bonecas abandonada: um maço fino de papéis pintados e escritos a mão, dobrado precisamente no meio e costurado na dobra.

Lancei-me sobre ele: era o livrinho de criptogramas que minha mãe havia feito para mim.

ALO NEE RUC ORP SON SUE MSO MET NAS IRC

O texto tinha sido escrito na letra esvoaçante de mamãe.

Uma olhada na primeira cifra me fez fechar os olhos e querer chorar.

Pense, Enola.

Era quase como se eu ouvisse a voz dela me repreendendo dentro da minha cabeça: “Enola, você vai se sair muito bem sozinha”.

Abri os olhos, olhei para a linha de letras misturadas e comecei a pensar.

Muito bem. Em primeiro lugar, normalmente uma frase não contém apenas palavras de três letras.

Pegando um novo papel no kit de desenho, puxei a lamparina para mais perto com uma mão e a vela com outra, depois copiei os criptogramas, juntando as palavras da seguinte maneira:

ALONEERUCORPSONSUEMSOMETNASIRC

A primeira palavra me saltou aos olhos: “alone”, sozinha.

Ou será que era “Enola”?

Tente de trás para a frente.

CRISANTEMOSMEUSNOSPROCUREENOLA

Meus olhos passaram pela primeira parte.

CRISANTEMOS MEUS NOS PROCURE ENOLA

Parecia que as palavras estavam embaralhadas.

ENOLA PROCURE NOS MEUS CRISANTEMOS

Ah, pelo amor de Deus. OS CRISÂNTEMOS DE MAMÃE. Eu devia ter percebido as flores pintadas nas bordas das páginas. Crisântemos

dourados e castanho-avermelhados.

Eu tinha resolvido o criptograma.

Eu não era uma completa idiota.

Ou talvez fosse, pois não fazia a menor ideia do que “Enola, procure nos meus crisântemos” poderia significar. Será que minha mãe enterrara alguma coisa num vaso de flores em algum lugar? Improvável. Duvido que alguma vez na vida ela tenha segurado uma pá. Dick cuidava desses afazeres, e, de todo modo, minha mãe não era jardineira; ela gostava de deixar as flores resistentes, como os crisântemos, tomarem conta de si mesmas.

Havia os crisântemos lá fora. O que ela consideraria *seus* crisântemos?

No andar de baixo, soaram duas horas no relógio carrilhão. Eu nunca havia ficado acordada até tão tarde. Sentia como se minha mente estivesse flutuando, como se minha cabeça não pertencesse mais ao corpo.

Agora eu estava calma o bastante para me deitar. Mas não queria fazer isso.

Espere. Minha mãe tinha me dado outro livro: *O significado das flores*. Peguei-o e consultei *crisântemo* no índice.

“Receber um crisântemo indica ligação familiar e, por consequência, afeição.”

Afeição implícita era melhor que nada.

Devagar, busquei *ervilha-de-cheiro*.

“Adeus, e obrigado por momentos adoráveis. Um presente ideal para despedidas.”

Despedida.

Depois procurei por *cardos*.

“Desafio.”

Sorri sombriamente.

Bem. Mamãe havia deixado uma mensagem, afinal de contas. Despedida e desafio no vaso japonês. Em sua etérea sala de estar havia centenas de aquarelas na parede.

Aquarelas de flores.

Pisquei, sorrindo largamente.

— Enola — sussurrei para mim mesma. — É isso.

“Meus” crisântemos. Os crisântemos que mamãe havia pintado.

E emoldurado, e pendurado na parede de sua sala de estar.

Eu sabia quais eram.

Sem fazer a menor ideia de como “alguma coisa” poderia “estar” num quadro de mamãe, ou o que mais poderia ser, eu sabia que havia entendido certo e sabia que deveria ir até lá para ver. Naquele exato momento. Na hora mais escura da noite. Sem ninguém mais, especialmente meu irmão Mycroft, saber.

Ao que parece, meninas devem brincar com bonecas. Ao longo dos anos, adultos bem-intencionados haviam me dado várias bonecas. Eu detestava bonecas, arrancava a cabeça delas sempre que podia, mas agora finalmente tinha encontrado uma utilidade para elas. Dentro do crânio oco de uma boneca loura eu tinha escondido a chave para os aposentos de minha mãe. E num instante a peguei.

Depois, baixando o pavio da lamparina a óleo e levando minha vela, abri com muita delicadeza a porta do meu quarto.

A porta do quarto dela ficava no fim corredor, no lado oposto à minha, bem em frente ao quarto de hóspedes.

Onde meu irmão Mycroft estava dormindo.

Eu esperava que ele estivesse dormindo.

E esperava que que ele tivesse um sono pesado.

Descalça, com um castiçal numa mão e minha preciosa chave na outra, andei nas pontas dos pés pelo corredor.

Detrás da porta fechada do quarto de Mycroft veio um zumbido desagradável, como de um porco deitado ao sol.

Evidentemente meu irmão roncava.

Um bom indicativo de que de fato estava dormindo.

Excelente.

Com o máximo silêncio possível, coloquei a chave na fechadura dos aposentos de minha mãe. Mesmo assim, o trinco rangeu. E, quando girei a maçaneta, a tranca estalou.

Um resfolegar interrompeu o ritmo do ronco de Mycroft.

Olhando por cima do ombro para seu quarto, congelei.

Ouvi alguns sons farfalhantes, como se ele estivesse se virando. Sua cama rangeu. Então, ele voltou a roncar.

Deslizando furtivamente para a sala particular de mamãe e fechando a porta atrás de mim, eu enfim soltei a respiração.

Erguendo a vela, fitei as paredes.

Minha mãe havia pintado tantas aquarelas de tantos tipos diferentes de flores.

Procurei nas quatro paredes, apertando os olhos para ver as pinturas à pálida luz do castiçal. Por fim, encontrei uma versão de crisântemos dourados e castanho-avermelhados como os do meu livro de criptogramas.

Fiquei nas pontas dos pés para conseguir alcançar a moldura — que era bastante frágil, esculpida como os móveis do quarto de mamãe de maneira a lembrar varas de bambu, com suas pontas cruzadas e salientes. Levantei delicadamente a armação, prendendo a ponta da unha numa ponta, para puxá-la para baixo. Levei-a para a mesa de chá, onde coloquei minha vela, e comecei a analisá-la.

Enola, procure nos meus crisântemos.

Com frequência eu via mamãe emoldurando suas pinturas. A moldura saiu primeiro, caindo sobre a mesa. Depois o vidro, que estava muito limpo. Uma espécie de estrutura interna, recortada num grosso papel colorido, que estava levemente colada na borda superior da aquarela. E então um fundo de madeira bem fino, pintado de branco. Minúsculos pregos na lateral da moldura ajudavam a manter tudo no lugar. Por último, mamãe havia revestido a parte de trás da moldura com papel pardo a fim de esconder os pregos e de protegê-la do pó.

Virei a pintura do crisântemo e olhei para o papel marrom.

Respirando fundo, puxei uma ponta com a unha, tentando descolar o papel todo de uma vez. Em vez disso, rasguei uma longa tira marrom. Mas não importava. Vi alguma coisa aninhada no fundo do quadro, entre o papel pardo e o fundo de madeira. Algo dobrado. Algo branco.

Um bilhete de mamãe!

Uma carta explicando sua deserção, expressando seu arrependimento e sua afeição, talvez até me convidando a se juntar a ela...

Com o coração gritando *por favor, por favor* e os dedos hesitantes, peguei o retângulo de papel translúcido.

Trêmula, eu o abri.

Sim, era um bilhete de mamãe. Mas não o tipo de bilhete que eu esperava.

Era uma ordem de pagamento do Banco da Inglaterra no valor de cem libras.

Mais dinheiro do que a maior parte das pessoas comuns não via em um ano.

Só que dinheiro não era o que eu queria de minha mãe.

Devo admitir que chorei até dormir. Mas dormi, por fim, um sono ininterrupto até a manhã seguinte, e ninguém me incomodou, salvo quando a sra. Lane veio me acordar para perguntar se eu me sentia doente. Eu disse que não, que estava apenas cansada, e ela foi embora. Ouvi-a dizer a alguém, provavelmente a seu marido, no corredor:

— Ela está prostrada, e não me admira, pobrezinha.

Quando acordei no início da tarde, embora desejasse tanto tomar o desjejum quanto almoçar, não levantei de imediato da cama. Em vez disso, fiquei quieta por um momento e me obriguei a considerar a situação com a cabeça fresca.

Muito bem. Embora não fosse o que eu esperava, dinheiro já era alguma coisa.

Mamãe havia me dado em segredo uma soma considerável.

Que ela pegara, sem dúvida, de Mycroft.

Por meios desonestos.

Seria apropriado ficar com ele?

Mycroft não tinha ganhado dinheiro sozinho. Em vez disso, até onde eu sabia, ele recebera aquele dinheiro pelo fato de ser o primogênito de meu pai.

Era a herança de um proprietário de terras. Séculos de dinheiro de rendas, e mais chegando a cada ano. E por quê? Para o bem de

Ferndell Hall e seu patrimônio.

Na verdade, o dinheiro, assim como o candelabro, *tinha vindo* com a casa.

Que era, ou deveria ser, a casa de minha mãe.

Legalmente, o dinheiro não era meu nem de mamãe. Mas moralmente... Muitas e muitas vezes mamãe havia me explicado como eram injustas as leis. Se uma mulher se esforçasse muito para escrever e publicar um livro, por exemplo, o dinheiro obtido deveria ficar com o marido dela. Quão absurdo isso parecia?

Quão absurdo seria, então, se eu devolvesse aquela ordem de pagamento de cem libras a meu irmão Mycroft só porque ele tinha nascido primeiro?

As legalidades podiam ir pastar, decidi, para minha satisfação; moralmente, aquele dinheiro era meu. Mamãe havia se sacrificado e lutado para arrancá-lo do patrimônio. E o dera para mim.

Quanto mais poderia haver? Ela deixara muitos criptogramas.

O que minha mãe queria que eu fizesse com eles?

Eu já sabia mais ou menos, pelo exemplo dela, a resposta para essa pergunta.

CAPÍTULO SÉTIMO

CINCO SEMANAS DEPOIS, EU ESTAVA PRONTA.

Isto é, aos olhos de Ferndell Hall eu estava pronta para ir para o internato.

Aos meus olhos, estava pronta para uma aventura de caráter bastante diferente.

Quanto ao internato: a costureira tinha chegado de Londres, instalara-se num quarto havia muito vago, outrora ocupado pela camareira de alguma senhora, debruçara-se, suspirando, sobre o pedal de uma velha máquina de costura e se pusera a tirar minhas medidas: cintura, cinquenta centímetros. *Tsc, tsc.* Grossa demais. Busto, cinquenta e três centímetros. *Tsc, tsc.* Pequeno demais. Quadril, cinquenta e cinco centímetros. *Tsc, tsc.* Terrivelmente inadequado. Mas tudo isso podia ser consertado. Em uma revista de moda que minha mãe jamais teria permitido em Ferndell Hall, a costureira localizou o seguinte anúncio:

AMPLIADOR: o espartilho ideal para manequins pequenos. Palavras não podem descrever seu efeito encantador, que é inatingível e inigualável em qualquer outro espartilho no mundo. Os reguladores internos, suavemente acolchoados (com outros aperfeiçoamentos que combinam suavidade, leveza e conforto), são ajustados conforme a necessidade da usuária, a fim de oferecer um completo preenchimento com as graciosas curvas de um busto encantadoramente proporcional. O espartilho será enviado num pacote simples, após o pagamento da remessa. Possui garantia. Caso a cliente não fique satisfeita, devolvemos o dinheiro. Evite substitutos ineficazes.

O artefato foi devidamente encomendado e a costureira começou a produzir vestidos recatados de cores escuras, cujos colarinhos altos de barbatana de baleia me estrangulavam, cintas projetadas para suspender minha respiração e saias que, espalhadas sobre uma meia dúzia de anáguas de seda cheias de babados, arrastavam no chão, de maneira que eu mal conseguia andar. Ela propôs costurar dois vestidos com cintura de quarenta e nove centímetros, dois com quarenta e oito centímetros, depois baixar para quarenta e sete centímetros e ir diminuindo, na expectativa de que, conforme eu crescesse, minha cintura afinasse.

Enquanto isso, Sherlock Holmes começou a enviar telegramas cada vez mais sucintos, reportando que não tinha notícias de nossa mãe. Ele havia localizado seus velhos amigos, seus colegas artistas, suas companheiras sufragistas; até mesmo tinha viajado para a França a fim de verificar se os parentes distantes dela, os Vernet, sabiam de algo, mas tudo sem sucesso. Comecei a temer por mamãe de novo; por que o grande detetive não tinha sido capaz de encontrá-la? Será que ela havia sofrido algum acidente, afinal? Ou, pior, sido vítima de algum crime sórdido?

Mudei de ideia, porém, no dia em que a costureira terminou o primeiro vestido.

Nesse dia, esperava-se que eu colocasse o Espartilho Ideal (que havia chegado, como prometido, embrulhado em um discreto papel marrom), com reguladores frontais e laterais, e, é claro, a Anquinha Patenteada, de maneira que eu jamais seria capaz de me sentar normalmente numa cadeira. Também se esperava que eu prendesse o cabelo num coque *chignon*, com grampos que me pinicavam o couro cabeludo, e uma franja de cachos falsos em volta do rosto que igualmente me espetavam. Como recompensa, eu poderia usar meu vestido novo e, calçando sapatos tão torturantes quanto, dar algumas voltas pelo salão para praticar ser uma jovem senhorita.

Naquele dia, percebi, com irracional, porém absoluta certeza, aonde minha mãe tinha ido: para um lugar onde não existiam grampos de cabelo, espartilhos (ideais ou não) e anquinhas patenteadas.

Nesse meio-tempo, meu irmão Mycroft enviou um telegrama informando que todos os arranjos haviam sido feitos — eu deveria me apresentar numa tal “escola para jovens senhoritas” (uma casa dos horrores) em tal data — e instruindo Lane a me ver entrando lá.

O mais importante, em relação a minha empreitada particular: sempre que podia, eu passava meus dias de camisola, trancada no quarto e dormindo, alegando esgotamento nervoso. A sra. Lane, que frequentemente me oferecia geleia de mocotó e coisas semelhantes (não me admira que os inválidos não melhorassem!), começou a ficar muito preocupada, e comunicou Mycroft do meu estado de saúde. Este lhe assegurou que o internato, onde eu comeria mingau de aveia no desjejum e usaria lã em contato com a pele, restauraria minha saúde. No entanto, ela havia convocado primeiro o boticário local e mais tarde um médico de Harley Street, que veio de Londres para me examinar, e ambos não encontraram nada de errado comigo.

E eles estavam certos. Eu estava apenas evitando espartilhos, grampos de cabelo, sapatos apertados e afins, enquanto tentava recuperar o sono perdido. Ninguém sabia que todas as noites, assim que escutava o resto da casa ir para a cama, eu me levantava e trabalhava em meu livro de criptogramas até tarde da noite. Acabei gostando dos criptogramas, afinal de contas, pois adorava descobrir coisas novas, e os criptogramas de mamãe me fizeram enxergar uma nova forma de fazer isso, que era primeiro encontrar o significado oculto e depois o tesouro. Cada criptograma desvendado me levava aos aposentos de mamãe, em busca de mais riquezas que ela porventura houvesse escondido para mim. Alguns eu não consegui resolver, o que me deixou tão frustrada que pensei em arrancar o fundo de todas as aquarelas — mas essa não me pareceu uma atitude honrada. Além disso, havia muitas e muitas pinturas, e mais: nem todos os criptogramas me levavam até elas.

Havia, por exemplo, uma página de meu livro de criptogramas decorada com uma trilha de hera numa cerca de estacas. No mesmo instante, sem nem olhar para o criptograma, andei furtivamente até os aposentos de mamãe em busca de um estudo de hera em aquarela.

Encontrei dois e arranquei os fundos de ambos, sem nada encontrar, antes de voltar taciturna para meu quarto e encarar o criptograma:

AOEHONOAUAANMMC
LNELORDXPDHIAA

O que poderia ser? Procurei por *hera* em *O significado das flores*. A trepadeira simbolizava “fidelidade”. Embora comovente, essa informação não me ajudava em nada. Fiquei olhando para o criptograma por algum tempo, franzindo a testa, até ser capaz de identificar as letras de meu nome nas duas linhas. Então percebi que mamãe havia pintado a hera ziguezagueando de maneira bastante incomum na cerca de estacas. Além disso, a hera crescia da direita para a esquerda. Revirando os olhos, segui esse mesmo padrão e reescrevi o criptograma:

CAMAMINHADAPUXADORNOOLHEENOLA

CAMA MINHA DA PUXADOR NO OLHE ENOLA

Ou, lendo as palavras da direita para a esquerda:

ENOLA OLHE NO PUXADOR DA MINHA CAMA

Lá fui eu, nas pontas dos pés, no meio da noite, remover os puxadores da cama de mamãe, apenas para descobrir que uma quantidade espantosa de dinheiro vivo podia ser enfiada nos pés de uma cama de latão.

De minha parte, tive de encontrar esconderijos inteligentes dentro de meu quarto, de maneira que a sra. Lane, em suas ocasionais invasões para tirar o pó, não conseguisse encontrar nada.

Os varões das minhas cortinas, feitos com o mesmo latão da cama de mamãe, também tinham puxadores nas extremidades que serviam para esse propósito.

De modo geral, minhas noites eram muito mais ativas e satisfatórias que meus dias.

Nunca encontrei o que mais desejava — um bilhete de despedida, uma nota afetuosa ou alguma explicação dela. Mas a verdade é que, a essa altura, não havia necessidade de explicações. Eu sabia que ela havia praticado aquelas fraudes por mim, pelo menos em parte. E eu sabia que o dinheiro que ela conseguira me entregar de maneira tão engenhosa era destinado à minha liberdade.

Graças a mamãe, portanto, foi com um estado de espírito surpreendentemente esperançoso, embora agitado, que, no fim de agosto, numa manhã ensolarada, embarquei numa condução que me levaria para longe da única casa que eu conhecia.

Lane havia conseguido alugar um cavalo com um fazendeiro local e uma espécie de geringonça híbrida, ou “carroça”; um carrinho de bagagem com um assento acolchoado para mim e o condutor. Eu deveria chegar até a estação de trem com conforto, se não com estilo.

— Espero que não chova — a sra. Lane observou, de pé na entrada para me ver partir.

Não chovia fazia semanas. Desde o dia em que saí para procurar minha mãe.

— É muito improvável — disse Lane, estendendo a mão para que eu pudesse subir e ocupar meu assento como uma dama; aceitei a ajuda, e, enquanto ele segurava minha mão enluvada com uma mão, abria com a outra minha sombrinha branca franzida. — Não há uma única nuvem no céu.

Sorrindo para Lane e a sra. Lane, acomodei primeiro minha anquinha, depois meu próprio corpo, e então me sentei ao lado de Dick, o cocheiro. Assim como a anquinha ocupava a parte de trás do assento, a sra. Lane fez um coque na parte de trás de meu cabelo, segundo a moda, de maneira que meu chapéu de palha, que parecia um prato enfeitado com fitas, escorregava sobre os olhos. Eu usava um traje cinza-acastanhado escolhido cuidadosamente por suas cores feias e desinteressantes, uma faixa grossa na cintura, uma saia comprida e um casaco combinando. Por baixo do casaco, eu tinha deixado a faixa

da saia desabotoada, de maneira a conseguir regular meu espartilho e deixá-lo o mais largo possível, quase confortável. Eu podia respirar.

Como seria necessário, muito em breve.

— A srta. Enola está uma perfeita dama — disse Lane, dando um passo para trás. — Estou certo de que será o orgulho de Ferndell Hall. Mal sabia ele.

— Sentiremos sua falta — disse a sra. Lane, com voz trêmula, e por um momento meu coração me censurou, pois vi lágrimas em seu velho e bondoso rosto.

— Obrigada — agradei, rígida, lutando penosamente contra meus próprios sentimentos. — Dick, vamos embora.

Durante todo o trajeto até o portão, encarei as orelhas do cavalo. Meu irmão Mycroft havia contratado homens para “limpar” o mato da propriedade, e eu não queria ver minhas roseiras-bravas cortadas.

— Adeus, srta. Enola, e boa sorte — disse o porteiro, enquanto abria o portão para nós.

— Obrigada, Cooper.

Enquanto o cavalo trotava por Kineford, suspirei e permiti que meu olhar vagasse pela cidade, despedindo-se mentalmente do açougue, da quitanda, dos chalés caiados de vigas negras e tetos de palha, da taverna, correio e telégrafo, da delegacia de polícia, de mais casinhas em estilo Tudor, com janelas minúsculas e carrancudas sob as pesadas madeixas de palha, da estalagem, da forja, da casa paroquial, da capela de granito com seu teto de ardósia coberto de musgo, das lápides apontando aqui e ali no cemitério...

Quase estávamos passando o cemitério quando eu disse de repente, como se tivesse tido essa ideia naquele exato momento:

— Pare, Dick. Quero dizer adeus a meu pai.

Ele puxou as rédeas do cavalo.

— O que foi, srta. Enola?

Para lidar com Dick, as explicações precisavam ser simples e completas.

— Quero visitar o túmulo do meu pai — esclareci, pacientemente, enfatizando uma palavra por vez. — E fazer uma prece por ele na capela.

Pobre papai, ele não teria desejado tal oração. Um homem lógico e descrente, tinha pedido que não realizassem um funeral para ele, e sim que o cremassem, mamãe havia contado certa vez, mas seu desejo não fora atendido após a morte, por medo de que Kineford jamais se recuperasse do escândalo.

Naquele seu jeito lento e apreensivo, Dick disse:

— Mas eu devo levá-la até a estação de trem, senhorita.

— Temos bastante tempo. Você pode beber uma caneca de cerveja na taverna enquanto me espera.

— Ah, sim. — Ele fez o cavalo virar, voltou pela estrada e parou diante da porta da capela. Ficamos os dois sentados por um momento, até ele se lembrar de suas boas maneiras, quando então prendeu as rédeas, desceu da carroça e deu a volta para me ajudar a descer.

— Obrigada — eu disse, enquanto retirava a mão enluvada de seu punho encardido. — Volte para me buscar em dez minutos.

Mas foi só por dizer. Eu sabia que ele demoraria meia hora ou mais na taverna.

— Sim, senhorita — ele respondeu, tocando em seu boné.

Dick foi embora, e eu, em meio a um redemoinho de saias, entrei devagar na capela.

Como eu tinha esperado e previsto, encontrei-a desocupada. Após olhar rapidamente para os bancos vazios, sorri, joguei a sombrinha na caixa de roupas usadas para os pobres, ergui as saias até os joelhos e corri para a porta dos fundos.

E de lá para o cemitério ensolarado.

Corri por um caminho sinuoso de terra batida entre as lápides tortas, mantendo a capela entre mim e qualquer testemunha que pudesse estar passando pela rua do vilarejo naquele momento. Quando cheguei à cerca viva nos fundos do terreno da capela, eu mais pulei do que escalei a sebe, virei à direita, corri um pouco mais, e sim, mil vezes sim! Lá estava minha bicicleta, escondida na cerca, onde eu a tinha deixado no dia anterior. Ou melhor, na noite anterior. Tarde da noite, à luz da lua quase cheia.

Na bicicleta eu tinha instalado dois recipientes, uma cesta na frente e uma caixa atrás, ambos contendo muitos sanduíches, pickles, ovos cozidos e garrafas de água, além de bandagens para o caso de um

acidente, um kit de reparo de pneus, calças curtas, minhas confortáveis e velhas botas pretas, escova de dentes e coisas semelhantes.

Na minha pessoa também tinham sido instalados dois recipientes, ocultos no traje cinza-castanho, um na frente e outro atrás. O da frente era um realçador de busto bastante peculiar que eu mesma havia costurado secretamente, usando materiais roubados do guarda-roupa de mamãe. No recipiente de trás, eu tinha inventado uma anquinha semelhante.

Por que mamãe partira vestindo uma anquinha, embora tenha deixado para trás o forro de crina de cavalo?

A resposta me parecia óbvia: para que ali coubesse a bagagem necessária para a fuga.

E eu, tendo sido abençoada com um peito chato, elevava seu exemplo a outro nível. Meus vários reguladores originais, realçadores e anquinhas continuavam em Ferndell Hall — enfiados na chaminé, na verdade. No lugar deles, sobre a pele eu vestia camadas de roupas — minha verdadeira bagagem — recheadas de peças íntimas embrulhadas em montes e montes de notas bancárias. Além disso, eu tinha dobrado cuidadosamente um vestido extra, agora armazenado em minhas costas, entre as anáguas, onde ele preencheria perfeitamente o espaço da cauda da saia. Nos bolsos do casaco eu guardara um lenço, uma barra de sabão, pente e escova de cabelo, meu agora precioso livrinho de criptografia, sais aromáticos, doces para me dar energia... Na verdade, eu carregava um baú repleto de itens essenciais.

Pulei em minha bicicleta, com as anáguas e saias modestamente amarradas nos tornozelos, e saí pedalando pelo campo.

Um bom ciclista não precisa de estrada. Eu seguiria os pastos e as trilhas das fazendas, por ora. O solo era duro como ferro; eu não deixaria rastros.

No dia seguinte, imaginei, o grande detetive Sherlock Holmes, que também era meu irmão, estaria tentando localizar não apenas a mãe como a irmã desaparecida. Ele esperaria que eu fugisse para bem longe. Portanto, eu não faria isso. Eu fugiria em direção a ele.

Ele morava em Londres. Assim como Mycroft. Por causa disso, e também porque aquela era a maior e mais perigosa cidade do mundo, seria o último lugar da Terra no qual ambos imaginariam que eu me aventurasse.

Portanto, era para lá que eu iria.

Eles esperariam que eu me disfarçasse de menino. Muito provavelmente já tinham ouvido falar de minhas calças curtas, e, de todo modo, em Shakespeare e outras obras de ficção, garotas fugitivas sempre se disfarçavam de rapazes.

Portanto, eu não faria isso.

Eu me disfarçaria da última coisa que meus irmãos imaginariam que eu pudesse me disfarçar, conhecendo-me como um varapau, uma criança com uma camisola que mal cobria os joelhos.

Eu me disfarçaria de mulher adulta.

E, então, começaria a procurar minha mãe.

CAPÍTULO OITAVO

EU PODERIA TER PEDALADO DIRETO PARA Londres pela estrada principal, mas resolvi não fazer isso. Muitas pessoas me veriam. Não, eu tinha um plano para chegar a Londres, e ele era muito simples — e, eu esperava, ilógico. Meu plano era não seguir nenhum plano. Se eu mesma não soubesse exatamente o que estava fazendo, como meus irmãos poderiam adivinhar?

Eles fariam conjecturas, é claro; diriam: “Nossa mãe a levou uma vez para Bath, talvez ela tenha ido lá” ou “No quarto dela há um livro sobre Gales, com um mapa marcado a lápis; talvez ela tenha ido para lá”. (E eu esperava mesmo que eles encontrassem o livro, que eu tinha colocado na casa de bonecas como uma pista falsa. *O significado das flores*, porém, era grande demais para levar comigo, então eu o tinha escondido entre centenas de outros volumes grossos na biblioteca do andar de baixo). Mycroft e Sherlock aplicariam o raciocínio indutivo; portanto, raciocinei, devo confiar no acaso. Eu deixaria o solo me mostrar o caminho para o leste, escolhendo o terreno mais pedregoso ou qualquer um que não deixasse quase nenhuma marca dos pneus.

Não importava onde eu estivesse no fim daquele dia, ou no seguinte. Eu jantaria pão e queijo, dormiria ao relento como uma cigana e, vagando para lá e para cá, acabaria enfim encontrando uma linha férrea. Se a seguisse, de um jeito ou de outro, daria em uma estação, e, contanto que não fosse Chaucerlea (onde certamente meus irmãos perguntariam de mim), qualquer estação da Inglaterra serviria, pois todas as ferrovias levavam a Londres.

Nada de cinturas de dezessete polegadas, aveia no desjejum, lã em contato com a pele, propostas de casamento, virtudes de uma jovem dama e coisas semelhantes.

Esses eram meus pensamentos felizes enquanto eu pedalava por um pasto de vacas, ao longo de uma trilha gramada, depois por uma charneca a céu aberto, longe dos campos que eu conhecia.

No céu azul, cotovias cantavam como meu coração.

Como eu seguia por estradas secundárias e evitava vilarejos, poucas pessoas me viram. Um eventual fazendeiro ergueu os olhos de seu campo de nabos sem demonstrar surpresa em ver uma dama pedalando; esses entusiastas do ciclismo haviam se tornado cada vez mais comuns. E, de fato, encontrei outra figura coberta de barro como aquela passando sobre uma trilha pedregosa de cascalhos, e trocamos um aceno ao passar um pelo outro. Ela parecia reluzente de calor e exercício. Os cavalos suam e os homens transpiram, enquanto as mulheres brilham. Eu tinha certeza de que estava reluzente de suor também. Na verdade, eu podia sentir um rio de suor escorrendo pelas laterais de meu espartilho, cujas pontas de aço me espetavam embaixo dos braços de maneira extremamente irritante.

Quando vi que o sol estava a pino, achei que já podia parar para almoçar, ainda mais porque não tinha dormido na noite anterior. Sentada embaixo de um frondoso olmo, numa almofada de musgo, senti uma irresistível vontade de deitar e recostar a cabeça lá por um instante. Mas, após terminar de comer, me forcei a subir de novo na bicicleta e continuar pedalando, pois sabia que precisava me afastar o máximo possível antes que começassem a me procurar.

Naquela tarde, disposta a continuar com meus pensamentos ciganos, cruzei com uma caravana do povo nômade, com suas casacarroças de cores brilhantes e toldos redondos. A maior parte dos nobres desprezava os ciganos, mas minha mãe permitira algumas vezes que eles acampassem no terreno de Ferndell, e quando criança eu era fascinada por eles. Mesmo agora, resolvi parar para vê-los passar, contemplando avidamente seus muitos cavalos de cores variadas empinando o corpo e balançando a cabeça, apesar do calor, e os cocheiros tentando contê-los, em vez de convencê-los a prosseguir. E eu acenei sem medo para os viajantes em suas carroças, pois, de

todas as pessoas da Terra, era muito provável que os ciganos seriam os que nunca falariam de mim para a polícia. Os homens me ignoraram sombriamente, mas algumas mulheres de cabelos soltos, pescoços e braços nus acenaram de volta, e todas as crianças maltrapilhas acenaram, gritaram e me chamaram, pedindo esmolas. Bando de ladrões desavergonhados e sujos, a sra. Lane diria, e suponho que ela tivesse razão. Ainda assim, se eu tivesse alguma moeda no bolso, teria jogado para eles.

Também naquela mesma tarde eu encontrei, numa estrada rural, um caixeiro-viajante e sua carroça repleta de latarias, sombrinhas, cestos, esponjas marinhas, gaiolas, tábuas de engomar e todo tipo de bugiganga. Pedi que ele parasse e me mostrasse tudo o que tinha em seu estoque, desde chaleiras de cobre a pentes de casco de tartaruga para prender o cabelo, a fim de disfarçar meu propósito antes de comprar a única coisa de que realmente precisava: uma valise.

Pendurei-a no guidão e continuei pedalando.

Encontrei outros viajantes, uns a pé, outros em meios de transporte que variaram de carruagens a carroças puxadas por burros, mas minha memória começou a não registrá-los mais conforme o cansaço aumentava. Quando anoiteceu, cada parte de meu corpo doía e eu me sentia esgotada como nunca antes na vida. Caminhando pela relva que havia sido comida até as raízes pelas ovelhas, empurrando minha bicicleta, e me apoiando nela, lutei para subir uma colina baixa de calcário, em cujo topo havia um bosque de faias. Assim que encontrei um esconderijo entre as árvores, soltei minha bicicleta sem me importar onde ela cairia e desabei na terra e nas folhas do ano anterior, tão desanimada com a noite como havia me animado com o dia, e então me perguntei: será que encontraria forças para pedalar de novo amanhã?

Eu poderia dormir lá mesmo. A não ser que... E pela primeira vez eu pensei: e se chovesse?

O meu plano de não planejar nada me parecia mais tolo a cada vez que eu tentava respirar, ofegante.

Após alguns instantes de desespero, consegui me levantar, cambaleando, e, oculta pela escuridão, tirei o chapéu, os grampos de cabelo e a bagagem que carregava dentro das roupas, assim como o

torturante espartilho. Cansada demais até para pensar em comida, eu me deitei no chão de novo e, tendo minhas anáguas e meu sujíssimo traje cinza-acastanhado como única coberta, adormeci em pouco tempo.

Meus hábitos tinham se tornado tão noturnos, no entanto, que eu acordei no meio da noite.

Já não estava nem um pouco sonolenta, e sim faminta.

Mas não havia luar naquela noite. O céu estava encoberto. Talvez chovesse, de fato. E, sem luar ou mesmo a luz das estrelas, não consegui enxergar nada, muito menos encontrar a comida que havia empacotado na caixa presa à bicicleta. Tampouco consegui encontrar, para iluminar o local, a caixa de fósforos que eu estupidamente guardara com a comida. Eu me consideraria uma garota de sorte se tropeçasse na bicicleta.

— Diabos — resmunguei, furiosa, sentindo os galhos da faia arranharem meu rosto e se agarrarem em minhas roupas enquanto eu tentava me levantar.

Mas, no momento seguinte, esqueci da comida. Parei e observei, pois a uma distância não muito grande dali havia luzes.

Lampiões de gás. Cintilando entre os troncos das árvores da colina, elas brilhavam a distância como estrelas terrestres.

Um vilarejo. Eu tinha subido um lado da colina sem saber, e cansada demais para perceber, que havia um vilarejo do outro lado.

Pelo contrário, uma cidade, grande o bastante para ter gás instalado.

Uma cidade com estação de trem, talvez?

E, nesse exato momento, chegou a meus ouvidos, através da escuridão da noite, o longo apito de um trem.

Muito, muito cedo na manhã seguinte, saí furtivamente do bosque de faias — eu esperava que, naquele horário, ninguém, ou quase ninguém, me visse. Não que eu temesse ser reconhecida. É que seria um pouco estranho ver uma viúva bem-vestida, a pé, carregando uma valise, sair de um abrigo tão rudimentar.

Sim, uma viúva. Eu vestia, dos pés à cabeça, o traje de luto que havia roubado do guarda-roupa de minha mãe. A indumentária, que indicava que eu tinha sido casada, acrescentava uma década ou mais à minha idade e ainda assim me permitia usar as confortáveis e surradas botinhas pretas, que passariam despercebidas, e arrumar o cabelo num coque simples, que eu mesma conseguia fazer. E, o melhor de tudo, me deixou quase irreconhecível. Pendurado na aba do meu chapéu preto de feltro, um denso véu negro envolvia toda a minha cabeça, de maneira que eu parecia prestes a atacar uma colmeia de abelhas. Pequenas luvas de couro da mesma cor revestiam minhas mãos — eu me certificara desse detalhe, já que me faltava uma aliança de casamento —, e o abafado traje de seda negra me cobria do queixo aos pés, que por sua vez estavam calçados com as botinhas pretas.

Dez anos antes, mamãe era mais magra, logo seu vestido tinha me servido muito bem com o espartilho mal apertado. Na realidade, nenhum espartilho teria sido necessário se não fosse para sustentar minha bagagem improvisada nas áreas necessárias. O que eu colocara sobre a bicicleta carregava agora na valise ou nos bolsos. Minha mãe não gostava de bolsas, de maneira que havia providenciado que todas as suas roupas tivessem bolsos bem grandes, a fim de abrigar lenços, balas de limão, moedas e notas de dinheiro, e mais. Abençoada fosse a cabeça teimosa e independente de mamãe, que também foi quem me ensinou a andar de bicicleta. Eu me arrependia de ter de abandonar aquele fiel corcel mecânico no bosque de faias, mas certamente não me arrependia de abandonar o feio traje cinza-acastanhado.

À meia-luz cinzenta da aurora, descii devagar a ladeira, ao longo de uma cerca viva, até chegar a uma alameda. Muito rígida com o exercício do dia anterior, percebi que minhas dores e mazelas tinham sido, na verdade, uma bênção: elas me forçavam a andar devagar. De maneira que, num passo bastante feminino, em concordância com meu disfarce, caminhei pela alameda, depois por uma estrada de cascalho, e por fim para a cidade.

A aurora se transformou num fraco amanhecer, ameaçando chuva. Comerciantes começavam a erguer suas persianas, o homem do gelo atrelava seu velho e curvado cavalo para fazer suas rondas, uma criada bocejante atirava um balde cheio de algo indescritível na sarjeta, uma

mulher maltrapilha varria a rua. Meninos jornalheiros jogavam pilhas da edição matutina no meio-fio. Um vendedor de fósforos sentado num canto — um mendigo, na verdade — gritava: “Que haja luz; um fósforo para o cavalheiro?” Alguns dos transeuntes eram realmente cavalheiros de cartola, outros, trabalhadores com roupas de flanela e boinas, e ainda havia outros quase tão esfarrapados como o mendigo, mas ele chamava a todos de “cavalheiros”. Ele não tentou vender fósforos para mim, é claro, pois uma dama não fumava.

“BARBEARIA BELVIDERE”, declaravam as letras douradas pintadas numa porta de vidro ao lado de um poste em espiral, com listras vermelhas e brancas. Ah, eu tinha ouvido falar de uma cidade chamada Belvidere, satisfatoriamente longe de Kineford. Olhando em volta, vi os dizeres “BANCO DE BELVIDERE” esculpidos na verga de pedra de um imponente edifício ali perto. Ótimo, eu havia alcançado meu objetivo. *Muito bom*, pensei, escolhendo meu caminho entre os excrementos de cavalo, *para uma simples garota com capacidade craniana limitada*.

— Cebolas, batatas, pastinacas! — anunciava um homem empurrando um carrinho de mão.

— Cravos frescos para as lapelas dos cavalheiros! — gritou uma mulher de xale que oferecia flores de uma cesta.

— Sequestro! Escandaloso sequestro! Saibam tudo o que aconteceu! — berrou um jornalheiro.

Sequestro?

— O visconde Tewksbury foi levado de Basilwether Hall!

Eu realmente queria ler tudo a respeito do caso, mas primeiro queria encontrar a estação de trem.

Com isso em mente, segui um cavalheiro de cartola, fraque e luvas de pelica que colocava um cravo fresco em sua lapela. Como estava vestido de modo tão formal, imaginei que estivesse indo para a cidade naquele dia.

Confirmando minha hipótese, logo ouvi o ronco de uma locomotiva se aproximando e crescendo até virar um rugido que sacudiu a calçada sob meus pés. Pude, então, ver o teto pontudo e os torreões da estação,

com o relógio da torre marcando sete e meia da manhã, e os guinchos e zunidos do freio, enquanto o trem estacionava.

Se meu acompanhante involuntário viajou de fato para Londres eu jamais soube, pois, quando chegamos à plataforma da estação, minha atenção foi captada pela cena que se desenrolava lá.

Uma multidão espantada havia se reunido no lugar. Um grupo de policiais formava um cordão para manter os curiosos para trás, enquanto mais oficiais de uniforme avançavam para receber o trem recém-chegado, uma locomotiva composta por um único vagão rotulado de “EXPRESSO POLICIAL”. De lá saíram vários homens em capas de viagem. As capas varriam o chão de maneira impressionante, mas os protetores de ouvido, combinando com os chapéus pontudos que acompanhavam as capas, pareciam bastante tolos, como pequenas orelhas de coelhos, eu pensei, enquanto atravessava a multidão em direção à bilheteria da estação.

Como se eu tivesse entrado numa panela fervente, começaram a borbulhar ao meu redor vozes excitadas.

— É a Scotland Yard, com certeza. São detetives.

— Ouvi falar que também chamaram Sherlock Holmes...

Ah, meu Deus. Parei e comecei a escutar atentamente o que diziam.

— Mas ele não virá, pois tem questões familiares para resolver.

O interlocutor passou, sua voz se misturou às outras e eu não ouvi mais nada sobre meu irmão, embora os outros tagarelassem profusamente.

— Minha prima é criada pessoal na casa grande...

— A duquesa está enlouquecida, estão dizendo...

— ... e ela disse que...

— E o duque está soltando fogo pelas ventas.

— O velho Pickering lá do banco disse que eles ainda estão esperando um pedido de resgate.

— E quem sequestraria o menino se não fosse para pedir resgate?

Humm. Parece que o “escandaloso sequestro!” tinha ocorrido bem perto. E, de fato, observando os detetives se amontoarem num adorável landau, eu os vi seguir em direção a um parque verde não muito longe da estação ferroviária. Acima das árvores, erguiam-se as

cinzentas torres góticas de Basilwether Hall, segundo as conversas que eu tinha ouvido.

Que interessante.

Mas uma coisa de cada vez. Primeiro eu tinha de comprar a passagem...

Contudo, de acordo com o grande itinerário fixado na parede da estação, não haveria escassez de trens para Londres. Os trens partiam a cada hora, fosse dia ou noite.

— O filho do duque desapareceu! Leia tudo sobre o caso! — berrou um jornaleiro, parado embaixo do itinerário.

Embora eu não acreditasse na Providência, tive de me perguntar como o acaso havia me colocado ali, naquela cena de crime, e meu irmão, o grande detetive, em outro lugar. Meus pensamentos tornaram-se incontroláveis, e a tentação, irresistível. Abandonei a tentativa de chegar à janelinha da bilheteria e, em vez disso, comprei um jornal.

CAPÍTULO NONO

SENTEI-ME NUMA CASA DE CHÁ AO lado da estação de Belvidere, numa mesa de canto em frente à parede, a fim de erguer meu véu. Eu precisava fazer isso por dois motivos: tomar o desjejum de chá e bolinhos e ver a fotografia do jovem visconde Tewksbury Basilwether.

Ocupando quase metade da primeira página do jornal, um retrato formal de estúdio mostrava o garoto vestido — pelo amor de Deus, eu esperava de verdade que não o vestissem de veludo e babados todos os dias —, mas de que outro jeito ele andaria por aí, com aquele belo cabelo até os ombros, arranjado artisticamente com ferro de frisar? Parecia que sua mãe era entusiasta de *O pequeno lorde Fauntleroy*, um livro odioso, responsável pela agonia de uma geração inteira de meninos nobres. Nascido no auge da moda de Fauntleroy, o pequeno lorde Tewksbury calçava sapatos de couro envernizado com fivelas, vestia meias brancas, calças curtas de veludo negro com laços de cetim nas laterais e uma faixa de cetim embaixo da jaqueta de veludo negro com colarinho e punhos brancos esvoaçantes. Ele olhava para a câmera com o rosto inexpressivo, mas pensei ter visto certa dureza em seu maxilar.

A manchete do jornal dizia, em letras garrafais:

O TERRÍVEL DESAPARECIMENTO DO PEQUENO HERDEIRO DO DUQUE

Pegando um segundo bolinho, continuei a ler:

Uma cena de implicações alarmantes desenrolou-se na manhã de quarta-feira em Basilwether Hall, lar ancestral dos duques de Basilwether, próximo à próspera cidade de Belvidere, quando um ajudante de jardineiro notou que uma das portas francesas da sala de bilhar havia sido arrombada. A equipe de empregados da casa, tendo sido avisada, descobriu a seguir que a fechadura interna da sala havia sido forçada e ainda mostrava sinais de uma violenta facada. Naturalmente suspeitando de roubo, o mordomo verificou a prataria na despensa e constatou que nada fora levado. Nem os pratos e candelabros da sala de jantar haviam sido mexidos, ou os inúmeros objetos valiosos da sala de visitas, a galeria, a biblioteca ou qualquer outro lugar da extensa superfície de Basilwether Hall. De fato, nenhuma outra porta tinha sido forçada no andar de baixo. Somente quando as criadas do primeiro andar começaram a carregar os costumeiros baldes de água quente para as abluções matinais da família ducal é que a porta do quarto do visconde Tewksbury, marquês de Basilwether, foi encontrada entreaberta. A mobília jazia espalhada pela sala, como a testemunha silenciosa de uma luta desesperada, e de seu nobre ocupante não havia sinal. O visconde, herdeiro de lorde Basilwether e, de fato, seu único filho, um mero garoto de doze anos...

— *Doze?* — exclamei, incrédula.

— O que foi, madame? — perguntou a atendente, atrás de mim.

— Ah, nada. — E rapidamente pousei o jornal na mesa e baixei o véu para cobrir o rosto. — Achei que ele fosse mais novo.

Muito mais novo, com seus cabelos cacheados e suas roupas de conto de fadas. Doze anos! Ora, o garoto deveria estar vestindo um blusão de lã robusto e calças curtas, uma camisa de Eton com gravata e um corte de cabelo decente, masculino...

Pensando bem, percebi que estava justamente com esse tipo de traje quando meu irmão Sherlock me encontrara.

— A senhora se refere ao pobre lorde Tewksbury, que desapareceu? Sim, a mãe o mantinha como um bebê. Ouvi falar que está louca de tristeza, pobre mulher.

Afastei a cadeira, deixei meio *penny* na mesa, saí da casa de chá e, após confiar minha valise a um carregador da estação de trem, andei até Basilwether Park.

Isso seria muito melhor do que procurar seixos brilhantes e ninhos de pássaros. Algo valioso de verdade havia sumido, e eu queria encontrá-lo. E acreditava talvez conseguir. Eu sabia onde o lorde Tewksbury poderia estar. Eu simplesmente sabia, embora não soubesse como provar. Durante todo o trajeto, em que segui por uma longa entrada, com álamos gigantes de ambos os lados, caminhei numa espécie de transe, imaginando para onde ele poderia ter ido.

Os primeiros portões estavam abertos, mas no segundo um porteiro me deteve, pois seu dever era barrar os curiosos, repórteres de jornais e pessoas do tipo. Ele me perguntou:

— Qual é o seu nome, madame?

— Enola Holmes — respondi sem pensar.

No mesmo instante, me senti tão imperdoavelmente estúpida que desejei cair morta lá mesmo. Sendo uma fugitiva, era óbvio que eu havia escolhido um novo nome para mim: Ivy Meshle. “Ivy” pela fidelidade — à minha mãe. “Meshle” era uma espécie de criptograma. Pegue a palavra “Holmes”, divida-a em sílabas, *hol-mes*, depois as inverta, *mes-hol*, *Meshol*, e então solete da maneira como é pronunciada: Meshle. Seria muito mais provável que me associassem a outra família da Inglaterra (“Você é parente dos Meshle de Sussex, de Tottering Heath?”) do que a alguém chamado Holmes. Ivy Meshle. Tão inteligente. Ivy Meshle! E agora, como uma imbecil, eu tinha dito ao porteiro que meu nome era Enola Holmes.

A julgar pelo seu rosto vazio, o nome não significava nada para ele. Ainda. Se alguma caçada à minha pessoa já tivesse começado, as informações ainda não tinham chegado a esta área ou a este homem.

— E qual é o seu assunto aqui, sra., hum, Holmes?

Já que tinha sido tão tola, decidi que iria até o fim. Então eu disse:

— Como o sr. Sherlock Holmes não pôde vir pessoalmente cuidar deste assunto, ele me pediu para vir dar uma olhada.

As sobrancelhas do porteiro se ergueram e ele deixou escapar:

— A senhora é parente do *detetive*?

— Sou — repliquei com a voz abafada e passei rapidamente por ele, entrando em Basilwether Park.

A mansão elevou-se diante de mim no final circular da entrada, dez vezes maior que Ferndell — mas não me aproximei de sua ampla escadaria de mármore ou das portas em pilares. Meu interesse não residia naquela nobre residência, nem nos solenes jardins que a circundavam, repletos de topiarias e brilhando com rosas bem disciplinadas. Afastando--me da estrada, atravessei um vasto gramado em direção aos terrenos dentro da propriedade de Basilwether Park, ou seja, o arvoredo ao redor do salão e jardins.

Não era uma floresta. Era um bosque. Andando em meio às árvores, esperei ver alguns arbustos, um trecho ou dois de mato, algumas amoras-silvestres, mas, em vez disso, encontrei uma grama macia, recém-cortada, perfeita para uma partida de croqué.

Um lugar tranquilo, aquele. Caminhando sozinha, não encontrei buracos interessantes, vales ou grutas. O terreno de Basilwether Hall era plano e sem graça. Que decepção, pensei, enquanto voltava ao gramado. A única possibilidade seria...

— Sra. Holmes! — gritou uma desesperada voz de soprano, e virei para ver a mãe aflita, a duquesa, correndo em minha direção. Eu soube que era ela pela opulência de seu traje diurno, uma pesada capa cinza-prateada com galões e bordados cobrindo um vestido cor de malva plissado, que, no frenesi da duquesa, deixava à mostra a anágua de cetim rosa-acinzentada com pregas. Mas não havia nada de opulento nas lágrimas desoladas que escorriam por seu rosto atônito, ou de nobre na maneira como ela correu até mim entre as árvores, parecendo um cisne ensanguentado, com seus esvoaçantes cabelos quase brancos batendo como asas nos ombros, por baixo do chapéu.

Um par de criadas assustadas veio correndo atrás. De avental e toucas brancas rendadas, elas deviam ter saído da casa assim que ela saiu.

— Vossa graça — elas exclamaram, tentando convencê-la a voltar.
— Vossa graça, por favor, entre. Venha tomar uma xícara de chá. Por favor, vai começar a chover. — Mas a duquesa pareceu não escutá-las.

— Sra. Holmes. — Eu sentia suas mãos nuas tremerem enquanto ela me agarrava. — A senhora é uma mulher, com um coração de mulher; diga-me, quem pode ter feito essa maldade? Onde meu Tewky pode estar? O que eu devo *fazer*?

Segurando suas mãos trêmulas nas minhas, eu me senti grata pelo pesado véu ocultar meu rosto consternado, grata pelas luvas que separavam minha pele quente da dela, tão fria.

— Coragem, hum, vossa graça, e, hum... — Eu me atrapalhei, procurando as palavras certas. — Não perca as esperanças. — E então continuei, mesmo sabendo que poderia estragar tudo. — Deixe-me perguntar o seguinte: há algum lugar... — do jeito que ela idolatrava o menino, poderia tê-lo espionado ou me fornecer alguma pista — nos limites da propriedade aonde seu filho iria para ficar sozinho?

— Para ficar sozinho? — Seus olhos vermelhos e inchados piscaram para mim, totalmente aturdidos. — O que isso quer dizer?

— Uma bobagem completa — proclamou uma ressonante voz de contralto atrás de mim. — Essa viúva insignificante não sabe de nada. *Eu* encontrarei seu filho perdido, vossa graça.

Virei para ver quem falava e me deparei com uma mulher extraordinária, muito mais alta e corpulenta que eu, escandalosamente despenteada e desprovida de chapéu. O cabelo crespo se espalhava em volta da cabeça, de ombro a ombro, como se ela fosse uma vela branca e o cabelo uma chama vermelha, e isso fosse a coisa mais natural do mundo. Não era castanho, não era ruivo, mas vermelho-vivo, quase escarlata, como uma flor de papoula, enquanto os olhos que brilhavam no rosto coberto de pó de arroz eram tão escuros como o coração preto da papoula. Os cabelos e os olhos eram tão impressionantes que eu mal notei o que ela vestia. Tive apenas uma vaga impressão de que era um traje de algodão, talvez do Egito ou da Índia, em algum bárbaro padrão carmesim, que envolvia seu corpo gigantesco de modo selvagem, assim como seu cabelo de papoula em volta do rosto.

A duquesa arquejou:

— Madame Laelia? Ah, eu implorei que viesse e você veio, madame Laelia!

Madame o quê? Madame médium e espiritualista, eu supus, já que essa era uma função na qual as mulheres, como um gênero moral e espiritualmente superior, impunham maior respeito que os homens. Mas tais figuras — ou charlatãs, como minha mãe diria — evocavam o espírito dos mortos. E com certeza a duquesa esperava com fervor que seu filho não estivesse entre eles, então o que essa mulher de enormes dimensões estava fazendo...

— Madame Laelia Sibyl de Papaver, investigadora astral, a seu dispor — a figura escultural proclamou. — O que estiver perdido eu posso encontrar, sem dúvida, pois os espíritos vão a toda parte, sabem tudo, veem tudo e são meus amigos.

A duquesa, então, apoderou-se das grandes mãos da mulher, que calçava luvas amarelas, enquanto eu, assim como as duas humildes criadas, fiquei ali parada, com a boca aberta, atônita. No meu caso, não foi por causa da grotesca aparência da mulher. Tampouco por sua menção aos espíritos. Embora eu quisesse acreditar que, de algum modo, continuaria viva após meu corpo físico se deteriorar, imaginei que fosse ter coisas melhores para fazer do que bater em móveis, tilintar sinos e chacoalhar mesas. Nem mesmo a palavra *astral* havia me impressionado. De tudo o que madame Laelia Sibyl de Papaver havia dito, apenas uma palavra me deixou paralisada e muda.

A palavra *investigadora*.

Do latim *investigare*, que significa “procurar, ir atrás”.

Investigador: alguém que investiga e encontra o que está perdido.

Mas... como ela, com toda aquela bobagem de espíritos, ousava se intitular de maneira tão nobre? Saber o que está perdido, conhecer tudo sobre um objeto ou pessoa desaparecido, encontrar o que desapareceu: essa era a *minha* vocação.

Eu era uma investigadora. Ou seria. Não uma investigadora astral. Profissional. A primeira investigadora profissional com uma abordagem lógica e científica.

Quase sem fôlego, senti uma lufada de inspiração e tive certeza disso, assim como eu sabia que meu nome verdadeiro era Holmes.

Mal notei que as criadas estavam escoltando a duquesa e madame Laelia de volta para a mansão, talvez para tomarem chá, talvez para uma sessão espírita; eu não me importava. Voltei ao bosque que circundava Basilwether Park e andei ao acaso, sem perceber a garoa fina que começara a cair, com muitos pensamentos excitados se sobrepujando ao plano original, que era encontrar mamãe.

Esse plano continuava simples: após chegar a Londres, eu chamaria um coche, diria ao condutor para me levar a um hotel respeitável, jantaria e teria uma boa noite de sono. Ficaria no hotel até encontrar um refúgio adequado e, enquanto isso, abriria uma conta no banco — não, primeiro eu iria a Fleet Street e anunciaria mensagens criptografadas nas publicações que eu sabia que mamãe lia. Onde quer que estivesse, ela continuaria lendo seus jornais favoritos? É claro que sim. Eu esperaria mamãe responder. Simplesmente esperaria.

Isso seria o bastante, se — como eu achava sempre necessário enfatizar a mim mesma — realmente mamãe estivesse viva e bem de saúde.

De qualquer forma, esperar era tudo o que eu podia fazer.

Ou pelo menos foi o que eu pensei. Mas, agora que havia encontrado minha vocação na vida, eu podia fazer muito mais. Não importava se meu irmão era o melhor detetive particular independente do mundo; pois eu seria a melhor investigadora particular independente do mundo. E desse modo eu poderia me associar com outras profissionais que se encontravam nos próprios salões de chá nos arredores de Londres — mulheres que poderiam conhecer mamãe! —, com os detetives da Scotland Yard — onde Sherlock já tinha aberto um inquérito sobre mamãe —, com outros dignitários; talvez até com pessoas mal-afamadas vendendo informações e... ah, eram tantas possibilidades. Eu tinha nascido para ser uma investigadora. Uma descobridora de entes queridos. E...

E eu devia parar de sonhar e começar a colocar isso em prática. Imediatamente.

A única possibilidade, como eu estava pensando antes de ser interrompida, parecia ser uma árvore.

Voltando para o bosque enfadonhamente bem-cuidado de Basilwether Park, concentrei-me, então, em procurar uma árvore específica. Ela estaria situada não muito perto de Basilwether Hall e seus solenes jardins, e também não muito perto dos limites de Basilwether Park, e sim no meio da mata, para onde os olhos dos adultos dificilmente se voltavam. E, assim como meu refúgio embaixo do salgueiro suspenso, no vale de samambaias em Ferndell, esse esconderijo precisava se distinguir de alguma maneira. Ser diferente. Ser digno de um esconderijo.

A chuva fina havia parado, o sol saiu, e eu tinha quase contornado a propriedade quanto a encontrei.

Não era uma árvore, na verdade, mas quatro brotando de uma única base. Quatro mudas de bordo que haviam crescido no mesmo local, e sobrevivido para formar um conglomerado simétrico, cujos quatro troncos se erguiam em ângulos distintos e íngremes uns dos outros, formando um perfeito espaço quadrado no meio.

Coloquei minha botinha sobre um nó e, agarrando um galho próximo, pendurei-me a cerca de dois metros do chão, dentro do V formado pelos troncos, um eixo perfeito no centro de um universo quadrangular cercado por folhas. Esplêndido.

Mais esplêndido ainda: percebi que alguém, presumidamente o jovem lorde Tewksbury, também estivera ali. Ele havia martelado um prego grande — um prego de ferrovia, na verdade — no interior do tronco de uma das três árvores. Provavelmente ninguém perceberia ao passar por lá, mas lá estava o prego, firme e forte.

Ele queria pendurar alguma coisa? Não, um prego muito menor já serviria a esse propósito. Eu sabia para que aquele prego de ferrovia iria servir.

Para apoiar o pé. Para ajudar a subir.

Ah, que dia glorioso, subir novamente numa árvore, depois de tantas semanas de confinamento feminino... Mas estaquei, consternada. E se alguém estivesse me observando? E visse uma respeitável viúva subindo numa árvore?

Como olhei em volta e não vi ninguém, resolvi arriscar. Arrancando meu chapéu e o véu, e escondendo-os nas folhas acima, ergui minha saia e as anáguas acima do joelho, num amontoado de tecido,

prendendo-as com alfinetes de chapéu. Depois pus o pé no prego de ferrovia e, agarrando um galho, subi.

Galhos se enroscavam em meu cabelo, mas não me importei. Exceto pelos habituais murros no rosto, era tão fácil quanto subir uma escada — algo bom, como meus membros doloridos podiam atestar a cada centímetro do caminho. Lorde Tewksbury, porém, para minha sorte, havia colocado mais pregos de ferrovia nos locais desprovidos de galhos. Um rapaz brilhante, esse jovem visconde. Sem dúvida ele tinha conseguido os pregos de ferrovia nos trilhos que passavam pela propriedade do pai. Eu esperava que nenhum trem houvesse descarrilado por causa dele.

Após subir cerca de seis metros, parei para ver aonde estava indo. Joguei a cabeça para trás e...

Deus do céu.

Ele tinha construído uma plataforma na árvore.

Era uma estrutura completamente invisível a partir do chão, quando as árvores estavam com folhas, mas do meu poleiro eu conseguia admirá-la perfeitamente: uma estrutura quadrada, feita de pedaços de madeira rústica, não pintada, instalada entre os quatro bordos. Vigas de apoio iam de um tronco ao outro, encaixadas nos galhos das árvores ou presas com cordas amarradas nas extremidades. Pranchas jaziam de atravessado nas vigas, formando uma espécie de piso bruto. Eu o imaginei procurando toda aquela madeira em porões, sótãos de estábulos ou sabe Deus de onde, arrastando as tábuas até ali, ou talvez se esgueirando à noite para colocá-las na árvore com a ajuda de uma corda, e instalá-las no lugar certo.

E o tempo todo sua mãe passando o ferro de frisar em seu cabelo e vestindo-o com rendas, cetim e veludo. Santo Deus.

Num canto da plataforma ele tinha deixado uma abertura para conseguir entrar. Enquanto eu enfiava a cabeça por ela, meu respeito pelo jovem lorde Tewksbury só crescia. Ele havia pendurado um quadrado de lona, talvez um daqueles forros de carroça, como teto de seu esconderijo. Nos cantos, havia colocado cobertores de sela que provavelmente pegara “emprestado” do estábulo, e os dobrara para servirem de almofadas. Nos quatro troncos de árvores ele tinha colocado pregos, dos quais pendiam rolos de corda com vários nós,

imagens de barcos, um apito de metal e todo tipo de objeto interessante.

Rastejei para ver melhor.

Mas minha atenção foi imediatamente captada por algo chocante no meio do piso de tábuas.

Havia pedaços, fragmentos e retalhos rasgados e dilacerados de maneira tão violenta que levei um momento para reconhecer o que eram: veludo preto, renda branca e cetim azul-bebê. Restos do que um dia tinham sido roupas.

E, no topo daquela pilha de restos, havia cabelo. Madeixas longas e cacheadas de cabelo louro.

Ele deve ter cortado seu cabelo bem curto.

Após reduzir seus trajes finos a farrapos.

O visconde Tewksbury havia entrado nesse refúgio. Por vontade própria. Nenhum sequestrador poderia tê-lo trazido ali.

E, aparentemente, o visconde Tewksbury saíra do esconderijo do mesmo jeito que entrara: por vontade própria. Mas para não mais ser o visconde Tewksbury, marquês de Basilwether.

CAPÍTULO DÉCIMO

NOVAMENTE NO CHÃO, COM MINHA SAIAS lá embaixo, onde deveriam estar, o chapéu preto recolocado, preso com alfinetes, para cobrir minha cabeça despenteada, e o véu puxado para esconder o rosto, caminhei às cegas. Eu não sabia o que fazer.

Em volta do meu indicador enluvado eu enrolei uma mecha do cabelo longo, louro e cacheado. O resto eu deixei onde encontrei. Imaginei os pássaros selvagens levando os cachos embora, fio a fio, para montar seus ninhos.

Pensei na mensagem muda e enraivecida que o garoto fugitivo havia deixado em seu santuário secreto.

Pensei nas lágrimas que eu tinha visto no rosto de sua mãe. Pobre senhora.

Mas, igualmente, pobre rapaz. Obrigado a usar veludo e rendas. Era quase tão ruim como um espartilho com armação de aço.

Não por acaso, pensei em mim. Eu, Enola, uma fugitiva, exatamente como o jovem lorde Tewksbury, com a exceção de que era de esperar que ele tivesse o bom senso de mudar seu nome. Eu tinha sido muito tola, pois, indo até lá como Enola Holmes, colocara-me em risco. Eu precisava fugir.

Ainda assim, precisava tranquilizar a desafortunada duquesa...

Não. Não, eu devia deixar Basilwether Park o mais rápido possível, antes que...

— Sra. Holmes?

Eu me vi na entrada de carruagem, totalmente tensa, em frente a Basilwether Hall, sem saber se entrava ou ia embora, quando uma voz

me chamou de cima.

— Sra. Holmes!

Escondendo a mecha de cabelos louros na palma da mão, virei para ver um homem com capa de viagem descendo apressado os degraus de mármore em minha direção. Era um dos detetives de Londres.

— Desculpe-me por chamá-la desse modo, como se a conhecesse — ele disse, quando parou na minha frente. — Mas o porteiro nos informou que a senhora estava aqui, e eu imaginei que... — Era um homem pequeno, parecido com uma doninha, de forma alguma o tipo musculoso que se espera encontrar num departamento de polícia, mas havia algo de apavorante na maneira como seus olhos grandes e redondos me perscrutavam, como brilhantes joaninhas negras tentando penetrar diretamente em meu véu. Com uma voz bastante aguda, ele continuou: — Conheço o sr. Sherlock Holmes. Meu nome é Lestrade.

— Como vai o senhor? — perguntei, sem me oferecer para apertar sua mão.

— Muito bem, obrigado. Devo dizer que é um prazer inesperado conhecê-la. — Seu tom insinuava que ele desejava obter mais informações. Ele sabia que meu nome era Enola Holmes. Podia ver que eu era viúva, portanto me chamou de senhora. Mas, se eu tinha um mero parentesco por casamento com a família Holmes, ele devia estar pensando: *Por que Sherlock a enviaria no lugar dele?* — E devo dizer que Holmes nunca falou da senhora.

— É mesmo? — E educadamente eu inclinei a cabeça. — E o senhor já conversou sobre a família com ele?

— Não! Er... Quer dizer, não houve ocasião.

— É claro que não. — Meu tom de voz continuava brando, eu esperava, mas meus pensamentos estavam a mil. Na primeira oportunidade, esse bisbilhoteiro diria a Sherlock que havia me conhecido e em que circunstâncias. Não, pior! Como inspetor da Scotland Yard, ele poderia, a qualquer momento, receber um telegrama sobre mim. Eu tinha de fugir antes que isso acontecesse. Ele já parecia desconfiado. Eu precisava distrair o inspetor Lestrade e fazê-lo parar de *me* investigar.

Abrindo a mão enluvada, desenrolei uma mecha de cabelo louro e entreguei a ele.

— E, quanto a lorde Tewksbury — eu disse, com um tom de comando, imitando os modos do meu irmão famoso —, não houve sequestro. — Impedi com um gesto a tentativa de protesto do inspetor. — Ele tomou as próprias providências e fugiu. O senhor também fugiria se o vestissem com roupas de veludo, como uma boneca. Ele quer ir para o mar num barco. Em um navio, quero dizer. — No esconderijo do jovem visconde, eu tinha visto imagens de navios a vapor, veleiros, todo tipo de embarcações marítimas. — Ele admira em particular aquela monstruosidade que se parece com um boi flutuante, com velas no topo e rodas de pás nas laterais... Qual é mesmo o nome dele? Do navio que instalou o cabo submarino?

Mas o olhar do inspetor Lestrade continuava fixo nos cachos louros em minha mão. Ele balbuciou:

— Mas como... Onde... Como a senhora deduziu que...

— O *Great Eastern* — enfim consegui me lembrar do nome do maior navio do mundo. — O senhor encontrará lorde Tewksbury em algum porto marítimo, talvez nas docas de Londres, muito provavelmente se candidatando a marinheiro ou camareiro, pois ele tem certa habilidade com nós de marinheiro. Ele cortou o cabelo. Deve ter conseguido um traje comum de algum modo, quem sabe com os cavaliários; talvez fosse bom interrogá-los. Após tamanha transformação, se ele embarcou em um trem, imagino que ninguém na estação o tenha reconhecido.

— Mas a porta foi arrombada! E a fechadura forçada!

— Ele fez isso para que procurassem um sequestrador, em vez de um fugitivo. Foi bastante maldoso da parte dele — admiti — deixar a mãe tão preocupada. — Esse pensamento me fez sentir melhor contando o que sabia. — Talvez o senhor possa entregar isto a sua graça. — E coloquei a mecha de cabelo na mão do inspetor Lestrade. — Embora, sinceramente, eu não saiba se isso vai ajudá-la a se sentir melhor ou fazê-la se sentir ainda pior.

Olhando estupefato para mim, o inspetor Lestrade mal parecia saber o que estava fazendo enquanto sua mão direita se abriu para

aceitar as madeixas do filho do duque.

— Mas... Mas onde a senhora encontrou isso? — Ele tentou me alcançar com a outra mão, como se pretendesse segurar meu cotovelo e me guiar para dentro de Basilwether Hall. Dando um passo para trás a fim de escapar de seu toque, percebi que havia uma terceira pessoa na conversa. No topo da escadaria de mármore, assomando em meio às balaustradas e colunas gregas, madame Laelia observava e escutava tudo.

Abaixei a voz para responder ao inspetor Lestrade e disse, com bastante delicadeza:

— No primeiro andar, por assim dizer, de um bordo com quatro troncos. — Apontei a direção da árvore e, quando ele virou para olhar, eu me afastei, com um pouco mais de rapidez que seria esperada de uma dama, descendo a estrada que levava aos portões.

— Sra. Holmes! — ele gritou atrás de mim.

Sem alterar o ritmo do meu passo ou olhar para trás, ergui a mão, num aceno polido porém desdenhoso, imitando a forma como meu irmão havia sacudido seu bastão de caminhada para mim. Refreando a vontade de correr, continuei andando.

Quando já tinha passado pelos portões, soltei a respiração.

Como nunca havia embarcado num trem, fiquei surpresa em ver que o vagão de passageiros da segunda classe se dividia em pequenos compartimentos para quatro pessoas, com um banco de couro em frente ao outro, como numa carruagem. Eu tinha imaginado algo mais aberto, como um ônibus. Mas não: um condutor me guiou até um corredor estreito, abriu uma porta e, querendo ou não, me vi espremida com três estranhos, ocupando o último assento vazio, que dava para a parte traseira do trem.

Momentos depois, eu me senti transportada de costas, a princípio lentamente, e depois cada vez mais rápido, em direção a Londres.

Assim como minha posição no banco do trem, o inspetor Lestrade tinha invertido a ordem dos meus planos, de maneira que eu não sabia mais o que esperar.

Já que ele havia falado com uma viúva idiota chamada Enola Holmes, e contaria esse fato a meu irmão Sherlock, eu precisava abandonar meu disfarce quase perfeito.

De fato, eu precisava reconsiderar totalmente minha situação.

Suspirando, empoleirada na beira do assento por causa da anquinha — ou melhor, bagagem —, me segurei para não cair para a frente. O trem breiou e balançou, enquanto se movia estrondosamente pelo menos duas vezes mais rápido que uma bicicleta descendo a colina. Árvores e edifícios passaram voando pela janela, numa velocidade tão violenta que tive de evitar olhar pela janela.

Eu me senti um pouco enjoada, e por mais de um motivo.

Meus planos seguros e confortáveis de coche, hotel, acomodações respeitáveis e espera silenciosa não serviriam mais. Eu tinha sido identificada. Vista. Lestrade ou meu irmão Sherlock seguiriam os passos de uma jovem viúva por Belvidere e descobririam que eu havia tomado o trem expresso da tarde para a cidade. De nada adiantava ter feito meus irmãos pensarem que eu tinha ido para o País de Gales! Embora não fizessem a menor ideia do meu bem-estar financeiro, eles saberiam agora que eu tinha ido para Londres, e não havia nada que eu pudesse fazer a respeito.

Exceto, talvez, deixar Londres assim que eu chegasse, pegando o próximo trem para qualquer lugar?

Mas certamente meu irmão perguntaria para os bilheteiros, e o vestido preto era, agora, a minha marca. Se Sherlock Holmes descobrisse que uma viúva subira no trem para, digamos, Houndstone, Rockingham ou Puddingsworth, ele iria investigar. E certamente me encontraria muito mais facilmente em Houndstone, Rockingham, Puddingsworth, ou em qualquer lugar parecido, do que em Londres.

Além do mais, eu *queria* ir a Londres. Não que eu pensasse que minha mãe estivesse lá — na verdade, era bem o contrário —, mas é que eu teria mais chances de encontrá-la de lá. E eu sempre sonhara com Londres. Palácios, fontes, catedrais. Teatros, óperas, cavalheiros de fraque e damas cobertas de diamantes.

E tinha outra coisa — e, me aproximando de costas da grande cidade, eu me flagrei sorrindo por baixo do véu a esse pensamento: a ideia de me esconder debaixo do nariz dos meus irmãos parecia ainda mais sedutora agora que eles sabiam. Eu mudaria a opinião deles sobre a capacidade craniana de sua inesperada irmãzinha.

Muito bem. Londres, aqui vou eu.

Mas as circunstâncias tinham mudado de tal forma que eu não podia mais tomar um coche assim que chegasse à cidade. Sherlock Holmes iria interrogar todos os cocheiros. Portanto, eu teria de andar. E a noite estava chegando. Contudo, eu não podia me dar ao luxo de reservar um quarto de hotel. Certamente meu irmão iria me procurar em todos os hotéis. Eu teria de caminhar um longo percurso para me afastar bastante da estação de trem — mas aonde ir? Se eu entrasse na rua errada, poderia me ver na companhia de alguém que talvez não fosse o melhor tipo de pessoa. Poderia encontrar um batedor de carteiras ou... Ou talvez até um assassino.

Extremamente desagradável.

Bem na hora em que pensei nisso, desviei os olhos da cena vertiginosa que via do lado de fora da janela do trem para contemplar o vidro da porta do corredor.

E quase deixei escapar um grito.

Lá, como uma lua cheia, um rosto largo espiava o compartimento.

Pressionando o nariz contra o vidro, o homem sondou o interior da salinha, examinando cada ocupante por vez. Sem alterar a expressão fria, ele fixou o olhar suspeito em mim. Então virou e foi embora.

Engolindo em seco, olhei para meus companheiros de viagem para ver se eles também estavam assustados. Aparentemente não. No assento a meu lado, um operário de boné roncava, esparramado, com as pernas esticadas e as botas rústicas de ponta quadrada no meio do chão. Em frente a ele, um sujeito de calças xadrez de pastor e chapéu de feltro analisava um jornal que, a julgar pelas gravuras de jóqueis e cavalos, era especializado em turfe. E ao lado dele, na minha frente, uma velhinha atarracada me encarava com um olhar alegre.

— Algum problema, queridinha? — ela perguntou.

Queridinha? Um modo bastante peculiar de interpelar alguém, mas eu deixei passar, perguntando simplesmente:

— Quem era aquele homem?

— Que homem, queridinha?

Ela não o vira, ou então era perfeitamente normal que grandes homens carecas com bonés de pano espiassem nos compartimentos de trens, e eu estava sendo tola.

Balançando a cabeça com desdém, murmurei:

— Não foi nada. — Embora meu coração dissesse que aquilo era mentira.

— Você parece um tanto pálida embaixo de todo esse preto — minha nova conhecida declarou. Uma velha comum, desdentada, que, em vez de um chapéu convencional, usava uma enorme e antiquada touca com uma aba que brilhava como um fungo, amarrada com uma fita laranja embaixo do queixo hirsuto. No lugar do vestido, ela usava uma manta de pele esburacada, uma blusa que devia ter sido branca um dia e uma velha saia roxa com fitas novas presas na bainha desbotada. Observando-me atentamente, como um pintarroxo esperançoso por migalhas, ela disse, com uma voz persuasiva: — Uma perda recente, queridinha?

Ah. Ela queria saber sobre meu querido e fictício marido morto. Assenti.

— E agora está indo para Londres?

Assenti.

— É sempre a mesma e velha história, não é, amor? — A velha e vulgar senhora inclinou-se na minha direção, com tanta alegria quanto pena. — Pegou você quando nova, aproveitou-se e então foi comer capim pela raiz — tal foi a expressão brutal que ela usou —, partiu e você morreu com ele, não foi? Deixou você sem os meios de conseguir o pão de cada dia, e, como parece tão doente, talvez tenha posto um filho na sua barriga, não é mesmo?

No começo, eu mal consegui entender o que ela falava. E então, como nunca tinha ouvido algo tão indizível declarado em alto e bom som, num local público, e ainda por cima na presença de *homens* (embora nenhum deles parecesse ouvir), eu me vi estarrecida e sem palavras. Um ardente rubor aqueceu meu rosto.

Minha amiga e torturadora pareceu considerar meu rubor como uma afirmação. Balançando a cabeça, ela se aproximou ainda mais.

— E agora você está pensando em fazer algumas coisas para conseguir se sustentar na cidade? Você já esteve em Londres antes, minha querida?

Consegui sacudir a cabeça, em negativa.

— Bem, não cometa aquele velho erro, queridinha, não importa o que os cavalheiros lhe prometam. — Ela chegou mais perto, como se estivesse me contando um grande segredo, embora sem baixar o tom de voz. — Se precisar de algumas moedas para encher os bolsos, vou ensinar um bom truque: tire uma anágua ou duas de debaixo do seu vestido...

Eu achei que fosse desmaiar. Abençoadamente, o operário ainda roncava, mas o outro homem sem dúvida ergueu o jornal para esconder o rosto.

— ... não vai sentir falta delas... — a bruxa velha desdentada continuou tagarelando. — Ora, muitas mulheres em Londres não têm uma anágua para chamar de sua, e você aí com meia dúzia delas, isso eu posso garantir pelo barulho que elas fazem debaixo do seu vestido.

Eu desejava desesperadamente que a viagem e esse suplício terminassem, tanto que arrisquei dar uma olhada pela janela. Casas e mais casas, e edifícios mais altos, espremidos uns nos outros, tijolos com pedras, passaram muito rápido pelo vidro.

— Leve-as para a loja de roupas usadas Culhane, em Saint Tookings Lane, depois da Kipple Street — prosseguiu implacavelmente a bruxa, cuja posição agora me lembrava mais um sapo que um pintarroxo. — Depois desça a East End, você sabe o caminho. Dá para sentir o cheiro lá das docas. E lembre-se: assim que encontrar a Saint Tookings Lane, não entre em nenhuma outra loja; vá direto para a Culhane, onde você vai receber um valor justo pelas anáguas, se elas forem mesmo de seda.

O homem que estava lendo sacudiu o jornal e pigarreou. Agarrando a ponta de meu assento, eu me afastei daquela bruxa indecorosa o máximo que minha anquinha permitia.

— Obrigada — murmurei. Por ora, eu não tinha a menor intenção de vender minhas anáguas, no entanto essa velha terrivelmente vulgar

tinha me ajudado.

Eu estava mesmo me perguntando como deveria me desfazer de meus trajes de viúva e conseguir outras roupas para vestir. É claro, eu tinha bastante dinheiro para comprar o que quisesse, mas costurar roupas requer tempo. Além disso, com certeza meu irmão consultaria as costureiras mais conhecidas, e certamente elas se lembrariam de uma mulher que, vestida toda de preto, encomendara roupas de outras cores que não preto e cinza, talvez com um toque de lavanda ou branco. Após o primeiro ano de luto, essas eram as únicas cores que alguém poderia vestir. No entanto, dada a esperteza de meu irmão, não adiantaria fazer nada disso. Eu não poderia apenas modificar minha aparência; eu precisava transformá-la por completo. Mas como? Roubando roupas de varais?

E agora eu sabia como. Em lojas de roupas usadas. Saint Tookings Lane, na Kipple Street. No East End. Não creio que meu irmão fosse até lá investigar.

Tampouco pensei — embora devesse ter feito isso — que estaria arriscando a vida ao me aventurar por lá.

CAPÍTULO

DÉCIMO PRIMEIRO

DO MEU ASSENTO NO TREM EU tive apenas rápidos vislumbres de Londres. Mas, quando saí da estação Aldersgate, em vez de me afastar rapidamente de lá, fiquei parada por um momento, contemplando aquela metrópole tão vasta e densa. À minha volta, tudo parecia uma selva artificial, com prédios mais altos e ameaçadores do que qualquer árvore que já existira.

Meus irmãos moravam ali?

Naquela... naquela grotesca paródia de tijolos e pedra do mundo que eu conhecia? Com tantas chaminés e telhados altos que assomavam no escuro, recortados contra um lúgubre e vaporoso céu laranja? Nuvens cor de chumbo pairavam baixo, enquanto o sol poente fazia escorrer a luz fundida entre eles. As torres góticas da cidade pareciam festivas, porém agourentas, contra aquele céu brilhante, como velas no bolo de aniversário do Diabo.

Continuei olhando até me dar conta de hordas de indiferentes moradores da cidade passando rapidamente por mim, indo cuidar da vida. Então respirei fundo, fechei a boca e engoli em seco, virando as costas para aquele pôr do sol curiosamente ameaçador.

Aqui em Londres, assim como em qualquer outro lugar, eu disse a mim mesma, o sol se põe no oeste. Portanto, forçando meus membros atônitos a se moverem, desci uma ampla avenida que seguia na direção oposta — pois eu queria ir para o leste, em direção às lojas de roupas usadas, às docas, às ruas pobres. Ao East End.

Dentro de alguns quarteirões, entrei em ruas estreitas, sombreadas por um aglomerado de edifícios. Atrás de mim, o sol afundava. Naquela cidade, as estrelas e a lua não brilhavam à noite. Mas fragmentos de luz amarela, vindos das vitrines das lojas, iluminavam a calçada, parecendo tragar a escuridão intermediária e deixá-la ainda mais escura, fazendo com que os transeuntes parecessem visões, que sumiam novamente em alguns passos. Como figuras de um sonho, porém, eles reapareciam e desapareciam de novo nas esquinas, onde os lampiões de rua lançavam contornos de luz.

Ou figuras dignas de um pesadelo. Os ratos entravam e saíam correndo das sombras, audaciosos ratos da cidade que não fugiam de medo quando eu passava. Tentei não olhar para eles, tentei fingir que eles não estavam lá. Tentei não olhar para um homem com a barba por fazer usando um cachecol carmesim, um menino faminto e esfarrapado, um homem alto e musculoso com um avental ensanguentado, uma cigana descalça na esquina — então havia ciganos em Londres também! Mas ela não se parecia com os orgulhosos nômades que eu via no campo. Era uma mendiga suja, inteiramente coberta de fuligem, como um limpador de chaminés.

Isso era Londres? Onde estavam os teatros e as carruagens, as damas cheias de joias em casacos de peles e vestidos de baile, os cavalheiros de abotoaduras de ouro, com gravatas brancas e fraques?

Em vez disso, como uma espécie de casinha de cachorro ambulante, surgiu um homem pálido usando uma placa de sinalização, em que se lia na frente e atrás:

PARA
CABELOS
IMPECAVELMENTE BRILHANTES,
USE ÓLEO DE MACASSAR
VAN KEMPT

Crianças imundas corriam em volta dele, insultando-o, tentando arrancar seu chapéu-coco amassado. Uma menina travessa gritou para ele:

— Onde você guarda a mostarda? — E evidentemente era uma grande piada, pois seus companheiros riram como diabinhos.

As ruas escuras ressoavam de tanto barulho, comerciantes bradavam com os meninos de rua — “Saíam daqui!” —, enquanto carroças passavam ruidosamente, um peixeiro gritava “Hadoque fresco para o jantar!” e marinheiros trocavam cumprimentos, aos berros. Na frente de uma porta não varrida, uma mulher corpulenta guinchou: “Sarah! Willie!” Me perguntei se os filhos dela também estavam atormentando o homem-placa. Enquanto isso, as pessoas passaram por mim, esbarrando, conversando em voz alta, com um palavreado vulgar, e eu comecei a andar mais rápido, como se pudesse, de algum modo, escapar.

Com toda aquela comoção e tantas visões estranhas, é claro que eu não ouvi passos me seguindo.

Não percebi até a noite cair de fato, e tudo ficar mais escuro — ou foi o que me pareceu, a princípio, mas depois percebi que as ruas é que tinham ficado mais sombrias. Não havia mais luz de lojas, apenas o clarão que saía das tavernas nas esquinas, os gritos dos bêbados que se espalhavam pela escuridão. Vi uma mulher parada na soleira de uma porta, rosto pintado, lábios vermelhos, pele branca e sobrancelhas negras, e supus que estivesse vendo uma mulher da vida. Seu vestido espalhafatoso e decotado exalava um cheiro tão forte de gim que eu podia identificá-lo com exatidão, apesar do fedor do corpo raramente lavado. Mas ela não era a única fonte de pestilência; todo o East End de Londres fedia a repolho cozido, fumaça de carvão, peixes mortos ao longo do Tâmis e esgoto nas sarjetas.

E havia pessoas. Pessoas nas sarjetas.

Vi um homem deitado, bêbado ou doente. Vi crianças dormindo, aninhadas umas nas outras como cachorrinhos, e percebi que elas não tinham casa. Meu coração doía; eu queria acordar aquelas crianças e lhes dar dinheiro para comprar pão e tortas de carne. Mas me forcei a continuar andando, apressando o passo. Estava inquieta. Uma sensação de perigo iminente...

Uma forma escura surgiu à minha frente, rastejando no chão.

Rastejando. De quatro, com as mãos e os joelhos no chão. Arrastando os pés descalços.

Eu parei e fiquei imóvel, olhando estupidamente para ela, atordoada com a visão de uma velha reduzida a um estado tão miserável, usando apenas um vestido rasgado e puído, que mal a cobria, e nenhuma roupa de baixo. Também estava com a cabeça descoberta; nela não havia um único pedaço de pano ou fio de cabelo. Apenas uma massa de feridas cobria seu couro cabeludo. Sufoquei um grito àquela visão, e lentamente, rastejando no passo de uma lesma com suas juntas e joelhos, ela levantou um pouco a cabeça para me olhar. Vi seus olhos, e eles eram claros como groselhas...

Mas fiquei parada tempo demais. Passos pesados soaram atrás de mim.

Dei um salto à frente para fugir, mas era tarde demais. Os passos correram em minha direção. Uma mão de ferro agarrou meu braço. Comecei a gritar, mas uma mão de aço tapou minha boca. Muito perto do meu ouvido, uma voz profunda rosou:

— Se se mexer ou gritar, eu *vou* matar você.

O terror me deixou paralisada. De olhos arregalados, olhando para a escuridão, eu não conseguia me mexer. Mal podia respirar. Enquanto eu arquejava, a mão de ferro soltou meu braço e, como uma cobra, envolveu com força meus dois braços, pressionando minhas costas contra uma superfície que podia muito bem ser um muro de pedra, se eu não soubesse que era o peito dele. Sua mão destapou minha boca, mas num instante, antes que meus lábios trêmulos pudessem emitir um som, vi o brilho do aço na escuridão da noite. Comprida. Pontuda como uma lasca de gelo. A lâmina de uma faca.

Também vi a mão que segurava a faca, em meio à escuridão.

Uma mão grande, envolta numa luva de pelica amarelada.

— Onde está ele? — o homem quis saber, seu tom mais ameaçador.

O quê? Onde estava quem? Eu não conseguia falar.

— Onde está lorde Tewksbury?

Não fazia sentido. Por que um homem em Londres estava me abordando daquele modo a respeito do aristocrático fugitivo? Quem

poderia saber que eu estivera em Belvidere?

Então me lembrei do rosto que eu tinha visto pressionado contra o vidro, espiando dentro do compartimento do trem.

— Vou perguntar mais uma vez, e só mais uma vez — ele sibilou.
— Onde está o visconde de Tewksbury, marquês de Basilwether?

Já devia passar da meia-noite. Gritos confusos, causados pela cerveja, ainda saíam das tavernas, com cantorias obscenas e desafinadas, mas as ruas de paralelepípedo e as calçadas continuavam vazias. Isto é, o que eu enxergava delas. Qualquer coisa poderia estar à espreita nas sombras. E esse não era o tipo de lugar de onde alguém poderia esperar alguma ajuda.

— Eu... Eu, ah... — consegui gaguejar. — Eu não sei.

A lâmina da faca lampejou sob meu queixo, onde, através de meu colarinho alto, eu podia sentir sua pressão contra minha garganta. Engolindo em seco, fechei os olhos.

— Não estou brincando — meu captor alertou. — Você estava indo ao encontro dele. Onde ele está?

— Você está enganado — tentei falar com calma, mas minha voz saiu trêmula. — Está completamente enganado. Eu não sei nada do...

— Mentirosa. — Pelos músculos de seu braço, senti que ele estava prestes a cometer um assassinato. Com um movimento rápido da faca, tentou cortar minha garganta, encontrando, em vez dela, o osso de baleia de meu colarinho. Com o que poderia ter sido meu último suspiro, eu gritei. Torcendo o corpo para tentar escapar das garras do assassino, eu me debati loucamente, brandindo minha valise para cima e para baixo, sentindo que ela havia acertado o rosto dele antes de cair da minha mão. Ele praguejou de maneira assustadora, mas, apesar de afrouxar o aperto, não me soltou. Enquanto eu gritava, ele me esfaqueou. Senti a lâmina comprida me furar, atingindo meu espartilho, e, em seguida, golpear outra vez, buscando uma passagem para minha carne. Em vez disso, ela cortou meu vestido, fazendo um enorme talho no tecido, enquanto eu aproveitava para me desvencilhar dele e correr.

— Socorro! Alguém me ajude! — gritei, mergulhando precipitadamente na escuridão, correndo sem parar, sem saber para onde.

— Por aqui, madame — disse uma voz masculina, alta e estridente, saída das sombras.

Enfim alguém tinha me ouvido gritar por ajuda. Quase chorando de alívio, segui aquela voz, mergulhando num beco estreito e íngreme entre dois edifícios que fediam a alcatrão.

— Por aqui. — Senti uma mão ossuda encostar em meu cotovelo, guiando-me por um caminho sinuoso em direção a algo que brilhava na noite. O rio. Meu guia me puxou para uma estreita passarela de madeira que se movia sob meus pés.

Um instinto, uma sensação de que algo estava errado, me fez estacar, com o coração batendo mais forte do que nunca.

— Para onde estamos indo? — sussurrei.

— Apenas faça o que eu digo. — E, antes que eu me desse conta, ele torceu meu braço atrás das costas, me empurrando para a frente, em direção a um lugar desconhecido.

— Pare com isso! — Finquei o salto das botas nas tábuas, subitamente mais furiosa que assustada. Afinal eu tinha sido maltratada, tinha perdido minha valise, tinha sido ameaçada por uma faca, minhas roupas estavam em frangalhos, assim como meus planos, e agora aquele que eu pensava ser meu salvador parecia se transformar num novo inimigo. Eu estava ficando calejada. — Pare, bandido! — gritei o mais alto que pude.

— Fique quieta!

Torcendo meu braço dolorosamente, ele me deu um forte empurrão. Não pude deixar de cair à frente, tropeçando, mas continuei gritando:

— Maldição! Me solte!

Algo pesado golpeou minha orelha direita. Caí de lado na escuridão.

Não é justo dizer que eu desmaiei. Eu nunca desmaiei em toda a minha vida, e espero nunca fazê-lo. Digamos apenas que, por algum tempo, me fizeram perder os sentidos.

Quando pisquei e abri os olhos, me vi numa posição muito estranha, meio sentada, meio deitada num tipo curioso de tábua curva,

com as mãos amarradas atrás costas e os tornozelos atados da mesma forma à minha frente, com uma corda grossa de cânhamo.

Pendurada num teto baixo e tosco de madeira, uma lamparina a óleo soltava um odor quente e sufocante, enquanto deixava escapar uma luz fraca. Como se fosse uma terrível caricatura de meu esconderijo favorito em Ferndell, vi grandes pedras agrupadas em volta de uma poça de água cor de aguarrás, próxima a meus pés. O chão parecia se mover sob mim. Eu me senti tonta. Fechando os olhos, esperei a tontura passar.

Mas não passou. A sensação de que eu estava me mexendo, quero dizer. E percebi que só estava tonta porque meu captor, seja lá quem ele fosse, havia tirado meu chapéu, provavelmente por medo dos alfinetes. Minha cabeça, envolta apenas em seu próprio e desgrehado cabelo, estava exposta, e meu o mundo parecia sacudir e balançar, mas eu não estava com tontura.

Eu estava, na realidade, no porão de um barco.

Quer dizer, no casco. Lembrei que era assim que chamavam isso. Embora eu não tivesse nenhuma experiência com barcas e navios e coisas do tipo, já havia passeado num barco a remo uma ou duas vezes, e reconheci os trancos e o movimento flutuante de uma pequena embarcação na baía, por assim dizer. Ele estava na água, mas amarrado a um poste. O teto onde a lâmpada balançava era a parte de baixo de um convés. A poça imunda a meus pés era chamada de “estiva” e as pedras, creio eu, eram o “lastro”.

Abrindo os olhos e fitando a escuridão, examinei rapidamente minha prisão sombria e percebi que não estava sozinha.

No lado oposto do casco, com as mãos atrás das costas e os tornozelos amarrados, do outro lado do porão, um garoto me encarava.

Me analisava.

Olhos escuros e zangados. Maxilar duro.

Roupas baratas, largas demais. Pés descalços que pareciam macios e pálidos, mas machucados.

Um resto de cabelo claro, cortado de modo irregular.

E uma face que eu já tinha visto antes, embora apenas na primeira página do jornal.

Visconde Tewksbury, o marquês de Basilwether.

CAPÍTULO DÉCIMO SEGUNDO

MAS... MAS AQUILO ERA ABSURDO. IMPOSSÍVEL. Ele deveria estar fugindo para o mar.

Sem nenhuma apresentação adequada, exclamei:

— O que, em nome de Deus, *você* está fazendo aqui?

Eu ergueu as sobrancelhas douradas.

— A senhorita está presumindo que somos conhecidos?

— Pelo amor de Deus, não estou presumindo nada. — Indignação e surpresa me estimularam a sentar direito, não sem alguma dificuldade. E certa irritação. — Eu *sei* quem você é, *Tewky*.

— Não me chame assim!

— Muito bem, lorde Tewksbury-do-mar, o que você está fazendo descalço em um barco?

— Eu poderia perguntar, com igual justiça, o que uma garota insignificante como você está fazendo, perambulando por aí vestida de viúva. — Seu tom de voz ficava cada vez mais cortante e aristocrático.

— Oh — devolvi. — Um camareiro de navio com sotaque de colégio interno?

— Oh! Uma viúva sem aliança de casamento?

Sem conseguir ver minhas mãos, que estavam amarradas às minhas costas, eu não tinha percebido esse detalhe. Mas agora, sentada ereta, apoiada em minha anquinha e passando os dedos contra a corda que prendia meus pulsos, exclamei:

— Por que ele tirou minhas luvas?

— Eles — corrigiu Sua Senhoria, o Visconde. — No plural. São dois. Eles queriam roubar seu anel e não o encontraram. — Apesar de seu ar crítico e arrogante, percebi que seu rosto estava pálido, como seus lábios tremiam enquanto ele falava. — Eles mexeram nos seus bolsos também, e encontraram alguns xelins, grampos de cabelo, três barras de alcaçuz, um lenço bastante sujo...

— Certo — eu disse, tentando impedir essa declamação, pois a ideia de que, enquanto eu estava inconsciente, homens estranhos tinham colocado as mãos em meus bolsos... essa mera ideia me fez estremecer. Felizmente eles não tinham encostado em mim, quer dizer, tirado minha roupa, pois a bagagem improvisada que eu vestia permanecia em seu devido lugar. Eu podia sentir o realçador de busto, os reguladores de quadril e a anquinha ocupando suas posições.

— ... um pente, uma escova de cabelos, uma espécie de livrinho com flores desenhadas...

Senti uma pontada no coração, como se minha mãe tivesse sido morta bem na minha frente. Meus olhos queimaram. Mas fui obrigada a morder o lábio, pois não era a hora nem o lugar de lamentar minha perda.

— ... e, como um lado do seu vestido está todo rasgado, também tiveram um vislumbre desse escandaloso espartilho rosa que você está usando.

— Seu garoto malcriado! — O pesar aumentou minha raiva. Ardendo de vergonha e tremendo de fúria, eu berrei, num arroubo: — Você merece estar exatamente aí, como está, com as mãos e os pés amarrados...

— E como você, querida garota não mais velha do que eu, veio a merecer o mesmo?

— Eu sou mais velha que você!

— Quão mais velha?

Eu quase revelei minha idade, mas então lembrei que não devia revelá-la a ninguém. Mas que droga. Ele era muito esperto.

No entanto, apesar de sua bravata, ele estava assustado.

Tão assustado quanto eu.

Após respirar fundo, eu perguntei, suavemente:

— Há quanto tempo você está preso aqui?

— Apenas uma hora, mais ou menos. Enquanto o baixinho me sequestrava, parece que o grandão estava seguindo você por algum motivo. Eu...

Ele silenciou quando passos pesados soaram acima de nós. Os passos pararam, um quadrado de luz se abriu num canto da nossa prisão, e eu me vi observando uma cena bastante ridícula: primeiro vi surgir devagar um par de botas de borracha, depois roupas masculinas, enquanto um homem descia de costas uma escada que levava a nosso covil.

— Não faz nem uma hora — ele disse, enquanto descia, a alguém que permanecia no alto. Reconheci aquela voz estridente. Magro, mirrado e curvado, o homem se encolhia como um vira-lata muito chutado e mal alimentado. — Eu encontrei ele lá onde você disse no telegrama, vagando pelas docas onde fica o *Great Eastern*. A gente sabe o que fazer com ele, mas e com a garota?

— A mesma coisa — rosnou a voz do outro homem, descendo também. Eu também conhecia aquela voz, e assisti estoicamente aos pés com botas negras descerem, depois os membros corpulentos, envoltos em trajes escuros que talvez tivessem pertencido um dia a um cavalheiro, embora agora estivessem surrados. Eu podia ver, à luz da lamparina que ele trazia, que suas desbotadas luvas de pelica eram amarelas. Muitos nobres, tanto homens como mulheres, usavam luvas de pelica, em geral amarelas, no intuito de anunciar que faziam parte de uma determinada classe social.

Quando a parte de trás da cabeça do imenso homem surgiu, porém, vi que ele não usava um chapéu de cavalheiro, e sim a boina de pano de um operário.

Eu estava preparada, então, quando ele virou e eu vi seu rosto.

Era, de fato, o rosto branco e frio que havia espiado como uma lua sinistra o meu compartimento do vagão. Ou uma sinistra caveira branca, pois, enquanto ele removia sua boina, vi que ele era totalmente calvo, mas de maneira repugnante, como uma larva, exceto se considerássemos os pelos crespos e avermelhados que brotavam de suas orelhas.

— Achei que a gente só iria atrás dela se eu deixasse o meu marquês escapar — disse o outro.

— A princípio, sim — disse o enorme careca, com uma voz arrastada. — Mas também porque ela disse que o nome dela era Holmes. — E, enquanto ele falava com seu companheiro, observava meu rosto com maldosa satisfação, e sorriu maliciosamente ao ver meus olhos se arregalarem e meu queixo cair. Não pude deixar de demonstrar espanto, pois como ele sabia quem eu era? Como poderia saber?

Satisfeito com minha reação, ele virou para o companheiro.

— Ela diz que é parente de Sherlock Holmes. Se for verdade, podemos ter um bom lucro com ela.

— Então por que você tentou matá-la?

Isso significava que aquele homem corpulento com pelos no ouvido era, como eu suspeitava, o assassino que havia me atacado.

Ele encolheu os ombros fortes.

— Ela me irritou — ele disse, com fria indiferença.

Consegui fechar minha boca escancarada à medida que as coisas passavam a fazer sentido. Ele havia me procurado no trem. Ele havia me seguido da estação.

Ainda assim... ainda assim nada fazia sentido. Por que, ao me atacar, ele tinha presumido que eu sabia onde estava lorde Tewksbury?

— Mocinha metida a valente. — O assassino me fitou diretamente, com olhos que pareciam gelo negro. Havia algo — eu não sabia o que — de familiar naquele olhar, e não nego que ele me aterrorizou tanto que comecei a tremer. Ele prosseguiu: — As moças daqui geralmente não têm dinheiro para comprar espartilho. Já cortei muitas barrigas na vida. Não me provoque de novo.

Fiquei em silêncio, incapaz de pensar numa resposta adequada.

Na verdade, eu estava completamente apavorada.

Mas então o outro homem, o raquítico, estragou o efeito da frase ao dizer a seu comparsa:

— Bem, é melhor você tomar cuidado e também não irritar Sherlock Holmes. Ouvi dizer que ninguém consegue tapear aquele almofadinha.

O grandalhão virou para ele.

— Eu tapeio quem quiser. — Seu tom era tão ameaçador quanto a lâmina da faca. — Estou indo dormir. Fique de olho nesses dois.

— Era isso mesmo que eu ia fazer — o outro resmungou, mas só depois que o pesado e rude homem subiu a escada e sumiu de vista.

O magricela, o cão de guarda que mais parecia um vira-lata faminto, sentou-se de costas para a escada e nos encarou com seus olhinhos cruéis.

— Quem é você? — exigi saber.

Mesmo à fraca luz da lamparina a óleo, pude ver seu sorriso amarelo, com vários dentes faltando na boca.

— O Príncipe Encantado de Horseapple, a seu dispor — ele respondeu.

Uma óbvia mentira. Olhei para ele, furiosa.

— Já que estamos fazendo apresentações — disse lorde Tewksbury para mim —, faria a gentileza de me dizer o seu nome?

Balancei a cabeça para ele.

— Sem conversas — Voz Estridente disse.

— O que — perguntei com frieza — você e o seu amigo pretendem fazer conosco?

— Levá-los para dançar, meus queridos. Eu já disse, sem conversa!

Pouco disposta a divertir ainda mais aquela censurável pessoa, deitei-me de lado nas tábuas nuas, com a parte cortada do vestido embaixo de mim. Fechei os olhos.

É difícil dormir, ou mesmo fingir dormir, com as mãos amarradas nas costas. Para piorar ainda mais a situação, as pontas da armação de aço do espartilho me cutucavam dolorosamente debaixo dos braços.

Meus pensamentos, assim como meu corpo, não estavam nem um pouco confortáveis. A menção a “lucros” indicava dinheiro, o que me levava a crer que eu seria mantida prisioneira em troca de resgate. Não podia imaginar uma forma mais humilhante de ser devolvida a meus irmãos, que sem dúvida me enviariam para o internato o mais rápido possível, não sem antes me dar umas boas palmadas. Eu me perguntei se eles pegariam meu dinheiro. Me perguntei como, como,

como aquele rufião gigantesco sabia quem eu era a ponto de me seguir e, o que era mais assustador ainda, como ele e seu cúmplice vira-lata sabiam onde o visconde de Tewksbury estava. Eu me perguntei o que “a mesma coisa” significava. Estremecendo de terror, supliquei a mim mesma que ficasse alerta e aproveitasse qualquer chance de escapar. No entanto, ao mesmo tempo, eu sabia que seria mais sensato respirar calmamente, parar de tremer, reunir minhas forças e tentar dormir.

Por causa do formato do casco do barco, acabei deitada numa tábua inclinada como uma rede, mas longe de ser confortável, mesmo com todo o enchimento que eu usava. Mexendo os braços e pernas, tentei mudar de posição e encontrar uma menos restritiva, mas sem sucesso, pois a armação de aço de meu estúpido espartilho agora não apenas afligia meus braços como também cutucava minha barriga através do buraco do vestido, me fazendo lembrar com muita clareza de como a faca daquela assassino havia...

Aço. Faca.

Fiquei imóvel.

Ah. Ah, se eu simplesmente conseguisse escapar.

Depois de pensar por um momento, abri os olhos apenas o suficiente para dar uma espiada em Estridente, o cão de guarda, através de meus cílios. Felizmente, minha modéstia tinha me feito deitar do lado direito, de frente para ele, de maneira a ocultar meu espartilho. Ele ainda estava sentado de costas para a escada, mas com a cabeça pendendo. Dormindo.

E de que modo, com ele naquela posição junto à escada, poderíamos passar por ele? Bem, eu lidaria com esse problema mais tarde.

Virei o tronco o mais silenciosamente possível, tentando colocar meus pulsos amarrados contra uma extremidade saliente do espartilho.

Não foi fácil, pois o talho estava na lateral do vestido. Mas esticando o braço ao máximo, enquanto me apoiava no cotovelo do outro braço e cerrando os dentes para não fazer barulho, consegui inserir a corda que amarrava meus pulsos na ponta do suporte de aço do espartilho.

Meu corpo estava tão inclinado que eu mal conseguia me mexer, no entanto consegui de algum modo furar o tecido muito engomado que revestia o aço.

Então me contorci ainda mais e tentei cortar as cordas com a ponta afiada.

Não olhei para lorde Tewksbury uma única vez. Tentei pensar nele o mínimo possível, e somente para assegurar a mim mesma que devia estar dormindo. Caso contrário, eu teria ficado mais do que mortificada com minha postura.

Para a frente e para trás, para a frente e para trás, com grande dificuldade, serrei a corda fazendo movimentos com as mãos e os braços, enquanto pressionava os pulsos amarrados contra o aço, dolorosamente e por bastante tempo. Eu não sabia dizer quantas desagradáveis horas se passaram, pois não havia como diferenciar a noite do dia naquele buraco. Não havia como dizer, também, se eu tinha feito algum progresso com as cordas, pois não dava para ver o que eu estava fazendo. Eu podia sentir que estava *me* cortando. Mas cerrei o maxilar e me esforcei ainda mais para rasgar a corda, com os olhos fixos no guarda adormecido, meus ouvidos tentando escutar além de minha própria respiração ofegante. Eu mais senti do que ouvi o vaivém das ondas, o ruído da água de esgoto sendo despejada, o ocasional barulho abafado quando o barco esbarrava no píer...

Estridente agitou-se de súbito, como se estivesse sendo importunado por uma pulga. Eu só tive tempo de esticar o corpo e esconder as mãos atrás das costas, antes que ele abrisse os olhos.

— Olha aqui — ele reclamou, olhando para mim. — Por que você fica balançando o maldito barco?

CAPÍTULO

DÉCIMO TERCEIRO

CONGELEI, ENCOLHENDO-ME COMO UM COELHO NA moita.

Mas, do outro lado do casco, uma voz imperiosa falou:

— Por quê? Porque eu *desejo* que este barco balance. Eu exijo, não, eu *ordeno* que este barco balance. — E de fato o barco balançou, pois o jovem visconde Tewksbury, marquês de Basilwether, sentado, inclinou-se repetidamente para a frente e para trás, perturbando o descanso da nossa prisão.

— Você aí! — O olhar pétreo de Estridente virou para ele. — Pare com isso.

— Venha me fazer parar — disse lorde Tewksbury com arrogância, sustentando seu olhar e continuando a balançar o barco.

— Quer que eu o *faça* parar? — Estridente levantou-se de súbito. — Está se achando durão, não é mesmo? Mas que diabos, eu vou te mostrar uma coisa. — Com os punhos cerrados, ele foi até Tewksbury e, ao fazer isso, deu as costas para mim.

Sentei-me e me contorci, inclinando-me para o lado, tateando novamente para encontrar a armação do espartilho com minhas mãos atadas.

Com força cruel, nosso captor chutou o jovem lorde Tewksbury na perna.

O garoto não emitiu um som, mas eu teria gritado. Eu queria atacá-lo, agarrá-lo, deter aquele homem malvado. Na verdade, perdi completamente a cabeça, lutando com a corda que amarrava meus

pulsos de maneira tão selvagem que parecia que a qualquer momento eu arrancaria meus braços fora.

Então algo estalou. Doía terrivelmente.

Estridente chutou Tewksbury de novo.

— Continue — disse o garoto. — Eu gosto disso. — Mas a voz fraca mostrava que ele estava mentindo.

Meus braços doíam tanto que achei que havia partido um osso em vez da corda, até me ver olhando para minhas mãos, que surgiam na frente do meu rosto como dois estranhos indecentes. Machucados, ensanguentados. Farrapos de cânhamo caíram de meus pulsos.

— Você gosta, é? Vamos ver se vai gostar disto aqui — guinchou nosso desprezível arremedo de guarda, chutando lorde Tewksbury pela terceira vez, com bastante força.

Dessa vez Tewky gemeu.

E simultaneamente eu me levantei, com os tornozelos ainda amarrados — mas não era necessário andar, pois eu estava imediatamente atrás do nosso captor. Minhas mãos, que pareciam saber o que fazer melhor do que eu, escolheu a maior pedra que havia no lastro, enquanto Estridente erguia a perna para chutar mais uma vez. Antes que ele pudesse fazer isso, ergui minha arma primitiva e a acertei com grande decisão na cabeça dele.

Ele caiu sem emitir um som, bem em cima da poça de água do porão, e ficou imóvel.

Fiquei olhando para ele.

— Desamarre minhas mãos, sua idiota! — gritou lorde Tewksbury.

O homem derrubado continuou como estava. Inerte, mas respirando.

— *Desamarre-me*, sua tola!

A voz autoritária do garoto me fez conseguir me mexer. Virei as costas para ele.

— Sua imbecil, o que está *fazendo*?

Eu estava preservando a pouca dignidade que me restava, embora não tivesse dito isso a ele. Desabotoando parte de meu corpete, enfiei a mão na bagagem frontal e encontrei o canivete que havia tirado do meu kit de desenho e guardado no meu “realçador de busto” com um

lápiz e algumas folhas de papel dobradas. Após abotoá-lo novamente, abri o canivete, abaixei-me e comecei a cortar a corda que prendia meus tornozelos.

Incapaz de ver o que eu estava fazendo através de minha saia preta, lorde Tewksbury parou de dar ordens e, na verdade, começou a implorar.

— Por favor. Por favor! Eu vi o que você estava fazendo e a ajudei, não foi? Por favor, você...

— *Shhh*. Só um minuto. — E, assim que libertei meus pés, virei, passei pela forma inerte do nosso guarda e então me inclinei sobre o garoto cativo. Com um rápido movimento, cortei as cordas que prendiam as mãos dele, atrás das costas. Depois lhe entreguei a faca para que ele mesmo soltasse seus pés. Limpei o sangue dos pulsos na saia do meu traje arruinado. Olhei para os cortes — não eram fundos o bastante para serem considerados perigosos — e então verifiquei meu cabelo, que não estava mais preso num coque e agora caía solto em volta dos ombros. Encontrando alguns grampos naquela massa emaranhada, tentei fechar o rasgo de meu vestido com eles.

— *Vamos* embora! — apressou-me o jovem visconde Tewksbury, agora de pé, com meu canivete ainda aberto nas mãos, agarrando-o como a uma arma.

Ele estava certo, é claro; não havia tempo para eu ficar apresentável. Assentindo, aproximei-me da escada que nos levaria à liberdade, com lorde Tewksbury a meu lado. Quando a alcançamos, no entanto, nós hesitamos e olhamos um para o outro.

— Primeiro as damas? — disse Sua Senhoria, incerto.

— Cedo minha vez para o cavalheiro — respondi, pensando apenas que uma garota nunca deve se colocar numa posição que permita que um homem veja por baixo de sua saia. Nem pensei no que poderia nos esperar lá em cima.

Assentindo, ainda agarrado ao canivete, Tewksbury subiu a escada.

A luz me cegou quando ele levantou a escotilha. A noite tinha se transformado em dia. Se era de manhã ou de tarde, não havia como saber. Piscando, consegui divisar apenas a silhueta do jovem visconde e ter uma vaga impressão da maneira cautelosa como ele colocou a

cabeça para fora e olhou em volta. Muito silenciosamente, ele afastou a tampa da escotilha, saiu do porão e acenou para mim com um ar de urgência.

Subindo o mais rápido que pude, percebi que ele estava esperando por mim, com a mão estendida para me ajudar a sair do porão. Apesar de ter me chamado de uma série de xingamentos, como idiota, tola e imbecil, o garoto mostrava traços de cavalheirismo. Teria sido mais sensato fugir sem mim. Mas parecia certo que, tendo sido prisioneiros juntos, nós fugíssemos juntos. Não me ocorreu deixá-lo para trás, e evidentemente ele também não pensou em me deixar para trás.

Chegando ao topo da escada, agarrei a mão dele...

Uma voz terrível rugiu uma imprecação medonha, como eu jamais ouvira ou imaginara antes. Quando minha cabeça passou pela escotilha, vi uma forma alta, maciça e escarlate sair de uma cabine e atravessar o curto espaço do convés em nossa direção.

Naquele terrível momento, descobri que os cavalheiros, ou melhor, que um certo homem nada cavalheiresco vestia roupas íntimas de flanela vermelho-sangue que o cobriam do pulso ao tornozelo.

Eu gritei.

— *Vamos!* — disse Tewksbury, levantando-se. Em seguida, me ergueu da escada e me empurrou para longe da ameaça vermelha que havia disparado em nossa direção. — Corra!

Aparentemente, ele pretendia deter o brutalhão com seu pequeno canivete.

— *Você também.* — E, erguendo o amontoado de saias e anáguas acima dos joelhos com uma mão, eu o agarrei pelo colarinho com a outra, e fugimos para o extremo oposto do barco. Juntos, embora eu tivesse sido obrigada a soltá-lo, saltamos quase uma jarda de água até as tábuas bambas que, imagino, eles chamavam de píer. E então, puxando minha saia para cima com as duas mãos, corri o mais rápido que consegui por aquele caminho estreito e instável.

— *Vocês não vão longe!* — berrou uma voz feroz do barco. — Esperem só até eu pegar uma roupa e pôr minhas mãos em vocês!

Tendo pernas longas, eu gostava de correr, mas não de tropeçar em minhas drogas de roupas, e, definitivamente, não num labirinto de

tábuas podres e escorregadias de limo. Uma confusão de ancoradouros e água salobra, cais e passarelas, e, ainda assim, a água que estava entre nós e as tavernas e armazéns era mais fedorenta do que as que se erguiam na beira do Tâmis.

— Para qual... *lado?* — arfou Tewky (pois eu não podia mais pensar nele como lorde, visconde e filho do duque; ele era meu companheiro agora, estava bem atrás de mim, ofegante).

— Eu não sei!

Cercados por uma água escura como piche, e num beco sem saída, escorregamos e deslizamos, e nos viramos para voltar. E mais uma vez um bloco de água barrava nosso caminho. Comecei a tremer, pois, se eu caísse naquele rio escuro, seria o fim; eu me afogaria. Eu também duvidava de que Tewksbury soubesse nadar. Mas não era hora de hesitar. A uma distância muito curta, nosso imenso inimigo saltava da cabine novamente, dessa vez coberto com algo decente, rugindo:

— Eu vou matar vocês! — E, como um urso enfurecido, ele se precipitou da embarcação para o cais labiríntico.

E pior ainda: uma pequena e curvada forma o seguia, como um cachorro faminto segue um mendigo. Era óbvio que eu não tinha golpeado o Estridente com a força necessária.

— Pule! — gritei e, com as saias erguidas, saltei para outro píer.

As tábuas balançaram embaixo de mim, mas de algum modo consegui ficar de pé. Assim que soltei a respiração, aliviada, elas balançaram de novo, mais violentamente, quando Tewksbury aterrissou com um baque a meu lado. Sem fôlego, guinchei como um ratinho assustado. Tewky agarrou meu braço, berrando “Corra!”, e dessa vez ele liderou a fuga. Em algum momento ele havia perdido meu canivete; sua mão direita tremia, sem arma. E meu tremor redobrou, pois senti os passos pesados do assassino abalar a doca sob nós.

— Ah, *não!* — gritei quando chegamos ao fim de outro píer que não levava a lugar algum.

Tewky disse algo vulgar demais para ser repetido.

— Que coisa feia. Por aqui — chamei, virando e voltando a liderar a fuga. Em pouco tempo, enfim conseguimos correr num terreno mais

firme, composto de pedregulhos, tijolos e argamassa. Mas nossos inimigos, que conheciam bem o caminho, chegaram à costa do mesmo modo, e ficaram a algumas pedras de distância de nós. Pude ver o sangue na cabeça de Estridente e a raiva em seus olhos apertados. Eu podia ver os tufos de pelo saindo das orelhas do gigantesco assassino e seu rosto redondo vermelho de fúria. Sangue na lua, um mau presságio.

Confesso que gritei de novo — de fato, gritei como um coelho baleado. E às cegas, com a mão de Tewky na minha, fugimos por uma rua estreita e viramos a esquina.

— Depressa! — eu disse, e, correndo em zigue-zague entre carroças abarrotadas puxadas por cavalos de tração, atravessamos a rua e seguimos na diagonal até a próxima curva.

A essa altura já sem fôlego algum, com o rosto e o vestido molhados de suor, e extremamente consciente do calor do dia, eu ainda podia ouvir passos correndo atrás de nós.

Tewky estava ficando para trás. Arrastando-o comigo, pude sentir que ele estremecia de dor a cada passo. O problema eram os pés dele. Estavam descalços, machucados e ainda pisando no chão duro. E subíamos uma ladeira íngreme para nos afastar do rio.

— *Vamos!*

— Não consigo — o garoto ofegou, tentando puxar sua mão. Eu a apertei e não soltei.

— Sim, você consegue. Tem que conseguir.

— Vá você... Salve-se.

— Não! — Afastando o pânico cego, olhei em volta enquanto corríamos. Aparentemente, tínhamos deixado para trás carroças, docas e armazéns. Agora corríamos por uma rua miserável, com alojamentos sujos e estabelecimentos comerciais ainda mais sujos: uma peixaria, uma loja de penhores, uma loja de reparos de sombrinhas. E vendedores ambulantes que gritavam: “Mexilhões vivos, ostras vivas!”, “Gelinhos doces aqui! Deliciosos gelinhos de morango!” Havia gente por perto, um lixeiro com uma carroça atrelada a um burro, homens com carrinhos de mão cheios de sucata metálica, mulheres e meninas a pé, com chapéus e aventais que deviam ter sido

brancos, mas que agora estavam sujos de fuligem, cor de cogumelo. Havia bastante gente, mas não o tipo de gente que poderia nos ajudar, e não o tipo de gente que deixaria passar despercebido um garoto descalço fugindo, e muito menos uma garota desgrenhada, sem chapéu e sem fôlego, com um vestido de viúva todo rasgado e ensanguentado.

— Parem, ladrões! — berrou uma voz atrás de nós, rouca, mas ainda forte. — Parem esses dois patifes! Bandidos! Batedores de carteira!

Rostos se viraram para encarar Tewky e eu, enquanto fugíamos por uma rua de lojas de objetos de segunda mão: móveis desgastados, roupas usadas, chapéus reformados, sapatos e botas com solas novas e mais roupas usadas. Rostos pareciam surgir de uma névoa de calor e terror, pairavam por um momento e depois desapareciam.

Reconheci um daqueles rostos que vi de passagem, embora não conseguisse lembrar onde eu o tinha visto antes.

Então, enquanto corríamos, eu me lembrei.

— Tewky! Rápido! — E, desviando da rua, me enfiei numa passagem estreita entre duas pensões caindo aos pedaços, dobrei a esquina de um estábulo e passei correndo pelos currais fedorentos situados atrás do edifícios, que fediam a burro, cabra, ganso e galinha. Então virei novamente.

— Vocês não vão escapar! — rugiu uma voz assustadora detrás do estábulo, perto demais para que nos sentíssemos aliviados.

— Desistam! — gritou outra voz, estridente.

— Sua idiota — exclamou Tewksbury, evidentemente se dirigindo a mim. — Por que estamos correndo em círculos? Eles vão nos pegar!

— Você vai ver. Siga-me. — E, largando a mão dele e também o que havia restado de minha dignidade, rasguei os botões de meu corpete superior. Correndo por um beco imundo, enfiei o antebraço em minha bagagem frontal e, encontrando um maço de papéis amarfanhados, puxei um deles. Escondendo-o na palma da mão, enquanto virava a última esquina para voltar à rua, entrei depressa numa loja de roupas usadas.

A proprietária estava do lado de fora da porta, apreciando o movimento da rua e a brisa revigorante. Mas, quando me viu correndo em direção a ela, sua expressão alegre se transformou em susto. Em

vez de lembrar um pintarroxo ou um sapo, ela parecia um rato sob a pata de um gato.

— Não! — ela ofegou, enquanto eu corria até ela. — Não, Cutter me mataria. É mais do que vale a minha vida...

Não havia tempo para discutir. Tewky e eu tínhamos apenas um momento antes que os dois bandidos virassem a esquina e nos vissem de novo. Nesse momento, enfiei uma nota de cem libras nas mãos da presumidamente sra. Culhane, puxei Tewky pela manga e o arrastei comigo para dentro do Empório de Roupas Usadas Culhane.

CAPÍTULO

DÉCIMO QUARTO

OFEGANTES, ENTRAMOS CORRENDO NUM APOSENTO SOMBRIO, sujo e abarrotado, que mais parecia um forno que um quarto. Em uma parede lateral havia uma série de capas e mantos pendurados; para nos escondermos mais rápido, nós nos abrigamos nas dobras escuras. Tremendo, com as mãos cerradas, fiquei observando a porta da frente, esperando para ver se meu suborno seria bem-sucedido.

— Esconda-se debaixo da mesa! — Tewky sussurrou.

Balancei a cabeça. Preparada para fugir, olhei pela porta da frente e pela janela, vendo que as pessoas tinham se espalhado, abrindo caminho, enquanto o gigantesco assassino e seu companheiro, o viralata estridente, chegavam até o meio da rua e olhavam em todas as direções. Vi o grande rufião agarrar um vagabundo pelo colarinho, quase erguendo o homem do chão, gritando em seu rosto. O pobre sujeito apontou em nossa direção.

Para onde a sra. Culhane havia ido, eu não sei.

Mas lá estava ela de novo, de costas para mim, parecendo uma tartaruga xadrez com um avental flácido.

Nosso inimigo com cara de lua cheia e seu seguidor caminharam a passos largos até ela. Avançaram com um ar arrogante. Até mesmo Estridente parecia mais alto do que ela. E eu não tenho certeza se conseguiria enfrentar a ferocidade de seus olhares.

Mas a velha atarracada ficou parada na porta, como uma barreira. Eu a vi balançar a cabeça. Eu a vi gesticular e apontar para o fim da

rua.

Vi a porta iluminada pelo sol formar uma auréola gloriosa ao redor dela.

Vi os dois bandidos irem embora.

Agarrada à antiga capa de alguém para me apoiar, eu me recostei na parede, aliviada.

Tewky dobrou-se como um cavalete, afundando no chão.

A sra. Culhane, muito sensatamente, não entrou de uma vez, mas permaneceu na porta por mais um tempo. Quando resolveu entrar, eu já tinha recuperado minhas forças, encontrado uma sala nos fundos com uma torneira de água e encharcado um retângulo de flanela vermelha desbotada para passar no rosto de Tewky. Quando ele se sentou, transferi minha atenção para seus pés feridos. Eu estava esfregando o trapo para tentar remover a sujeira e sangue sem machucá-lo muito, analisando as solas doloridas, em carne viva, quando nossa anfíbia salvadora entrou, fechou e trancou a porta da loja, abaixou a cortina e se aproximou de mim.

— Então — disse ela. — Num dia você é uma viúva chorosa e no outro se transforma numa garota descabelada, fugindo de Cutter e Squeaky.

— É mesmo? E quem seriam os cavalheiros? Não fomos apresentados.

— Não duvido. Aliás, é a minha cinta de barriga que você está usando como trapo.

Eu me levantei.

— Deus do céu, creio que eu já tenha recompensado você por isso.

Ela me encarou sem sorrir. Hoje não havia um alegre piado de pintarroxo, nem um “queridinha” para mim em seus modos ou em sua voz. Ela disse:

— O que você me deu foi para os vizinhos. Para os outros que viram vocês.

Percebi que aquilo devia ser parcialmente verdade. Ela saíra da porta para barganhar o silêncio dos espectadores.

Mas, pelo brilho astuto em seus olhos, eu sabia que também era parcialmente falso. Ela havia prometido aos vizinhos alguns xelins ou, no máximo, algumas libras.

Ainda assim, havia certa honestidade em seu rosto severo quando ela me disse:

— É melhor ter mais de onde isso veio. Cutter vai me virar do avesso se souber, não tenha dúvida. É a minha vida que estou arriscando por você.

— Se você providenciar o que nós precisamos — eu disse a ela —, haverá mais.

Foi assim que, no dia seguinte, Tewky e eu escapulimos pela porta dos fundos da loja, fortalecidos e transformados. Tínhamos nos refugiado em sua cozinha imensamente suja — pois ela morava em três quartos no primeiro andar, em cima da loja — e aceitado seu mingau encaroçado com gratidão. Dormimos lá, eu no sofá fétido e Tewky em colchas esticadas no chão. Tomamos banhos de esponja. Aplicamos pomada (na verdade, um unguento para úberes de vaca) nos pés de Tewky e depois os envolvemos em bandagens. Nos vestimos com trajes do Empório de Roupas Usadas Culhane, queimando nossas roupas velhas no fogão da cozinha.

Nós *não* conversamos, nem mesmo para contar nosso nome um ao outro. Nossa anfitriã de rosto azedo não fez perguntas, e também não oferecemos nenhuma informação. Tewky e eu nem conversamos entre nós, para que ela ouvisse o mínimo possível. Eu não confiava nela; não lhe daria uma oportunidade de arrancar todo o meu dinheiro, se descobrisse onde eu o guardava. Portanto, jamais tirei as roupas na presença dela, muito menos o espartilho, que usava até para dormir. Aquela peça que eu tanto desprezara tinha se tornado minha posse mais valiosa — desde que eu não a apertasse! Sua proteção de aço tinha salvado minha vida. Sua estrutura engomada sustentava e escondia o realçador de busto, a anquinha e os reguladores de quadril que ajudavam a disfarçar minha pessoa e meus meios financeiros.

Eu acredito e espero que a sra. Culhane — se esse era realmente o nome dela — nunca tenha descoberto meu segredo. Nós nos falávamos apenas para fazer negócios. Perguntei se a loja poderia fornecer trajes não muito gastos, uma boina, um par de sapatos grandes e meias grossas para o garoto. E para mim uma blusa, e uma

saia com pregas ou anquinha, como aquelas que as datilógrafas ou balconistas costumavam usar, feita de um tecido mais prático, com bolsos. E uma jaqueta, também com bolsos e com a bainha larga, para caber no topo da saia. E luvas não muito estragadas, e um chapéu não muito antiquado, e se ela me ajudaria com o cabelo.

Eu me senti nua aos olhos do mundo, deixando aquele lugar sem o espesso véu negro de viúva para cobrir meu rosto, mas a verdade era que nem mesmo meus irmãos conseguiriam me reconhecer. Inclinei-me e apertei os olhos atrás dos óculos pincenê encaixados em meu nariz, empoleirados como um pássaro bizarro de metal. Sobre os óculos, uma considerável franja de cabelos falsos decorava e escondia minha testa, ajudando o pincenê a alterar meu perfil. E sobre o cabelo eu usava um chapéu de palha enfeitado com renda e penas, muito semelhante a qualquer chapéu de palha barato usado por qualquer jovem trabalhadora da cidade.

— Agora só preciso de uma sombrinha — eu disse à sra. Culhane.

Ela me entregou uma tingida de um horrendo, porém estiloso, tom de verde quimicamente obtido, depois nos levou até a porta dos fundos e estendeu a mão. Sobre sua palma eu coloquei, como prometido, outra nota de dinheiro. Então saímos e ela fechou a porta atrás de nós, sem dizer uma palavra.

Assim que chegamos à rua, comecei a arrastar os pés enquanto andava, sentindo o caminho com minha sombrinha fechada e agindo como se fosse quase cega. Fiz isso como um disfarce, mas também para que Tewky, cujos pés ainda estavam bastante feridos, não parecesse mancar, e sim caminhar devagar, no intuito de me auxiliar e acompanhar. Como nossas roupas não eram novas, nem gastas demais, nem ricas nem pobres, eu esperava não chamar a atenção de ninguém, pois não queria que dessem notícias nossas a Cutter.

Mas eu não precisava ter me preocupado. À nossa volta, as pessoas cuidavam ruidosamente da vida, sem nos dar a menor atenção. Londres, aquela cidade que mais parecia um grande caldeirão de tijolos e pedra, parecia estar sempre fervilhando de atividade humana. Um homem com um carrinho de mão gritou: “Cerveja de gengibre! Cerveja de gengibre geladina para refrescar sua garganta empoeirada!” Um carrinho de água passou, sacolejando, seguido por

meninos que limpavam as pedras da rua com vassouras. Um entregador passou pedalando o mais esquisito triciclo que já vi na vida, com as duas rodas na frente, em vez de atrás, e uma grande caixa presa ao guidão. Numa esquina vi três crianças de cabelos escuros cantando numa língua estranha, harmoniosamente, como anjos, a do meio com uma caneca de louça estendida, esperando por moedas. Um pouco além, e acima delas, um homem esfarrapado com uma lata de cola e pincel se equilibrava numa escada, colando anúncios de graxa de sapatos, bandagens elásticas contra reumatismo, caixões de segurança patenteados. Homens com jaquetas e calças brancas de saco pregavam um aviso de quarentena na porta de uma estalagem. Imaginei, brevemente, que abomináveis doenças e febres sopravam do fedorento Tâmis e se eu morreria de cólera ou escarlatina por ter posto os pés no barco de Cutter.

Cutter. Um encantador rufião. Num de meus bolsos, com dinheiro e vários outros itens úteis que eu havia tirado do realçador de busto, eu carregava uma lista escrita em algumas horas de vigília durante a noite:

Por que Cutter vasculhou o trem?

Por que ele me seguiu?

Por que pensou que eu sabia onde encontrar Jewky?

O que ele queria com Jewky?

Por que telegrafou para Squeaky, mandando-o procurar Jewky nas docas?

O que ele quis dizer com "a mesma coisa"?

Ele é um sequestrador profissional?

Como ele sabia tanto sobre Jewky e o Great Eastern?

De fato, como? Eu tinha contado ao inspetor Lestrade. E madame não-lembro-mais-o-nome, a investigadora astral, havia escutado tudo.

O inspetor Lestrade tinha contado a outras pessoas? Talvez, mas antes ele não teria tomado providências para confirmar minhas informações? No entanto, o telegrama devia ter sido enviado para Estridente quase na mesma hora.

Humm.

Tais eram meus pensamentos enquanto meu vagaroso acompanhante manco e eu andávamos alguns quarteirões até um bairro melhor. Por fim, chegamos a uma espécie de parque, um trecho gramado com quatro árvores, sob as quais algumas mulheres empurravam carrinhos de bebê e um homem com um burro gritava: “Passeios de burro! Passeios para a criançada, um centavo por cabeça”. Ao lado do parque, vi uma série de coches parados. Seria melhor chamar um, para que meu pequeno lorde não fosse mais obrigado a caminhar com seus pés feridos.

Até então estávamos em alerta, sem conversar, mas, agora que tínhamos deixado as lembranças de Cutter para trás, virei para meu companheiro e sorri.

— Bem, Tewky...

— Não me chame assim.

Fiquei furiosa.

— Muito bem, lorde Tewksbury de Basilwether, ou não... — Mas minha irritação diminuiu quando uma ideia me ocorreu. Eu perguntei:

— Como você quer ser chamado? Que nome você escolheu quando fugiu?

— Eu... — Ele balançou a cabeça e virou o rosto. — Esqueça. Não importa mais.

— Por quê? O que você vai fazer?

— Não sei.

— Você ainda quer ir para o mar?

Ele virou para me encarar.

— Você sabe tudo. Como sabe tudo isso? Quem é você? É mesmo parente de Sherlock Holmes?

Mordi o lábio, pois não me sentia segura em lhe contar mais sobre mim; ele já sabia demais. Felizmente, nesse momento, um vendedor de

jornais berrou na esquina, perto dos coches de aluguel:

— Saiba tudo sobre o caso! Fizeram um pedido de resgate pelo visconde Tewksbury Basilwether!

— *O quê?* — exclamei. — Mas que absurdo! — Quase me esquecendo de olhar em volta e arrastar os pés, fui correndo comprar um jornal. A manchete tratava novamente do caso e exibia, uma vez mais, o retrato de Tewky *à la* Pequeno Lorde Fauntleroy:

SENSACIONAL REVIRAVOLTA NO CASO DO SEQUESTRO

Sentado a meu lado, num dos bancos do parque, para que pudéssemos ler juntos o jornal, Tewky deu um gemido abafado de desânimo:

— O meu *retrato*?

— O mundo inteiro viu — eu disse a ele, com certo entusiasmo, admito. E então, como ele não respondeu imediatamente, encarei-o, encontrando em seu rosto uma expressão de ardente, completa e agoniada humilhação.

— Eu não posso voltar — ele disse. — Nunca mais vou voltar.

Já sem nenhuma alegria, perguntei:

— Mas e se alguém reconhecer a foto? A sra. Culhane, por exemplo?

— *Ela?* E quando ela olharia para um jornal? Ela não sabe ler. Nesses cortiços, ninguém sabe ler. Você viu algum jornaleiro nas docas?

Ele estava certo, é claro, mas, em vez de admitir isso, dediquei minha atenção ao texto do artigo:

Uma reviravolta surpreendente ocorreu nesta manhã, com a chegada de um pedido de resgate anônimo a Basilwether Hall, Belvidere, cena do recente desaparecimento do visconde Tewksbury, marquês de Basilwether. Apesar da astuta descoberta do inspetor-chefe Lestrade a respeito do

esconderijo repleto de parafernália náutica do jovem lorde, nas copas das árvores...

— Ah, não — Tewky sussurrou, novamente angustiado. Estremecendo, continuei a ler, sem tecer comentários.

... e suas subsequentes e enérgicas investigações nas docas de Londres, onde ele localizou várias testemunhas que alegaram ter visto o jovem no exato dia de seu desaparecimento...

Que, percebi, tinha sido no dia anterior ao meu próprio desaparecimento. Tanta coisa havia acontecido desde então que era difícil acreditar que fazia apenas três dias que eu tinha deixado Ferndell Hall.

... parece que o visconde, herdeiro do título e da fortuna de Basilwether, foi realmente sequestrado. Entregue pelo correio da manhã, a breve mensagem colada a partir de letras recortadas de revistas exigia uma grande soma, cuja quantia a família desejou não revelar. Na falta de provas de que lorde Tewksbury tenha, de fato, caído nas mãos de um indivíduo ou indivíduos desconhecidos, as autoridades aconselharam a não pagar o resgate. No entanto, a famosa médium e investigadora astral madame Laelia Sibyl de Papaver, convocada pela família Basilwether no início da crise, recomendou veementemente que o resgate, que deve ser reunido na forma de soberanos de ouro e guinéus e entregue conforme instruções a serem enviadas, seja pago, já que as comunicações que a vidente alega ter com manifestações espirituais disseram que o visconde de Tewksbury de fato é mantido cativo e corre risco de vida, a menos que os sequestradores contem com total cooperação da família. Madame Laelia...

Tinha mais, mas parei de ler nesse ponto. Em vez disso, fiquei sentada, olhando para o nada — na verdade, para os coches estacionados. Era o que havia diante de mim e Tewky: carruagens esportivas e desajeitados, porém mais espaçosos, coches com quatro rodas, cavalos lustrosos e cavalos magricelas, balançando as caudas enquanto mastigavam embornais de aveia, cocheiros corpulentos e taxistas maltrapilhos, aguardando passageiros. Mas de fato eu não via nada disso. Estava tentando me lembrar da aparência de madame Laelia, porém tanta coisa tinha acontecido nos últimos três dias que eu havia guardado apenas uma impressão de cabelos ruivos, rosto largo, corpo amplo, mãos grandes calçando luvas de pelica amarelas...

Uma voz baixa disse:

— Preciso voltar.

Demorei algum tempo para me virar e fitar Tewky, que, pálido, bonito e também muito jovem, devolveu meu olhar.

— Eu tenho de ir para casa — disse ele. — Não posso deixar aqueles malditos vilões roubarem minha família.

Assenti.

— Então você tem alguma ideia de quem enviou o pedido de resgate.

— Sim.

— E, assim como eu, acha que eles ainda estão procurando você.

— Procurando nós dois. Sim, de fato.

— É melhor irmos até a polícia.

— Suponho que sim. — Mas ele desviou o olhar.

Analisou a ponta de seus sapatos novos — novos em certo sentido, já que evidentemente tinham sido remendados com pedaços de couro retirados de botas velhas.

Esperei.

Por fim, ele disse:

— De todo modo, não foi o que eu esperava. Os estaleiros, quero dizer. A água é imunda. E as pessoas também. Eles não gostam quando alguém tenta permanecer limpo. Acham que você é esnobe. Até os mendigos cospem em você. Alguém roubou meu dinheiro, minhas botas, até minhas meias. Algumas pessoas são tão más que roubam até mesmo aquelas que rastejam pelas ruas.

— Que rastejam pelas ruas?

— As dorminhocas. Eles as chamam assim porque estão sempre cochilando. Nunca vi pessoas tão miseráveis. — Sua voz ficou ainda mais baixa. — Velhas que não têm mais nada, sem forças até para ficar de pé. Elas se sentam nos degraus dos asilos, meio sonolentas, mas sem nada para usar como travesseiro, prostradas até para mendigar. E, se alguém lhes dá uma moeda para comprar chá, elas vão rastejando comprá-lo.

Com dor no coração, lembrei-me da velha sem cabelo que eu tinha visto rastejando na rua, com a cabeça cheia de feridas.

— E então elas voltam rastejando — Tewky disse, com a voz mais baixa e embargada — e se sentam no mesmo lugar de antes. Três vezes por mês, têm direito a uma refeição e uma noite de sono no asilo. Três vezes. Se pedirem mais, são trancadas e obrigadas a cumprir três dias de trabalho duro.

— *O quê?* Mas eu pensava que o asilo *ajudasse* os desafortunados.

— Eu também pensava. Fui até lá pedir um novo par de sapatos, e eles... eles riram de mim e me surraram com um bastão. Me expulsaram. E então... aquele homem horrível...

As lembranças de Estridente fizeram seus olhos se encherem de água. Ele parou de falar.

— Estou feliz por você decidir ir para casa — eu disse após um momento. — Sua mãe ficará muito contente em vê-lo. Ela chorou muito todos esses dias, sabia?

Ele assentiu, aceitando sem questionar que eu sabia disso, assim como parecia saber tudo o mais.

— Tenho certeza de que você será capaz de fazê-la entender que não pode mais usar aquelas roupas de lorde Fauntleroy.

Ele disse, muito baixo:

— Qualquer que seja o tipo de roupa, não importa. Eu não sabia...

E não terminou a frase. Mas acredito que ele ainda estivesse pensando nas dorminhocas, as pobres velhinhas semivivas que rastejavam. Ou talvez em pés descalços e feridos, na orla e em Estridente, chutando-o como um cachorro.

Dois dias em Londres também me fizeram ter consciência do muito que eu não sabia.

E, agora que eu sabia, meus problemas pareciam pequenos demais.

Eu me levantei e chamei um coche. Uma carruagem aberta; queria que partíssemos em grande estilo. Tewky me estendeu a mão quando entrei, como um cavalheiro, enquanto eu instruía o cocheiro:

— Para a Scotland Yard.

CAPÍTULO DÉCIMO QUINTO

MESMO ACOMPANHANDO TEWKY, EU TINHA MINHA própria missão na Scotland Yard.

— Isso é adorável! — exclamou Tewksbury, examinando Londres da carruagem, enquanto o cavalo trotava bem à nossa frente, com seu arreio tilintando.

Eu só prestava atenção a meus pensamentos: algo precisava ser feito sobre Cutter e madame Laelia Sibyl de Papaver, investigadora astral. Eu não tinha provas, mas, quanto mais esmiuçava minha mente, mais considerava que eles poderiam estar envolvidos numa rede de sequestros. Suposição: ela tinha falado de mim para ele. Quem mais poderia ter feito isso? O porteiro, a duquesa, suas criadas? Muito improvável. De todos que encontrei em Basilwether Hall, apenas o inspetor Lestrade e madame Laelia tinham me ouvido descrever o paradeiro de lorde Tewksbury. Um desses dois entrou em contato com Cutter para que ele telegrafasse a Estridente e o mandasse capturar Tewky. Certamente não tinha sido Lestrade. Conclusão: devia ter sido madame Laelia.

Tewky disse:

— Eu nunca tinha entendido por que eles colocavam o cocheiro lá no alto, tão longe do cavalo. Agora eu entendo. É para que nada obstrua a vista do passageiro.

— Ahã — murmurei, prosseguindo com meus pensamentos sombrios a respeito de madame Laelia. Embora parecesse estar do

lado dos anjos, a mulher havia se aliado aos demônios: Cutter e Squeaky. Eles sequestraram uma vítima, conjecturei, e então madame Laelia foi convocada a prestar seus duvidosos serviços, de maneira que, enquanto Cutter e Squeaky coletavam o resgate, madame Laelia recebia um generoso pagamento por seus conhecimentos espirituais sobre o paradeiro da pessoa desaparecida. Todos lucravam e conduziam seus negócios sórdidos juntos. No caso de Tewky, embora inicialmente ele tivesse fugido, Cutter e Squeaky aproveitaram a oportunidade para sequestrá-lo depois.

Embora não soubesse como notificar as autoridades sem me colocar em risco, eu sabia que tinha de fazer alguma coisa para acabar com essa vilania.

Tewky disse:

— Como é agradável sentir o vento no rosto em um dia quente.

Mas que menino irritante. Ele precisava tagarelar como um papagaio? Sem responder e com os lábios apertados, enfiei a mão no bolso da saia e puxei um lápis e um pedaço de papel dobrado. Com pressa e bastante raiva, coloquei o papel no colo e desenhei um retrato exagerado de um homem. Quando Tewky viu o que eu estava fazendo, parou de tagarelar para olhar.

— É o Cutter — ele disse.

Sem tecer comentários, finalizei o desenho.

— É o Cutter, sem tirar nem pôr, até com os pelos saindo das orelhas. Estou surpreso. Como consegue desenhar desse jeito?

Sem responder, virei o papel dobrado e, no verso, esbocei o desenho de outra pessoa. Como me sentia disposta e enérgica, no estado de espírito certo para isso, fui capaz de fazê-lo sem hesitação, sem recorrer muito à memória, sem pensar. As linhas do lápis surgiram rápido de alguma fonte profunda em minha mente.

— Quem é essa? — Tewky perguntou.

Mais uma vez, não respondi. Ao terminar o retrato da mulher grande e imponente, abri o papel e contemplei os dois desenhos de uma só vez. O homem e a mulher caricaturados ficaram lado a lado.

E, naquele momento, eu soube.

É claro. Para se transformar em mulher, só era preciso colocar cabelo falso, vários amplificadores, realçadores, aperfeiçoadores e

reguladores, e os acessórios necessários: vestido, chapéu, luvas. Eu, de todas as pessoas, sabia bem disso.

Tewky percebeu, também. Ele sussurrou:

— São a mesma pessoa.

A peruca vermelho-berrante, pensei, servia para esconder as orelhas peludas e distrair a atenção do rosto. E nem preciso falar sobre os lábios, cílios e olhos, pois era fácil demais: maquiagem. Nenhuma senhora respeitável admitiria o uso de tais artifícios, mas eu tinha ouvido falar que isso realmente ocorria. Não que a pessoa de quem falávamos fosse respeitável ou mesmo uma senhora.

Tewky quis saber, apontando de um desenho para outro:

— Se esse é o Cutter, quem é *essa*?

Respondi, embora o nome não fosse significar nada para ele:

— Madame Laelia Sibyl de Papaver.

— Não me interessa se você é o príncipe de Gales — disse o sargento à mesa, sem sequer levantar os olhos para dar uma olhada em nós. — Vocês vão esperar a sua vez, assim como todo mundo. Sentem-se. — E, com os olhos ainda fixos nos papéis e registros de ocorrências, sacudiu uma mão carnuda em direção ao corredor atrás de si.

Sorri para Tewky, que, após se apresentar como visconde Tewksbury Basilwether, parecia inclinado tanto a rir como a chorar.

— Vou esperar com você — sussurrei.

E de algum modo, no decorrer de nossa visita à Scotland Yard, eu resolveria meus assuntos. Assim como eu havia pedalado minha bicicleta para longe de Kineford, o melhor plano agora me parecia ser não planejar nada.

Tewky e eu nos sentamos num dos muitos bancos ao longo do corredor com painéis de madeira escura, bancos de uma singular e inexorável integridade e rigidez, piores do que qualquer banco de igreja que eu já houvesse experimentado. Acomodado a meu lado, Tewky murmurou:

— Você tem sorte de ter todo esse enchimento.

Que coisa mais indecorosa de se dizer.

— Silêncio!

— Não me mande ficar quieto. Diga-me quem você é.

— Não. — Mantive a voz baixa, pois ao longo do corredor havia outros bancos com pessoas sentadas esperando para falar com a polícia. Imersas nos próprios assuntos e problemas, porém, nenhuma delas quis nos dar uma segunda olhada.

Tewky teve o bom senso de baixar a voz:

— Mas supostamente você salvou minha vida. Ou pelo menos minha honra. E... você fez tanto por mim. Eu quero lhe agradecer. Quem é você?

Balancei a cabeça.

— Por que você quer parecer uma velha criada?

— Garoto escandaloso, veja como fala.

— Garota escandalosa, jamais vou saber seu nome?

— *Shhh!* — Não, eu esperava que não, mas não disse isso a ele. Em vez disso, disse “Silêncio!” novamente, apertando seu braço, pois uma porta se abriu bem no fim do corredor em que estávamos, e eu vi um homem familiar saindo.

Dois homens familiares.

Por um momento, realmente achei que fosse desmaiar, e não por causa de um espartilho.

Deus do céu.

Um dos homens era o inspetor Lestrade. Eu imaginara, quando resolvi acompanhar Tewky até a Scotland Yard, que talvez encontrasse Lestrade, mas tinha certeza absoluta de que ele não me reconheceria como a viúva de véu preto que vira brevemente em Basilwether Hall.

Não, o que me deixou doente de preocupação foi a visão do outro homem: Sherlock Holmes.

Em minha mente, forcei-me a continuar respirando, a me sentar com naturalidade, a me misturar com a madeira escura, o banco duro e as gravuras emolduradas nas paredes do mesmo modo que a perdiz se escondia da raposa no meio do mato. *Por favor, eles não podem me ver.* Se algum deles me reconhecesse, meus poucos dias de liberdade estariam terminados.

Eles caminharam devagar em nossa direção, profundamente imersos na conversa, muito embora meu irmão, que era bem mais alto que o furão do Lestrade, precisasse inclinar a cabeça para escutar o que o homem mais baixo dizia. Após um primeiro olhar assustado para eles, baixei a cabeça, fitando meu colo, ignorei Tewky e ocultei minhas mãos entrelaçadas e trêmulas nas dobras da saia.

— ... não consigo entender o caso Basilwether — disse a voz esganiçada de Lestrade. — Eu com certeza ficaria muito grato se você desse uma olhada no caso, Holmes.

— Holmes? — arquejou Tewky, sentando-se completamente ereto a meu lado. — *É ele?* O famoso detetive?

Sussurrei:

— Por favor, fique quieto.

Estou certa de que ele notou uma forte emoção em minha voz, pois obedeceu no mesmo instante.

E Sherlock disse a Lestrade:

— Não tanto quanto eu ficaria grato se você designasse mais detetives para encontrar minha *irmã*. — A voz de meu irmão, embora bem modulada, soou tão retesada quanto a corda de um violino. Algo em sua voz, algo inexprimível, me provocou uma forte e dolorosa sensação.

— Eu gostaria de fazer isso, meu caro amigo. — Havia certa simpatia na voz de Lestrade, mas também pensei ter sentido um tom de arrogância. — Contudo, se você não me fornecer mais informações com as quais trabalhar, eu...

— O mordomo confirmou que não há fotografias recentes de minha mãe ou de Enola, e que as únicas são de dez anos atrás, ou mais. Maldita mulher.

— Bem, temos aquele retrato dela feito por sua irmã. — Percebi um inconfundível divertimento na voz do inspetor da Scotland Yard.

A mão de meu irmão imediatamente segurou o braço dele, detendo-o, e os dois ficaram bem na minha frente e de Tewky. Graças, talvez, à Providência, ou por pura sorte, Sherlock permaneceu de costas para mim.

— Preste atenção, Lestrade. — Meu irmão não parecia exatamente zangado, mas seu tom intenso, quase hipnótico, fez meu coração se encher de admiração por ele, além de conquistar a máxima atenção do outro homem. Sherlock continuou: — Eu sei que você considera um grande golpe no meu orgulho que tanto minha mãe como minha irmã tenham desaparecido, que eu não consiga encontrar uma única pista da primeira e seja obrigado a lhe agradecer pelas informações a respeito da última. Mas...

— Eu garanto — Lestrade interrompeu, piscando, desviando o olhar — que não pensei nada do tipo.

— Bobagem. Não o culpo por não ser pior que seus antecessores. — E, afastando essa desconcertante declaração com a mão negra enluvada, Sherlock fixou de novo seu olhar no inspetor. — Mas, Lestrade, eu quero que entenda uma coisa: você pode riscar lady Eudoria Vernet Holmes da sua lista. Ela sabia o que estava fazendo, e, se algo de ruim tiver lhe acontecido, a culpa é toda dela.

Senti de novo uma dor no coração, mas não de ansiedade; uma dor diferente. Na época, eu não conhecia a única e incapacitante fraqueza de meu brilhante irmão; não entendia como a melancolia podia fazê-lo pronunciar palavras tão duras.

— No entanto, o caso de Enola Holmes é inteiramente diferente — disse Sherlock. — Minha irmã é inocente. Foi negligenciada, não possui instrução nem sofisticação, em resumo, é uma sonhadora. Sinto-me muito culpado por não ter ficado com ela em vez de deixá-la aos cuidados de meu irmão, Mycroft. Apesar da mente brilhante, ele não tem paciência alguma. Ele jamais conseguiu entender que é preciso tempo, não apenas um arreio, para adestrar um potro. É claro que a garota fugiu, já que tem mais espírito que inteligência.

Por baixo da franja falsa e do pincenê, franzi a testa.

— Ela me pareceu bastante inteligente quando falei com ela — disse Lestrade. — E certamente me enganou, pois eu teria jurado que a garota tinha, no mínimo, vinte e cinco anos. Serena, articulada, atenciosa...

Minha contrariedade passou. Comecei a simpatizar bastante com Lestrade.

Meu irmão declarou:

— Atenciosa e imaginativa, talvez, mas não estranha às fraquezas e irracionalidades do seu sexo. Por que, por exemplo, ela disse o nome verdadeiro ao porteiro?

— Talvez por pura ousadia, para conseguir entrar. Mas foi bastante sensata, depois, ao se dirigir para Londres, onde será muito difícil encontrá-la.

— Onde qualquer coisa pode lhe acontecer, mesmo se ela *tivesse* vinte e cinco anos. E ela só tem catorze.

— Onde, como eu dizia antes, qualquer coisa pode acontecer com uma pessoa ainda mais jovem do que ela: o filho do duque de Basilwether.

Nesse momento, Tewky pigarreou e disse:

— Hum, com licença — e se levantou.

Então não tive chance de pensar e, segundo me pareceu na época, também não tive escolha.

Eu fugi.

Assim que o inspetor e o grande detetive viraram para olhar para o garoto vestido com trajes tão comuns, piscaram e o encararam, e finalmente o reconheceram, eu me levantei e me afastei em silêncio. Tive apenas um vislumbre do rosto de meu irmão, e, se eu soubesse quão raro era ver Sherlock Holmes surpreso daquele jeito, teria aproveitado mais o momento. Mas não me demorei: andei alguns passos pelo corredor, abri a primeira porta que apareceu e entrei, fechando-a com delicadeza atrás de mim.

Eu me vi num escritório com várias mesas, todas vazias, exceto uma.

— Com licença — eu disse ao jovem policial, quando ele levantou a cabeça da papelada —, o sargento quer falar com você na recepção.

Provavelmente presumindo que eu tinha sido recém-contratada pela Yard como transcritora de taquigrafia ou algo do tipo, ele assentiu, levantou-se e saiu.

Eu saí também, mas pela janela. Erguendo o caixilho, pulei sobre o peitoril como se estivesse montando uma bicicleta e pousei na calçada, do outro lado, como se descesse dela. Havia pessoas passando, é claro, mas, sem olhar para nenhuma delas, como se fosse perfeitamente

normal sair de um edifício público daquela maneira, removi meu pincenê e joguei-o na rua, onde um grande cavalo prontamente passou por cima dele e o esmagou. Empertigando-me, andei mais rápido, como convinha a uma jovem e profissional trabalhadora. Um ônibus acabara de parar na esquina. Embarquei, paguei minha tarifa, sentei-me no topo, entre muitos outros londrinos, e não olhei para trás. Provavelmente meu irmão e Lestrade ainda investigavam Tewky enquanto o enorme veículo me levava para longe.

Contudo, eu sabia que não demoraria muito para que eles voltassem a me rastrear. Tewky lhes diria que ele e uma garota vestida de viúva haviam escapado juntos do barco de Cutter. Uma garota chamada Holmes. Era bem provável que a essa altura Tewky viraria para mim, no intuito de me apresentar, e não encontraria nada além de dois desenhos. Eu esperava que Lestrade, após conversar com Tewky, pudesse compreender o significado dos desenhos — duas caricaturas deixadas no banco, ao lado de uma hedionda sombrinha verde.

Eu lamentava ter abandonado Tewky tão abruptamente, sem me despedir.

Mas não pude evitar. Tinha de encontrar mamãe.

Também lamentava não ter passado mais tempo com meu irmão Sherlock, mesmo que disfarçada, para olhar para ele, ouvi-lo, admirá-lo. Na verdade, eu sentia sua falta, sentia um anseio em meu coração, como se eu fosse uma joaninha, uma joaninha pronta para voar para casa...

Mas meu famoso irmão detetive *não* se importava em encontrar mamãe. Que fosse para o inferno. Todos os meus sentimentos sobre ele bateram asas e se transformaram em mágoa.

Embora... talvez tivesse sido melhor assim. Sherlock e Mycroft teriam gostado que mamãe voltasse a Ferndell Hall, mas obviamente ela não queria estar lá. Quando — não se, mas *quando* — eu a encontrasse, não pediria a ela nada que pudesse fazê-la infeliz. Eu não a estava procurando para tomar sua liberdade.

Eu só queria ter uma mãe.

Só isso.

Estar em contato com ela. Talvez encontrá-la de vez em quando para conversar enquanto tomávamos uma xícara de chá.

Saber onde ela estava.

Apesar de, intimamente, não conseguir deixar de pensar na possibilidade de que ela estivesse ferida — ainda assim, imaginei que fosse mais provável que mamãe tivesse ido para um lugar onde não havia espartilhos, anquinhas e talvez nenhum chapéu ou botas. Para algum lugar no meio de flores e vegetação. Era irônico, eu pensei, que, tendo seguido o exemplo dela e concretizado minha fuga, eu houvesse ido para essa cidade que mais parecia uma fossa, onde eu ainda não vira um palácio, uma carruagem dourada ou uma dama de arminho, coberta de diamantes. Onde eu tinha visto, em vez disso, uma velha rastejando na calçada, com a cabeça cheia de vermes e feridas.

Certamente mamãe jamais poderia decair desse modo.

Ou poderia?

Tenho certeza de que não; e eu tinha apenas algumas horas para agir antes que todas as delegacias de Londres estivessem em alerta para me procurar.

Descendo do ônibus na parada seguinte, caminhei por um quarteirão e depois chamei um coche. Um veículo de quatro rodas desta vez, para ficar escondida dentro dele e ninguém ver meu rosto.

— Fleet Street — eu disse ao cocheiro.

Enquanto ele conduzia o coche através do pesado tráfego na cidade, mais uma vez peguei papel e lápis para compor uma mensagem:

OBRIGADA, MEU CRISÂNTEMO.
VOCÊ ESTÁ FLORESCENDO? FAVOR ENVIAR ÍRIS.

Eu lembrava distintamente que, no livro *O significado das flores*, “íris” indicava “mensagem”. Colocar íris num buquê alertava ao receptor que prestasse atenção no significado das outras flores que o compunham. A deusa grega Íris levava mensagens entre o monte Olimpo e a Terra através da ponte do arco-íris.

De muitas outras entradas em *O significado das flores*, no entanto, eu não conseguia me lembrar tão claramente. Assim que encontrasse uma acomodação, com certeza deveria obter uma cópia do livro para referência.

Lamentei amargamente a perda do outro livro que minha mãe havia me dado, que por sua vez era insubstituível e minha mais preciosa lembrança dela: meu livro de criptografias. O que Cutter tinha feito com ele eu jamais saberia.

(Foi o que pensei na época.)

Porém garanti a mim mesma que não precisava dele para nenhum propósito prático.

(Novamente, foi o que pensei.)

Pegando a mensagem que tinha escrito, eu a inverti:

SIRIRAIVNEROVAF?ODNECSEROLFATSEECOV
OMETNASIRCUEMODAGIRBO

E então fiz um zigue-zague com ela, para cima e para baixo, e separei-a em duas linhas, do seguinte modo:

SIRIRAIVNEROVAF?ODNECSEROLFATSEECOVO
METNASIRCUEM ODAGIRBO

E então, balançando em meu assento enquanto o coche seguia sacolejando, inverti a ordem das linhas para compor minha mensagem. Eu a publicaria na coluna de anúncios pessoais da *Gazeta de Pall Mall*, que minha mãe raramente perdia, além de na *Revista da Mulher Moderna*, no *Jornal das Costureiras* e em outras publicações que ela apreciava. Meu criptograma ficou assim:

“Fim Hera METNASIRCUEMODAGIRBOSIRIRA início Hera
IVNEROVAF?ODNECSEROLFATSEECOVO.”

Eu sabia que minha mãe, que não resistia a um criptograma, lhe daria toda a sua atenção quando o visse.

E também sabia que, infelizmente, meu irmão Sherlock, que habitualmente lia o que chamava de “colunas pessoais” dos jornais

diários, também notaria.

Mas, como ele não fazia ideia do caminho que a hera segue numa cerca de estacas, talvez não conseguisse decifrá-lo.

E, mesmo se ele o resolvesse, eu duvidava que iria entendê-lo ou associá-lo a mim.

Certa vez — parecia muito tempo atrás, em outro mundo, mas na verdade tinha sido apenas seis semanas antes —, certa vez, pedalando por uma estrada rural e pensando em meu irmão, fiz uma lista mental de meus talentos, comparando-os desfavoravelmente com os dele.

E agora, andando num coche em Londres, em vez de numa bicicleta, eu me vi compilando mentalmente uma lista de meus diferentes talentos e habilidades. Eu sabia coisas que Sherlock Holmes nem sequer imaginava. Enquanto ele havia menosprezado a importância da anquinha de minha mãe (bagagem) e seu chapéu alto (no qual eu suspeitava que ela tinha levado um rolo bastante robusto de dinheiro), eu, por outro lado, compreendia as configurações e os usos dos acessórios e adornos femininos. Eu tinha me mostrado especialista em disfarce. Eu conhecia os significados codificados de flores. De fato, enquanto Sherlock Holmes classificava “o belo sexo” como irracional e insignificante, eu sabia de coisas que sua mente “lógica” jamais poderia compreender. Eu conhecia um mundo inteiro de métodos de comunicação entre as mulheres, códigos secretos de abas de chapéu e rebeliões, lenços e subterfúgios, leques de penas e desafios secretos, ceras de lacre e mensagens no posicionamento do selo postal, cartões de visita, e, além disso, havia uma rede de conspiração feminina na qual eu poderia me envolver. Eu esperava que, sem grandes dificuldades, fosse possível incorporar armas, assim como instrumentos de defesa e suprimentos, a um espartilho. Eu poderia ir a lugares e realizar coisas que Sherlock Holmes jamais poderia compreender ou imaginar, muito menos executar.

E era o que eu planejava fazer.

LONDRES, NOVEMBRO DE 1888

TODA VESTIDA DE PRETO, A ESTRANHA sem nome surge de seus aposentos tarde da noite para rondar as ruas do East End. Na antiquada faixa que envolve sua cintura balança um rosário com contas de ébano tilintando enquanto ela anda. O hábito velado de freira cobre da cabeça aos pés seu corpo alto e magro. Nos braços ela carrega comida, cobertores e roupas para as pobres idosas amontoadas nos degraus do asilo, as mulheres rastejantes que chamam de “dorminhocas” e qualquer um que ela encontre passando necessidade. As pessoas da rua aceitam sua bondade e a chamam de Irmã. Ninguém a conhece por qualquer outro nome, pois ela nunca fala. Aparentemente, ela fez um voto de silêncio e solidão. Ou talvez simplesmente não queira exhibir seu modo de falar, para não ser traída pelo sotaque aristocrático. Em silêncio, ela ia e vinha, despertando curiosidade no início, mas, após alguns dias, sem ser notada.

Numa parte muito mais rica e um tanto quanto boêmia da cidade, alguém abre um escritório na mesma residência gótica onde madame Laelia Sibyl de Papaver, investigadora astral, realizava suas costumeiras sessões espíritas — ou melhor, onde *ele* costumava realizá-las — antes de sua surpreendente prisão, o escândalo da temporada. Com o ocupante anterior preso, um letreiro surgiu na janela da casa: “Dr. Leslie T. Ragostin, investigador científico, em breve disponível para consultas”. Um cientista deve, é claro, ser homem, e um homem importante, alguém bastante ocupado na universidade ou no Museu

Britânico. Sem dúvida era por isso que ninguém no abastado bairro ainda tinha visto o grande dr. Leslie T. Ragostin. Mas todos os dias sua secretária corria para lá e para cá, colocando as coisas em ordem no novo escritório e cuidando dos afazeres dele. Ela é uma jovem comum, sem nada de extraordinário exceto sua eficiência, e muito parecida com as milhares de outras jovens datilógrafas e guarda-livros que sobrevivem em Londres para conseguir enviar um pouco de dinheiro para suas famílias. Seu nome é Ivy Meshle.

Diariamente, como convém a uma virtuosa e modesta jovem que vive sozinha na cidade grande, Ivy Meshle almoça no Salão de Chá das Mulheres Profissionais mais próximo de seu local de trabalho. Lá, protegida de qualquer contato com machos predadores, ela se senta sozinha, lendo a *Gazeta de Pall Mall* e vários outros periódicos. Já encontrou numa dessas publicações um anúncio pessoal que lhe interessou tanto que ela o recortou e o leva consigo para toda parte. Ele diz o seguinte:

“Iníciofim de Íris para Hera

SSELVSLNAOFLROAGENESCENORESCEMAPESOBOSNASCRISASROBEMSAN
TEOOMOSUFLOAOSDOMASTAMAESTL”.

Às vezes, sozinha em seus aposentos baratos, a srta. Meshle (ou talvez a muda e anônima Irmã) tira um pedaço de papel do bolso e fica olhando para ele, mesmo já tendo decifrado a mensagem há tempos:

ESTOU FLORESCENDO AO SOL. SOB O SOL NÃO FLORESCEM APENAS
CRISÂNTEMOS, MAS TAMBÉM AS ROSAS-SELVAGENS.

Essa mensagem foi enviada, ela acredita, por uma mulher feliz, que vaga livremente por um lugar onde não há grampos de cabelo, espartilhos ou anquinhas. Ela está com os ciganos nas charneças.

Se ela tinha distâncias a percorrer, por que não usou a bicicleta?

Por que não saiu pelo portão?

Se resolveu atravessar o país a pé, para onde foi?

Uma única hipótese respondia às três perguntas: a fugitiva não tinha grandes distâncias a percorrer; só precisou vagar pelos campos até encontrar, muito provavelmente por algum acordo prévio, uma caravana dos nômades ingleses.

No livro *O significado das flores*, a rosa-selvagem se refere a “um estilo de vida cigano, livre, errante”.

E, se há algo de ladino na natureza dos ciganos, bem, então aparentemente também havia na natureza de Eudoria Vernet Holmes. Como foi demonstrado por suas transações com Mycroft Holmes. Provavelmente ela tinha se divertido bastante fazendo isso.

Uma pergunta permanecia sem resposta:

Por que mamãe não me levou com ela?

Esse pensamento não a perturbava tanto como antes. Aquela mulher, a amante da liberdade que estava envelhecendo e provavelmente tinha apenas um breve espaço de tempo para realizar seu sonho antes de morrer, tinha feito o melhor que podia por sua filha temporã. Algum dia — planeja a garota que caminha sozinha —, talvez na primavera, quando o tempo estiver quente o bastante para viajar, ela vá procurar sua mãe entre os ciganos.

Enquanto isso, enquanto fita o recorte de jornal, seu rosto comprido e anguloso é suavizado por um sorriso, tornando-se quase bonito: pois ela sabe que, no código secreto das flores, qualquer tipo de rosa significa “amor”.

FIM

SOLUÇÃO DO CRIPTOGRAMA

“INÍCIOFIM” INDICA A CONFIGURAÇÃO DO CRIPTOGRAMA.

Para resolvê-lo, divida o criptograma ao meio:

ETULRSEDASLOOONOLRSEAEACIATMSATMEARSSEVGN
SOFOECNOOOSBSLAFOECMPNSRSNEOMSABMSOASLAES

A primeira linha de letras é “o início da hera”; a segunda linha, “o fim da hera”. Seguindo as letras de cima para baixo e de baixo para cima entre as linhas, lê-se:

ESTOUFLORESCENDO AO SOL SOB O SOL NÃO FLORESCEM APENAS
CRISÂNTEMOS, MAS TAMBÉM AS ROSAS-SELVAGENS

Em seguida, separe o resultado e forme as palavras:

ESTOU FLORESCENDO AO SOL.
SOB O SOL NÃO FLORESCEM APENAS
CRISÂNTEMOS, MAS TAMBÉM AS ROSAS-SELVAGENS.

Enola Holmes

Wikipédia da autora:

https://en.wikipedia.org/wiki/Nancy_Springer

Goodreads da autora:

https://www.goodreads.com/author/show/22547.Nancy_Springer

Skoob da autora:

<https://www.skoob.com.br/autor/4079-nancy-springer>

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

UMA CHAMA ENTRE AS CINZAS

SABAA
TAHIR



VERSUS
LITERATURA

Uma chama entre as cinzas

Tahir, Sabaa

9788576864936

434 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma história épica e eletrizante sobre liberdade, coragem e esperança

Laia é uma escrava. Elias é um soldado. Nenhum dos dois é livre.

No Império Marcial, a resposta para o desacato é a morte.

Aqueles que não dão o próprio sangue pelo imperador arriscam perder as pessoas que amam e tudo que lhes é mais caro. É neste mundo brutal que Laia vive com os avós e o irmão mais velho. Eles não desafiam o Império, pois já viram o que acontece com quem se atreve a isso.

Mas, quando o irmão de Laia é preso acusado de traição, ela é forçada a tomar uma atitude. Em troca da ajuda de rebeldes que prometem resgatar seu irmão, ela vai arriscar a própria vida para agir como espiã dentro da academia militar do Império.

Ali, Laia conhece Elias, o melhor soldado da academia — e, secretamente, o mais relutante. O que Elias mais quer é se libertar da tirania que vem sendo treinado para aplicar. Logo ele e Laia percebem que a vida de ambos está interligada — e que suas escolhas podem mudar para sempre o destino do próprio Império.

[Compre agora e leia](#)

Rachel Renée Russell

DIÁRIO

de uma garota
nada popular

Best-seller
do
New York
Times



Histórias de uma
vida nem um
POUCO
fabulosa



Diário de uma garota nada popular - vol. 1

Russell, Rachel Renée

9788576861164

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nikki, de 14 anos, ganhou uma bolsa de estudos para uma escola particular de prestígio. Sua angústia ao lidar com as meninas malvadas do colégio, a relação com seus pais, sua paixão pelo bonitão da escola e as novas amigas que faz são assuntos registrados em seu diário, ao lado de inúmeros desenhos que ela mesma faz de sua vida. Direcionado principalmente para meninas adolescentes, Diário de uma garota nada popular pode ser considerado uma versão feminina de Diário de um Banana. Nova escola. Nova garota malvada. Nova paixão. Novo diário para que Nikki possa contar tudinho...

[Compre agora e leia](#)

Rachel Renée Russell

DIÁRIO

de uma garota
nada popular



Best-seller
do
New York
Times

Histórias de uma
pop star nem um
POUCO
talentosa

548729

548729

Diário de uma garota nada popular - vol. 3

Russell, Rachel Renée

9788576864967

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Após superar o período de adaptação no novo colégio e conseguir ir à festa de Halloween com o menino de seus sonhos (Brandon) - mesmo que só como amiga -, Nikki Maxwell tem um novo problema para resolver: evitar que todos saibam que seu pai trabalha como dedetizador da escola em troca de sua bolsa de estudos.

Em Diário de uma garota nada popular: histórias de uma pop star nem um pouco talentosa, Nikki teme pela própria reputação e decide participar de um concurso de calouros cujo prêmio é uma bolsa escolar. A partir daí, a protagonista bota um plano perfeito.

[Compre agora e leia](#)

Rachel Renée Russell

DIÁRIO

de uma garota
nada popular

Best-seller
do
New York
Times



Histórias de uma
baladeira nem um
POUCO
glamourosa


VERUS
EDITORA

Diário de uma garota nada popular - vol. 2

Russell, Rachel Renée

9788576864943

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma das adolescentes mais divertidas e atrapalhadas está de volta. Depois de conquistar o público brasileiro, Nikki Maxwell compartilha o segundo volume de seu Diário de uma garota nada popular: Histórias de uma baladeira nem um pouco glamourosa. Já mais adaptada à nova escola, Nikki vê sua vida melhorar ao ser convidada para ser parceira de laboratório de Brendon Roberts, sua paixão secreta. A proximidade faz a adolescente sonhar em ser convidada por ele para ir ao baile de fim de ano da escola. Mas sua principal rival, a detestável MacKenzie, vai fazer de tudo para impedir que isso aconteça.

[Compre agora e leia](#)

4 milhões de exemplares vendidos nas edições romance e mangá
O livro baseado no anime disponível na Netflix

MAKOTO SHINKAI

your name.



Your name.

Shinkai, Makoto

9788576867395

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

O romance do anime com maior sucesso de bilheteria de todos os tempos. Mitsuha é uma estudante que vive em uma pequena cidade nas montanhas. Apesar de sua vida tranquila, ela sempre se sentiu atraída pelo cotidiano das grandes cidades. Um dia, Mitsuha tem um sonho estranho em que se torna um garoto. No sonho, ela acorda em um quarto que não é dela, tem amigos que nunca viu e passeia por Tóquio. E assim aproveita ao máximo seu dia na cidade grande, onde ela adoraria viver. Curiosamente, um estudante chamado Taki, que mora em Tóquio, também tem um sonho estranho: ele é uma garota que mora em uma cidadezinha nas montanhas. Qual é o segredo por trás desses sonhos tão vívidos? Assim começa a fascinante história de dois jovens cujos caminhos nunca deveriam ter se cruzado.

Compartilhando corpos, relacionamentos e vidas, eles se tornam inextricavelmente ligados — mas há conexões verdadeiramente indestrutíveis na grande tapeçaria do destino? A um só tempo divertido e emocionante, your name. é uma leitura inspiradora, capaz de dançar sobre o tênue fio entre a realidade, o sonho e o sobrenatural, conforme acompanha as inquietações de uma garota e um garoto determinados a se agarrar um ao outro.

[Compre agora e leia](#)